



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

STÉPHANIE OLEGÁRIO PINHEIRO

SERÁ QUE ELA É?:
ARMÁRIO E GAYDAR ATRAVÉS DE SOCIABILIDADES DE
MULHERES BISSEXUAIS E LÉSBICAS

Londrina
2015

STÉPHANIE OLEGÁRIO PINHEIRO

SERÁ QUE ELA É?:
ARMÁRIO E GAYDAR ATRAVÉS DE SOCIABILIDADES DE
MULHERES BISSEXUAIS E LÉSBICAS

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Martha Celia Ramírez-Gálvez

Londrina
2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

P654s Pinheiro, Stéphanie Olegário.
Será que ela é? : armário e gaydar através de sociabilidades de mulheres bissexuais e lésbicas / Stéphanie Olegário Pinheiro. – Londrina, 2015.
171 f.: il.

Orientador: Martha Celia Ramírez-Gálvez.
Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2015.
Inclui bibliografia.

1. Gaydar – Teses. 2. Homossexualidade – Teses. 3. Sociabilidade – Teses. 4. Internet e lesbianismo – Teses. 5. Ciências sociais – Teses. I. Ramírez-Gálvez, Martha Celia. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

CDU 3:613.885

STÉPHANIE OLEGÁRIO PINHEIRO

SERÁ QUE ELA É?:
ARMÁRIO E GAYDAR ATRAVÉS DE SOCIABILIDADES DE MULHERES
BISSEXUAIS E LÉSBICAS

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Martha Celia Ramírez-
Gálvez
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof.^a Dr^a. Leila Sollberger Jeolás
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof.^a Dr^a. Regina Facchini
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Londrina, 31 de março de 2015.

À minha vó Lucy. À minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Assim como na graduação, este é um momento para além do especial. Talvez só eu saiba o quanto foi desafiador chegar até aqui e quantas vezes pensei que esse dia não chegaria. A estrada da nossa vida nem sempre é tranquila, e, em curvas sinuosas, só “Deus” sabe o que nos aguarda.

Agradeço primeiramente à Universidade Estadual de Londrina pela oportunidade e acolhimento, ao seu corpo docente pela valiosa formação, à professora Maria José de Rezente pelas aulas inspiradoras, à professora Leila Jeolás pela atenção, leitura, sugestões preciosas e pela honra de tê-la em minha banca. E, principalmente, à minha orientadora: por toda compreensão, disponibilidade e paciência, por apontar caminhos diferentes e outras possibilidades teóricas, sugerindo novas leituras e abordagens, por compartilhar seu rico conhecimento e pela confiança. Agradeço, também, à Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da bolsa durante parte do período de realização deste mestrado e, sem a qual, essa pesquisa não seria a mesma

Agradeço à professora Regina Facchini pela disponibilidade e pelo prestígio de ter sua participação na banca. É motivo de muito orgulho para mim. Agradeço também pela grande contribuição à essa pesquisa, tanto pelas sugestões feitas na qualificação, como por meio das pesquisas que desenvolveu.

Agradeço à minha avó por ter me dado o melhor presente de todos: vida. Eterna saudade! Agradeço à minha mãe, pelo apoio nos piores e melhores momentos. À Ana e família, pelo acolhimento e amor inesquecíveis. Em especial à memória de Carla Braga, sua irmã mais velha.

Agradeço aos amigos, acima de tudo, à Tarcísio Bezerra Martins Filho, “meu irmão”, companheiro de todas as horas e de todas as coisas. Agradeço à Carol, pela atenção, paciência, amor e carinho em todos os momentos da escrita desta dissertação.

Enfim, agradeço à todas as interlocutoras que doaram seu tempo e suas histórias de vida, em especial Elen e Marina pela disponibilidade e prontidão em ajudar.

PINHEIRO, Stéphanie Olegário. **Será que ela é?:** armário e gaydar através de sociabilidades de mulheres bissexuais e lésbicas. 2015. 171 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

RESUMO

Nesta pesquisa procurei compreender como o armário gay e o gaydar são produzidos e produzem subjetividades, identidades e sociabilidades através das diferentes experiências online e offline de mulheres que se autointitulam lésbicas ou bissexuais. Busquei entender também como essas novas dinâmicas reestruturam tanto o armário quanto o gaydar, e como minhas interlocutoras vivenciam sua bi/homossexualidade nesse contexto. A partir de um recorte de diferentes espaços de sociabilidade online, a metodologia desta pesquisa se dividiu entre a observação do site Sapatômica e do vlog Canal das Bee, e a observação participante do bate-papo do UOL, e de dois grupos do Facebook. A pesquisa foi realizada a partir de entrevistas semiestruturadas e em profundidade, e da análise de vídeos, textos e imagens coletados. Armário e gaydar são concebidos por elas como dispositivos “seguros” para as experiências lésbicas diante de situações de homofobia, sexismo e violência. Pode-se considerar que o armário evidencia uma situação de opressão, enquanto o gaydar oculta processos biopolíticos que impõe uma série de classificações ao corpo sexuado, reforçando a matriz heterossexual ao mesmo tempo que ressalta a ficção da mesma. Consequentemente, o conceito de gênero figurou como principal articulador desse movimento entre o segredo e o assumir-se.

Palavras-chave: Armário. Gaydar. Gênero. (Homo)sexualidade. Internet.

PINHEIRO, Stéphanie Olegário. **Could she be?:** the closet and the gaydar according to bisexuals and lesbians women's sociability. 2015. 171 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ABSTRACT

In this research, I seek to comprehend how the “gay closet” and the “gaydar” are produced and produce subjectivities, identities and sociabilities by varying online and offline experiences from women who are self-declared lesbians or bisexuals. I tried to understand how those new dynamics rebuild the idea of closet and the gaydar themselves. And also discern how the women in this research assimilate with their bi/homosexuality in the context. The methodology of this study started from clipping of different online social media, and from there focused in the observation of "Sapatônica" website and "Canal das Bee" vlog, participating as observer in UOL webchat gay channels, and in two Facebook groups. The research was built from semi-structured and in-depth interviews as well as analysis from collected videos, texts and images. Closet and gaydar are designed by them as “safe” dispositives to lesbians experiences in situations of homophobia, sexism and violence. It can also be considered that the closet highlights an oppressive situation, while the gaydar hides biopolitics processes that impose many categories to the sexed body, maintaining a heterosexual pattern while it juts the fiction of itself. As a consequence, the concept of gender turned out to be the most important in this movement between to hide (in) and to assume (out).

Keywords: Closet. Gaydar. Gender. (Homo)sexuality. Internet.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Tirinha	53
Figura 2 –	Tela de acesso do bate-papo do UOL.....	69
Figura 3 –	Na sala: alguns exemplos de falas em busca de iniciar interação	72
Figura 4 –	Interface para cadastro na rede social Facebook.....	78
Figura 5 –	Interface do site Sapatômica.	88
Figura 6 -	Memes	110
Figura 7 –	Casais formados por mulheres que performam feminilidade e masculinidade.....	133
Figura 8 –	Thammy Gretchen e a performatividade de gênero	134
Figura 9 –	Alguns elementos “lésbicos”	140
Figura 10 –	O casal Marina e Clara da novela das 21h “Em Família”	146

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 Aspectos gerais: a pesquisa e seu campo	10
2 Apontando referências	16
1 FORJANDO AS (HOMO)SEXUALIDADES	21
1.1 A “invenção da homossexualidade”	21
1.2 Identidades sexuais: identidades políticas	25
<i>1.2.1. O oásis e o inferno chamado cidade</i>	26
<i>1.2.2. Dos vínculos à identidade</i>	31
<i>1.2.3. Da identidade às identidades: HIV/Aids, movimento e mercado</i>	37
1.3 Gênero e performance	43
2 EXPERIÊNCIA ENTRE REDES	51
2.1 Percursos da pesquisa	51
2.2 Internet como meio, começo e fim	62
2.3 Bate-papo do UOL	68
2.4 O Facebook	77
<i>2.4.1 Os grupos</i>	80
2.5 Sapas atômicas: site	87
2.6 Bee – diversão e cooperativismo LGBT	90
2.7 Conectividade entre redes e ruas	93
3 SUBJETIVIDADES: ENTRE O ARMÁRIO E O GAYDAR	98
3.1 Nasci ou virei?	99
3.2 Nárnia: o armário lésbico e bi	105
<i>3.2.1 A família</i>	107
<i>3.2.2 Armário e armários: da estrela dourada às bissexualidades e variações do desejo</i>	112
3.3 Gaydar: variações de gênero e “exposição da sexualidade”	124
<i>3.3.1 O gênero como espelho de desejos e práticas?</i>	127

3.3.2	<i>“Essa Coca é Fanta”</i>	130
3.4	A relação armário-gaydar	143
CONSIDERAÇÕES FINAIS		155
REFERÊNCIAS		161
APÊNDICES		168
APÊNDICE A – Quadro descritivo das entrevistas.....		169
APÊNDICE B – Roteiro de entrevistas semiestruturadas		171

INTRODUÇÃO

1 Aspectos gerais: a pesquisa e seu campo

Segundo Peter Spink (2003, p.26): “a pesquisa nasce da curiosidade e da experiência tomados como processos sociais e intersubjetivos de fazer uma experiência ou refletir sobre uma experiência”. Não acontece de modo diferente neste caso. Quando em 2002 meu primeiro relacionamento amoroso chegou ao fim, tive a sensação de que ali também se encerrava minha experiência de namorar outra mulher. Com dezoito anos recentes, não sabia da existência de boates gays em Fortaleza, tampouco onde elas se localizavam. Onde, então, encontraria uma pessoa que tivesse os mesmos desejos que eu?

Algum tempo depois, essa inquietação retornou com outro significado. Ao longo de oito anos de convivência com gays e lésbicas, colegas e amigos(as), a recorrência da “necessidade” de identificar o outro como gay, lésbica ou bissexual, e a angústia de contar para os pais ou de ser descoberto, eram temas constantes. Foi proveniente dessa experiência que surgiu o interesse de pesquisar o processo e a relação do armário e do gaydar na vida de lésbicas e mulheres bissexuais, e o quanto esses elementos afetaram e afetam seu cotidiano, moldando toda uma existência. Nesta pesquisa, procurei compreender como o gaydar e o armário são produzidos e produzem subjetividades e identidades através das diferentes experiências de mulheres que se autointitulam lésbicas ou bissexuais¹.

Os termos “armário” e “gaydar” talvez sejam desconhecidos pela maioria das pessoas que não sejam “entendidas”², mas certamente estão presentes nas rodas de conversa, nos blogs, nos *chats* de bate-papo, nos grupos das redes sociais. Eles são discutidos e problematizados pelos sujeitos que se autoclassificam como homossexuais e até por aqueles que se consideram heterossexuais.

¹ Para me referir à “prática homossexual” utilizarei outras nomenclaturas correntes como: “homoafetivo”, “gay”, “lésbica”, “homoerótico”, “mulheres que amam mulheres”, “mulheres que se relacionam com mulheres”, ou ainda “mulheres que fazem sexo com mulheres”. Para além das especificidades de cada termo, e das críticas sobre as expressões “a”, “b” ou “c” carregarem uma maior ou menor carga pejorativa e política, sigo a mesma linha de raciocínio de Trevisan (2011), quando este diz que a mudança de uma terminologia não esvazia os discursos eivados de preconceito daqueles que são os principais promotores da homofobia e da disseminação de verdadeiras ondas de ódio e terror.

² Entendida (ou entendido) é uma gíria comum no “meio gay” para dizer que uma determinada pessoa é homossexual e que por ter um mesmo objeto de desejo e/ou conviver com outros homossexuais, possui conhecimento sobre esse mesmo meio. Ver França (2010) e Guimarães (2004).

De forma sucinta, o termo *gaydar*³, aglutinação das palavras *gay* e *radar*, refere-se à capacidade de identificar a orientação sexual de outras pessoas sem que estas a tenham revelado/comunicado de forma explícita, direta ou objetiva. O principal meio utilizado para esse “reconhecimento” são os estereótipos construídos pelo uso de elementos considerados pertencentes ao sexo oposto, por exemplo, uma mulher que usa sapato social masculino. Também chamado no meio *gay/lésbico* de *lesbômetro*, *lesdar*, *sapar*, *bibômetro* dentre outras possíveis variações, o *gaydar* poderia ser conceitualizado como uma tecnologia de leitura dos corpos dos outros por intermédio dos discursos que os produzem e os materializam (BUTLER, 2010; 2010a; FOUCAULT, 2009). Já o “armário”, a partir do pensamento de Sedgwick (2007), pode ser definido como um dispositivo de regulação da vida dos homossexuais em geral, funcionando como um refúgio onde o indivíduo mantém em segredo sua homossexualidade. Esses conceitos serão desenvolvidos ao longo do terceiro capítulo.

A proposta inicial da pesquisa foi a de investigar o *gaydar*: o que era, como funcionava, a sua relevância ou não na vida de lésbicas e qual conexão estabelecia com a questão da visibilidade enquanto objetivo político do movimento LGBT. Contudo, a medida que fui delineando o *gaydar* como objeto de estudo, percebi que se tratava de algo mais complexo do que mapeá-lo e analisá-lo.

Ter o cotidiano atrelado a um ambiente de presunção heterossexual, no qual qualquer sexualidade que destoe é passível de sanções morais e físicas (MISKOLCI s/d; 2009), significa estar (ou precisar estar) constantemente manipulando e controlando informações sobre a vida pessoal através de representações, nas quais o indivíduo almeja que os outros acreditem que “o personagem que veem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as consequências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser” (GOFFMAN, 2009, p.25). Entre a prudência, recomendada diante da discriminação, e a normalização, que torna a expectativa normativa da heterossexualidade soberana, o “radar *gay*”, popularmente denominado “*gaydar*”, por ser um mecanismo discreto de identificação da homossexualidade, configura-se como uma alternativa “segura” para a identificação de pessoas homossexuais.

³ A origem do termo *gaydar* não é datada. Apesar de uma entrevistada ter associado o termo ao surgimento do aplicativo para *smartphone* *Gaydar*, o termo já era conhecido entre lésbicas, gays e bissexuais brasileiros/as. No caso das lésbicas e mulheres bissexuais, o termo se popularizou principalmente após a estreia, em 2004 (transmitida até 2009), da primeira temporada da série *The L Word*, produzida pela emissora Showtime. Um seriado dramático sobre o cotidiano de um grupo de amigas lésbicas e bissexuais em Los Angeles, Califórnia.

Destarte, gaydar e armário estão intrinsecamente conectados. Primeiro porque se não houvesse um “armário gay” (derivado de um heterossexismo e, também, da vontade individual que busca a autopreservação, mantendo a homossexualidade em segredo e evitando uma possível estigmatização) não haveria a necessidade de um “dispositivo” de reconhecimento. Segundo, pelo fato do armário ter possibilitado a existência de algo a ser identificado, pois o “armário deu uma consistência abrangente à cultura e à identidade gays” (SEDGWICK, 2007, p. 22). São as práticas, as normas, as condutas, os códigos, os símbolos, os significados construídos nos “lugares gays” e dentro dos círculos de amizades – *online* e *offline* –, que construíram essas identidades ditas homossexuais. E são as performances, as representações dessas e de outras características ainda não conhecidas que constroem o gaydar. Assim, a percepção da indissociabilidade do gaydar com o armário fez surgir em minha construção teórica a necessidade de pensar também a concepção do “armário” enquanto conceito.

Para desenvolver este trabalho, tinha-se como proposta a observação de uma rede de lésbicas que residissem em uma cidade de médio ou grande porte. Partindo-se desta intenção optou-se, em princípio, pela cidade de Londrina-PR⁴ para a realização do campo. Estrangeira em Londrina, não conhecia nem os espaços, nem as pessoas que poderiam facilitar ou auxiliar essa entrada no campo. Empenhada em atenuar esse desconhecimento, conversei com alguns poucos contatos que tinha na cidade, e apesar de ter realizado algumas entrevistas com diferentes meninas que residiam na cidade de Londrina e que se autotranscreviam como lésbicas⁵, a troca inicial de contato, através de telefone, e-mail e Facebook, não rendeu muitos resultados que me permitissem uma inserção etnográfica em suas redes.

Sem obter sucesso e diante de um espaço desconhecido, adotei a internet como possível solução. Remontei às minhas experiências anteriores no chamado “mundo gay”⁶ como maneira de iniciar uma nova rede de contatos e retomei a atividade *online*. Entrei

⁴ Cidade onde se localiza meu programa de mestrado.

⁵ Essas entrevistas semiestruturadas e presenciais foram derivadas de contatos *offline*. No tocante à internet, cheguei a ter contato com duas meninas que nasceram e cresceram em Londrina, mas que residiam em outros locais no período da pesquisa. Com estas, por falta de oportunidade, não houve nenhuma entrevista, apenas algumas conversas em grupo e informais com meninas de várias cidades do Brasil por meio de conferências em software de troca de dados instantâneos em forma de texto, vídeo e áudio (Skype).

⁶ Isadora Lins França (2010) traz em sua tese várias referências a ideia de “mundo gay” bem como a transformação desse espaço ao longo das décadas, num período que se inicia na década de 1970 até os dias de hoje. Para esta autora, o “mundo gay” seria um espaço de sociabilidade voltado exclusivamente ou preferencialmente para homossexuais e bissexuais (o que não implica, em nenhum dos dois casos, a não

nas salas de bate-papo do UOL e do Terra, visitei sites voltados para o público homossexual feminino, comecei a participar de grupos “fechados” e alguns “secretos”⁷ do Facebook (aqueles que tinham um grande número de participantes e atividade constante), e me cadastrei no “Leskut”, uma rede social exclusiva para mulheres lésbicas, bissexuais, curiosas e simpatizantes (rede posteriormente descartada pela pouca assiduidade observada durante o período de um mês). Desse modo, ao praticar essa navegação exploratória, paulatinamente meu campo migrou para a internet que possuía um extenso e denso material disponível *online*, além de inúmeras facilidades de acesso a esses materiais e às interlocutoras potenciais.

Devido à diversidade e à grande quantidade e extensões de conteúdos de blogs, sites e afins (visto que esses sites possuem página no Facebook, Twitter e outras formas de interação com quem os acessa) foi imprescindível fazer uma seleção desses provedores e de seus conteúdos. A escolha foi baseada na relevância e popularidade dos mesmos, ou seja: a) número de acessos; b) quantidade de comentários em cada publicação; c) frequência de atualizações; d) quantidade de pessoas que falaram e/ou indicaram o conteúdo desses por meio de redes de sociabilidade como Twitter, Facebook, nas entrevistas informais e formais; e) a facilidade de encontrá-los através do site de busca Google – cujas palavras mais usadas para achar os conteúdos pesquisados foram: “lésbica”, “homossexual”, “sapa”, “sapatão”, “gaydar”, “lesdar”, “gaydar de lésbica”, “como saber se ela é”, “armário”, “Nárnia” e “se assumir”. Creio que essa forma de seleção atendeu à busca do público alvo desta pesquisa, visto que geradores de conteúdo conhecidos por uma quantidade significativa de lésbicas, em maior ou menor medida, influenciam e são influenciadas por elas.

existência de heterossexuais nesses ambientes). Ou seja, o conjunto de bares, boates e outros lugares frequentados por estes e nos quais, aos poucos, surge e se consolida um sentimento de “comunidade” e uma “cultura”. Acrescento a esta lista de bares, boates e afins, os ambientes *online* direcionados ao público homossexual ou frequentados por elas, por exemplo, as salas de bate-papo e as redes sociais. Como dito acima, esse “mundo gay” passou e passa constantemente por transformações e não forma um todo homogêneo.

⁷ Os grupos do Facebook equivalem em certa medida às comunidades do Orkut. Tratam-se de espaços dedicados à discussão e troca de informações sobre determinado assunto ou um tema geral, e podem ser abertos, fechados e secretos. Os abertos permitem a participação de qualquer um, basta para isso clicar em “participar do grupo”. Para participar dos grupos fechados é preciso autorização de um administrador do grupo que aceite a sua solicitação e somente os membros do grupo podem ver as publicações. E, por fim, para participar dos grupos secretos é necessário que alguém já pertencente ao grupo lhe convide e que o administrador do grupo aceite sua solicitação. Além disso, os grupos secretos não aparecem nas pesquisas feitas na plataforma de busca do Facebook, tampouco ficam visíveis para sua rede amigos na rede social. Todas as interações que ocorrem na página deste tipo de grupo são visíveis apenas para seus membros (FACEBOOK: <https://www.facebook.com/help/www/412300192139228/> acesso em dezembro de 2013).

Assim, selecionei o site: “Sapatômica” (<http://sapatomica.com>). O vlog⁸: “Canal das Bee” (<http://www.youtube.com/user/CanalDasBee>) – assisti a todos os vídeos publicados entre 09 de novembro de 2012 e 19 de dezembro de 2013, e a alguns vídeos posteriores que trataram de alguma forma do tema desta pesquisa. No site e no vlog, restringi a pesquisa apenas a uma observação por questões de exequibilidade. Também selecionei dois grupos secretos do Facebook, um do qual eu já fazia parte, e outro indicado por uma amiga. A pesquisa também se desenvolveu na sala de bate-papo “amizade lésbica” do site UOL. Nesses dois meios, grupos e bate-papo, além da observação, houve interação com as participantes e a realização de algumas entrevistas.

Nos grupos do Facebook e em meu blog (Na Ponta dos Dedos) disponibilizei um e-mail para que aquelas que tivessem interesse em participar de uma pesquisa a respeito do armário e do gaydar se comunicassem comigo. Logo, nos primeiros contatos, fez-se necessário a elaboração de tópicos sobre os quais eu tivesse interesse que elas discorressem. Esta solicitação partiu das próprias mulheres que responderam ao meu convite.

De forma geral, as perguntas iniciais versavam sobre como elas compreendiam o armário e o gaydar, se já tinham ouvido esses termos, qual a relação delas com essa “ferramenta” de identificação/classificação da orientação sexual, o que elas pensavam sobre “se assumir”, qual a importância da sexualidade em suas vidas e se elas se classificavam quanto a isto; perguntei também sobre as relações que mantinham com os pais, amigos, local de trabalho e estudo. Mesmo que algumas perguntas tivessem relevância inegável, a finalidade dessas questões não era apenas a de obter respostas ou informação em si, mas a de criar um vínculo com algumas dessas pessoas, com o intuito de dar continuidade a discussão desses temas, experiências, ouvindo suas opiniões, pensamentos e posturas de forma mais profunda.

É importante pontuar de antemão que, mesmo procedendo a utilizar esse recorte, não houve exclusão de blogs, sites, vlogs e páginas do Facebook⁹ que publicaram conteúdos relacionados à pesquisa, e todos os espaços que foram visitados fazem parte de

⁸ Vlog, junção da palavra vídeo + log, são vídeos publicados principalmente no Youtube (<http://www.youtube.com>) nos quais pessoas falam sobre temas diversos.

⁹ As páginas do Facebook são destinadas a conectar pessoas a uma empresa, marca, organização, celebridade ou um tópico pelo qual elas tenham interesse. Qualquer usuário do Facebook pode curtir uma página e a partir de então receber “atualizações” (as publicações mais recentes) em seu Feed (espaço central na página inicial do usuário do Facebook onde se localizam as mais recentes e/ou mais importantes publicações de seus amigos, grupos e páginas curtidas) de notícias (FACEBOOK, <https://www.facebook.com/help/174987089221178>, acesso em dezembro de 2013).

uma forma ou de outra da construção dessa dissertação. Além disso, também foram utilizados como material de análise notícias de jornais televisionados e seus respectivos sites, telenovelas, séries da televisão fechada – atuais ou não, que abordassem a temática de interesse deste trabalho.

Nesses meios, de modo sucinto, busquei dar mais atenção para postagens sobre o gaydar, a saída ou a permanência no armário e informações gerais como: estilo, formas de lazer, tipos de entretenimento, relacionamentos com amigos, namoradas e pais; ou seja, publicações que ajudassem a compreender as diferentes formas e (re)produções de subjetividades e interações sociais de mulheres em relações homo ou bissexuais.

Contudo, pesquisar na internet apresenta uma série de desafios: a velocidade das atualizações, a possibilidade de efemeridade das relações e dos conteúdos, como também desafios éticos. Mas, apesar das complicações, a centralidade contemporânea da internet na vida das pessoas – o que não se deve ignorar – pode ser considerada mais do que uma forma de organização do cotidiano. Além disso, no caso das relações homoafetivas, segundo Miskolci (2009), a internet se tornou passagem quase obrigatória para sujeitos que nutrem desejos homoeróticos. Como uma de minhas colaboradoras comentou: *“foi através primeiramente da internet que conheci pessoas que me fizeram perceber que eu era normal, foram elas que me ajudaram a não achar tão errado o que eu estava sentindo”* (MARI, 25 anos, notas de campo). Assim:

Pessoas que antes se sentiam únicas eram relegadas a contextos discriminatórios e a um isolamento que reforçava nelas um sentimento de solidão que as enfraquecia, agora podem fazer contato com outras como elas, ou que as respeitam, rompendo o ciclo da discriminação, isolamento e solidão que, mais frequentemente do que gostaríamos de constatar, as levava até mesmo a perecer (MISKOLCI, 2011, p.21).

Dedicando-me à compreensão da dinâmica entre: gaydar, armário, produção de subjetividades, relações *online*, identidade, gênero e performatividade, entre outubro de 2012 e fevereiro de 2014, procurei empreender no processo desse estudo a “noção mais ampla de campo-tema como debate constante e sem limites ou fronteiras” (SPINK, 2003, p.31), mesmo reconhecendo que esta pesquisa circunscreveu-se as mídias digitais.

2 Apontando referências

Para melhor compreender os debates propostos acima é necessário conhecer, ainda que parcialmente, o contexto histórico, político e sociocultural que fomentou o surgimento do armário e do gaydar e do seu “sujeito”: o “homossexual”; e ter ferramentas teóricas que possam colocá-los em discussão.

Isto implica pensar desde a “invenção da homossexualidade¹⁰” em sua concepção atual – que surgiu dentro de um discurso médico-científico atrelado a um movimento de higiene social no século XIX (ADELMAN, 2000), com suas diferentes “produções” do pecado, da patologia, do desvio –, até os embates contra os discursos médicos e religiosos, e as lutas por visibilidade e direitos, apoiadas pelos movimentos de orgulho gay, pelas bandeiras e paradas LGBT’s (FRY; MACRAE, 1985; FRANÇA, 2010). Como bem afirma Sedgwick (2007, p.51), “é óbvio que os resultados políticos de todas essas trajetórias de identificação potencial foram radicalmente, e às vezes violentamente, modificados por diferentes forças históricas, principalmente a homofobia e o sexismo”. No que tange à primeira parte desse contexto, Foucault se apresenta como uma inevitável referência.

Michel Foucault (2005; 2008; 2010; 2010a) ao escrever sobre a sociedade disciplinar, o biopoder e a sexualidade, não apenas trouxe à luz os desdobramentos que geraram esses dispositivos, como também estabeleceu uma forma diferente de se perceber o elo indivíduo e sociedade e a relação destes com a política e as formas de governo.

O poder é central a todas essas discussões propostas por Foucault. Para o autor (2010), o poder não se referia a um sistema geral de dominação exercida por um indivíduo, elemento ou instituição. Para ele, o poder é onipresente “porque se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e outro. O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 2010, p.103). Além disso, ainda segundo Foucault (2008), o poder não é apenas algo negativo, o poder não apenas reprime, mas, acima de tudo, produz realidades.

¹⁰ homossexualidade é a nomenclatura que passou a classificar as práticas afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo no ocidente. O termo “original” era *homossexualismo*, contudo o sufixo *-ismo*, por fazer menção a uma enfermidade, foi removido da palavra definitivamente na década de 1990 quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da lista de Classificação Internacional de Doenças (CID).

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (FOUCAULT, 2008, p.8).

Dentre as realidades produzidas, encontra-se a sexualidade que, somada aos estudos sobre poder, promoveram o nascimento de um dos principais conceitos foucaultianos, o conceito de biopolítica. Grosso modo, a biopolítica seria o poder exercido com pretensões de administrar a vida e o corpo da população (DUARTE, 2008), e a sexualidade seria seu principal eixo, pois:

[...] de um lado, a sexualidade, enquanto comportamento exatamente corporal, depende de um controle disciplinar, individualizante, em forma de vigilância permanente (e os famosos controles, por exemplo, da masturbação que foram exercidos sobre as crianças desde o fim do século XVIII até o século XX, e isto no meio familiar, no meio escolar, etc., representam exatamente esse lado de controle disciplinar da sexualidade); e depois, por outro lado, a sexualidade se insere e adquire efeito, por seus efeitos procriadores, em processos biológicos amplos que concernem não mais ao corpo do indivíduo mas a esse elemento, a unidade múltipla constituída pela população. A sexualidade está exatamente na encruzilhada do corpo e da população (FOUCAULT, 2005, p.300)

Dentro desse conjunto teórico foucaultiano (de produção da sexualidade, do poder e da biopolítica), o pensamento de Judith Butler (2006) atualiza alguns estudos de Foucault. A noção de violência normativa, articulada com a noção de inteligibilidade (BUTLER, 2006), é crucial na discussão que essa autora empreende sobre o problema das vidas não-realizáveis, discussão que se torna fundamental para a compreensão de como minhas interlocutoras lidam diariamente com situações de preconceito e invisibilidade de si e de seus desejos.

De acordo com a interpretação de Toneli e Becker (2010, p. 6), “a violência normativa é primária em um duplo sentido: ela permite a ocorrência da violência secundária que então consideramos como típica, e, serve para apagar essa última”; é uma violência “exercida ‘antes’ da violência cotidiana/rotineira invisibiliza-a, torna-a inexistente”. Assim, segundo a compreensão das autoras (2010), em Butler, há dois tipos de violência, uma primária que impõe normas construindo/destruindo mentalidades e comportamentos; e a outra, secundária, que seria um tipo de vigilância dessa violência primária, um policiamento para certificar que as regras foram aprendidas e interiorizadas; cujos sujeitos que se desviarem da norma poderão sofrer sanções sociais, xingamentos e/ou diferentes tipos de abuso físico, psicológico e sexual.

Tanto o sexismo quanto a homofobia, dois tipos de violência as quais milhares de pessoas são submetidas diariamente, são aspectos essenciais dessa dissertação, seja pela questão do gênero – sempre evocado pelas interlocutoras e presente nas dinâmicas de sociabilidade –, seja pela experiência da injúria que, segundo Eribon (2008), seria especialmente estruturante para a subjetividade de um indivíduo homossexual.

[...] deve-se notar que a injúria é apenas a forma derradeira de um continuum linguístico [...]. Pode ser lida ou ouvida simplesmente na inflexão da voz, num olhar divertido ou odioso. É evidente que todas as formas atenuadas ou desviadas da injúria constituem o horizonte linguístico da hostilidade na qual devem viver os homossexuais (ERIBON, 2008, p.64).

E é dentro desta configuração de medo e vergonha que Sedgwick (2007, p.19) formula seu conceito sobre o armário, concebido como “um dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas”.

A construção histórica que marginalizou os homossexuais (ADELMAN, 2000; FRY; MACRAE, 1985; SIMÕES; FACCHINI, 2009) fomentou a criação do “armário” (SEDGWICK, 2007; MISKOLCI, s/d; 2009; 2013), e, conseqüentemente, criou a necessidade desses tentarem se identificar/reconhecer (uns aos outros) em ambientes públicos, onde a heterossexualidade existe como norma e como expectativa. Em função disso, acredito que esses elementos são uma característica formadora da vida da maioria das pessoas homoafetivas, estabelecendo e/ou construindo o seu comportamento, sua identidade, suas relações interpessoais (familiares, de trabalho, amorosas e de amizade), até mesmo “orientando” os locais que frequentam em momentos de lazer.

A segurança evocada pelo armário e o gaydar (segurança do armário pela manutenção do segredo, e do gaydar pela ideia de que apenas gays, lésbicas e bissexuais seriam capazes de se reconhecerem mutuamente), aludem diretamente às questões de gênero. Para minhas interlocutoras, por exemplo, a orientação homossexual do outro é verificada através de uma aparência mais masculinizada – no caso das mulheres; ou mais afeminada, no caso dos homens; isso porque, como aponta Butler (2006 p.21), “escoger el propio cuerpo implica, ineludiblemente, navegar entre normas que son trazadas por adelantado y de forma previa a la elección personal”. O corpo, então, por ser o “espaço” visível e passível de múltiplas configurações e arranjos do gênero, pode ser compreendido como instância privilegiada, como *locus* de subjetividades.

Tudo o que está no corpo pode significar algo (gostos pessoais, ideologias, cultura), pois o corpo é disciplinado, controlado, é “coagido” a ter determinadas posturas: fazer este ou aquele tipo de gesto, desta ou daquela maneira, ou seja, é no corpo que se conhecem e se executam regras de apresentação, compostura, etiqueta etc., que variam segundo o sexo, estatuto, idade, grau de parentesco ou familiaridade do interlocutor, etc. (RIVIÈRE, 1996).

Entre a prudência diante de possíveis discriminações que configuram formas de violência, e a normalização que concebe a heterossexualidade como expectativa normativa, o gaydar e o armário se configuram como dispositivos para o estabelecimento de diferentes vínculos homoafetivos e homoeróticos. Assim, o foco deste trabalho é a produção e as leituras desses signos e como eles produzem subjetividades e identidades entre mulheres que se autodefinem como lésbicas ou bissexuais.

Para desenvolver esse estudo, a dissertação compõe-se de três capítulos e as considerações finais. No primeiro capítulo busco situar o contexto histórico no qual se assenta a pesquisa de campo, discutindo o percurso da produção da homossexualidade a partir do século XIX, os caminhos do que significou ser homossexual no cenário brasileiro, a relação com a cidade, os vínculos, o surgimento das identidades e a questão do gênero.

Em seguida, no segundo capítulo, apresento o campo da pesquisa. Há uma descrição dos “espaços” e das interações. Nele procurei compreender a dinâmica dos meios pesquisados, de como as homossexualidades são e podem ser vivenciadas através da internet, e outras questões encontradas no campo – dificuldades/vantagens de uma etnografia em ambiente *online*.

O terceiro capítulo é dedicado de maneira mais específica à questão do armário e ao gaydar por meio das falas das minhas interlocutoras, dos conteúdos dos sites, vlogs, páginas e grupos das redes sociais. Esse capítulo, por conseguinte, engloba a questão do gênero, da homofobia, do sexismo, da performatividade das identidades sexuais e suas categorias – reavivando-as e problematizando-as. Sobre o conteúdo apresentado neste capítulo, vale dizer que todas as imagens utilizadas foram retiradas dos espaços visitados, exceto quando a qualidade da imagem era insuficiente, nesses casos, procurei por imagens idênticas ou semelhantes no Google, não havendo perda ou dano às análises baseadas nas mesmas; os dados de campo – falas e textos –, encontram-se em *itálico*; as falas das

entrevistadas são referenciadas com nomes fictícios; e as falas das participantes dos grupos do Facebook, por suas iniciais.

Nas considerações finais retomo algumas discussões que me pareceram mais fecundas no decorrer da pesquisa e da escrita, e as retomo com o intuito de apontar novos problemas e questões a serem desenvolvidas em pesquisas posteriores, visto que essa pesquisa tem caráter exploratório, tanto pela qualidade e amplitude do campo no qual desenvolvi a investigação, quanto pelo tema, pois este é relativamente recente e pouco discutido principalmente no que tange ao gaydar.

Certamente em maior ou menor medida, existirão momentos na leitura deste trabalho nos quais a objetividade dita científica será trespassada pela emoção das experiências de uma determinada “condição desviante”, dos discursos e das conversas com minhas interlocutoras e das observações feitas nos diversos locais pesquisados.

Falo de emoção porque ao longo do desenvolvimento deste trabalho, foi a emoção e seus desdobramentos nas diversas modalidades de relações afetivas que cada indivíduo estabelece em diferentes ambientes e níveis (relação com os pais, irmãos, primos, avós, amigos, com colegas de trabalho dentro e fora deste ambiente, com “amores”, namoradas, casos e “transas”), que esteve sempre presente nos medos, nos desejos e nos sonhos dessas mulheres.

1 FORJANDO AS (HOMO)SEXUALIDADES

É comum que generalizações carreguem em seu bojo a potencialidade de, cedo ou tarde, tornarem-se problemáticas, falhas, ultrapassadas, erradas. Apesar das advertências, percorrerei tal caminho ao afirmar que todos os conceitos (ou simplesmente a relação entre significante e significado, somada aos conjuntos semânticos destes e outras referências e inferências possíveis a partir das palavras e dos discursos) apenas são passíveis de compreensão quando inseridos num determinado contexto temporal, espacial, dialógico. Do mesmo modo, a relação entre uma ação e seu sentido são indissociáveis, como no clássico exemplo das piscadelas oferecido por Geertz no primeiro capítulo de “A interpretação das culturas” (1978).

A ressalva acima deve-se ao fato de que relatos sobre a prática sexual e afetiva entre pessoas do mesmo sexo chegam a se perder no tempo de tão longínquas que podem ser. Assim, a concepção de “homossexualidade” e suas implicações se alteraram no tempo, na história e nas diferentes culturas.

É partindo dessas observações – de que o significado e o uso do conceito é conjuntural – que se dá a construção deste primeiro capítulo. Nele, como dito na introdução, busco localizar o contexto histórico no qual se situa a pesquisa de campo, discutindo o percurso da produção da homossexualidade a partir do século XIX, e principalmente os caminhos dessa produção no cenário brasileiro.

1.1 A “invenção da homossexualidade”

O significado de homossexualidade enquanto conceito, mesmo cunhado há mais de um século, continua muito fluído. Como definição, fala-se, sobretudo, em atração pelo mesmo sexo, em praticar sexo com pessoas que possuam as mesmas genitálias ou que pareçam pertencer ao mesmo gênero. Essas visões acerca da homossexualidade acabam por funcionar como uma cartilha para definir e colocar as pessoas e desejos em seus “devidos” lugares. Porém, ao descer aonde habitam os sujeitos, os discursos e práticas são mais complexos. A forma como cada indivíduo percebe a si mesmo e ao mundo não é tão simples, e estes não se submetem às regras sociais sistematicamente.

Há diferentes caminhos a serem percorridos para se chegar aos debates dos dias atuais e ao objeto desse estudo. A escolha por iniciar este roteiro com Foucault, deve-se ao encontro entre a historicização da sexualidade feita por ele, bem como sua discussão sobre normalização, normatização e medicalização, visto que dentre os discursos extremamente hierarquizados, o discurso médico-científico tem grande importância e é utilizado tanto para deslegitimar a homossexualidade como para legitimá-la.

A partir do século XVII, de acordo com Foucault (2010), começou a se desenvolver uma nova forma de poder, um poder político que assumiu a tarefa de gerir a vida. Esse poder dividiu-se em dois polos principais: o do corpo como máquina – que diz respeito ao adestramento desse corpo, a ampliação de sua força, aptidões, e é inerente à sociedade disciplinar; e, posteriormente (na metade do século XVIII), no corpo-espécie, ou seja, nos mecanismos biológicos que visavam o controle da natalidade, mortalidade, saúde, expectativa de vida. Por se situar entre esses dois eixos, o “sexo” foi o dispositivo que permitiu o acesso à vida do corpo e da espécie. Conseqüentemente, esse modelo de administrar a vida empregou e produziu novos instrumentos, técnicas, estruturas e saberes.

Utilizada como um “princípio” nesse novo formato de gerir a vida, a sexualidade foi exaustivamente observada e examinada nas suas condutas e práticas pelas mais diferentes áreas do conhecimento. Segundo Foucault (2010), a política do sexo avançou em quatro grandes linhas: a sexualização das crianças, a histerização das mulheres, o controle de natalidade e a psiquiatrização das perversões. Por todos os fatores citados, para o autor, nós estamos em uma sociedade do “sexo”, ou melhor, “de sexualidade”.

Nessa exploração quase taxionômica da sexualidade, no final do século XIX, dentro do contexto da biopolítica¹¹ e de um projeto de higiene social associado ao discurso médico-científico, surgiu “o homossexual” enquanto categoria. As primeiras produções da área médica sobre práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo foram escritas pelo alemão Karl Heinrich Ulrichs, pelo médico húngaro Karoly Maria Benkert e pelo austríaco Krafft-Ebing. Ulrichs publicou livros sobre sexualidade entre 1864 e 1879 e cunhou o termo “uranista”. Ele acreditava na naturalidade de uma inversão sexual, na oposição entre partes genitais e o cérebro (desejo), por exemplo: sexo masculino – desejo feminino. Já

¹¹ Grosso modo, o conceito de biopolítica poderia ser assim explicitado: “deveríamos falar de ‘bio-política’ para designar o que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana” (FOUCAULT, 2010, p.155).

Karoly Maria Benkerte, em 1869, cunhou o termo homossexual. E Krafft-Ebing, em 1894, considerava o “homossexualismo” uma patologia ou uma perversão (ADELMAN, 2000; FRY e MACRAE, 1985).

Destarte, o processo de construção dessa homossexualidade significou em grande parte a produção de uma patologia (ADELMAN, 2000), estigmatizando, quase imediatamente, os indivíduos que se declarassem ou fossem declarados portadores desse desvio¹², fosse ele percebido como pecado, doença, ou perversão.

A concepção de homossexualidade tal qual foi estabelecida e disseminada a partir do século XIX, e que (ainda e por enquanto) é tida como certa e óbvia pelo senso comum, entende que o homossexual é aquele indivíduo que tem prática e desejo sexual por alguém do mesmo sexo. Porém, no tocante ao Brasil, essa noção possuiu e, em certa medida, ainda possui alguns contornos diferenciados e, mesmo assim, não pode ser generalizada.

Fry e MacRae (1985) apontam que no Brasil, antes da propagação do modelo médico, a concepção de homossexualidade era designada, primeiramente, pelos papéis sexuais desempenhados: masculino vs. feminino que deveriam corresponder respectivamente ao ativo vs. passivo:

Neste esquema, então, as relações sexuais esperadas também são todas “heterossexuais” em termos de papéis sexuais. As pessoas socialmente “femininas” se relacionam com as socialmente “masculinas”. As mulheres e bichas se relacionam com os homens e os homens e mulheres-machos se relacionam com as mulheres. O que é considerado realmente “desviante”, de acordo com estas regras, são relações “homossexuais” não em termos fisiológicos, mas em termos dos papéis sexuais. Assim, um homem pode se relacionar sexualmente com uma bicha, enquanto o primeiro é “ativo” e o segundo “passivo”. Nesse sentido, o que causa escândalo é quando bicha se relaciona com bicha. Esta, sim, seria a relação “homossexual”, e ela é ridicularizada no ditado popular “bicha com bicha da lagartixa” (FRY; MACRAE, 1985, p.45).

A intensa produção discursiva sobre a sexualidade não era monolítica nem livre de contradições. A “sexologia”, nova ciência do século XIX que se dedicou à tarefa de classificar os “tipos” e os comportamentos sexuais, e que contribuiu para produzir a homossexualidade como uma patologia, também teve uma abordagem que tentava justificar a homossexualidade, argumentando que se tratava de uma natureza diferente que algumas pessoas possuíam, contra a qual (sendo esta “natural”) não haveria razão para se lutar.

¹² Por “desvio” compreendo aquilo que foge às construções sociais naturalizadas e hegemônicas. Para saber mais, ver Howard Becker, “Outsiders – Estudos de sociologia do desvio”, 2008.

A noção de homossexualidade começou a ganhar contornos menos unilaterais quando o mesmo tipo de discurso médico que a colocou na categoria de doença, “mais tarde, perante as críticas oriundas do movimento homossexual, ela [a medicina] soube se preservar e, usando as mesmas noções de saúde e doença, introduziu a noção do ‘homossexual sadio’” (FRY; MACRAE, 1985, p. 77). Ainda quanto ao papel da medicina, os autores acrescentam que:

É mais do que claro que, no campo da sexualidade, saúde e doença no idioma dos médicos são apenas metáforas para “bom” e “ruim”, mascarando e legitimando juízos fundamentalmente morais. [...] Mas gostaríamos de sugerir que a “ciência médica” teve um papel político fundamental num nível mais sutil e profundo, pois ela é em grande parte responsável pelas noções que as classes médias urbanas têm a respeito da homossexualidade (FRY; MACRAE, 1985 p. 78).

Foi, pois, nesse contexto que se instituiu a “personagem” do homossexual, figura que entrou num cenário cuja própria existência e corpo se tornariam objeto de pesquisa, escrutínio, vigilância e de disputas sobre sua representação. A disputa pela representação da homossexualidade é o que alimenta a especulação e o policiamento que acomete os sujeitos homossexuais.

O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre (FOUCAULT, 2010, p. 50).

A “personagem homossexual” do século XX e, até certo ponto, o homossexual do começo deste século XXI, não se diferenciou profundamente desta ideia cujas sexualidades estavam ligadas à essência de cada ser, apesar de atualmente existir, não sem problematizações, uma maior flexibilidade quanto às fronteiras das identidades e das práticas sexuais.

Se por um lado, pensar a sexualidade como congênita acarretou dificuldades para aqueles que não se enquadravam ou não queriam se adequar às classificações existentes, por outro lado, foi fundamental para o nascimento e o estabelecimento das novas identidades sexuais, e essas identidades tiveram e têm sua importância política na garantia de direitos básicos para seus sujeitos (ADELMAN, 2000.)

Apesar do conceito de identidade ser contestado por Butler (2006; 2007; 2010; 2010a) – principalmente quanto às identidades de gênero –, utilizo-o como uma “licença teórica”, alicerçada sobretudo em questões próprias ao campo e aos movimentos homossexuais no Brasil, nos quais a identidade foi reivindicada no começo de suas organizações políticas no final dos anos 1970, e ainda é em grande medida (SIMÕES e FACCHINI, 2009; FRY; MACRAE, 1985; ALMEIDA; HEILBORN, 2008). Neste momento, busco apenas situar como a identidade pode ser compreendida, entre sua fluidez e seu lado político. A concepção de identidade, enquanto performatividade, será retomada de maneira mais profunda no terceiro capítulo.

1.2 Identidades sexuais: identidades políticas

O surgimento de uma consciência derivada de um tipo de existência em comum reunida sob a categoria da homossexualidade e de sua respectiva identidade, ainda em estado gestativo, foi o que impulsionou a eclosão dos primeiros grupos de homossexuais e em seguida dos movimentos homossexuais institucionalmente organizados.

Pode-se dizer que esse processo funcionou como uma espécie de retroalimentação: uma identidade que fomentou a movimentação de pessoas que tinham determinado traço em comum. Consequentemente, dessa reunião de pessoas, nasceu algo que podemos chamar de “meio gay” (FRANÇA, 2010), recheado com identidades e múltiplas representações. Meio gay, este, que a partir da década de 1970, mesmo com seus altos e baixos, tornar-se-ia cada vez mais visível, forte e notório, dando origem, por sua vez, aos movimentos homossexuais no Brasil (FRANÇA, 2010; ALMEIDA; HEILBORN, 2008; SIMÕES e FACCHINI, 2009; FRY; MACRAE, 1985).

As primeiras associações das quais se tem informação e nas quais a homossexualidade era o denominador comum datam da década de 1950. Estas eram voltadas majoritariamente para atividades de sociabilidade: conversas do tipo confessional, diversão, concursos, desfiles etc. Também surgiram, na década de 1960, os primeiros jornais artesanais, como “O Snob”. Já a década de 1970 é tida como início do movimento propriamente dito, mais especificamente na virada da década de 1970 para a década de 1980 (SIMÕES; FACCHINI, 2009). Esses autores, acompanhando uma convenção seguida por outros pesquisadores/as, adotam, assim, o final da década de 1970 como nascimento do movimento homossexual no Brasil.

O marco consagrado nessa historiografia particular é a formação do grupo Somos, em São Paulo, em 1978, na mesma época em que era lançado o *Lampião*, jornal em formato tabloide que se voltava para um enfoque acentuadamente social e político da homossexualidade, assim como de outros temas políticos afins e até então considerados “minoritários”, como o feminismo e o movimento negro (SIMÕES e FACCHINI, 2009, p.13).

Além da política, o mercado/consumo e a mídia, aos poucos, principalmente a partir da década de 1990, criaram e incentivaram diferentes estilos de vida e de encontro de si mesmo (FRANÇA, 2010). Como afirma Adelman (2000, p.167), “no século XX surgiu e fortaleceu-se a representação da sexualidade como fonte de prazer e expressão individual, vinculada à identidade pessoal e ao seu novo ‘aliado’, o mercado”.

Todavia, antes disso, foi necessária que uma certa aglomeração, que um certo tipo de acúmulo de diferentes pessoas, com diferentes perspectivas, idades, classes e gostos se concentrassem em determinados lugares comuns. Esses lugares foram edificadas e existiram, acima de tudo, nas cidades grandes (FRANÇA, 2010).

1.2.1 O oásis e o inferno chamado cidade

O livro de Carmen Dora Guimarães (2004) começa justamente com os relatos de rapazes que, para conseguirem ter experiências homoeróticas, mudaram-se de Belo Horizonte – MG para o Rio de Janeiro – RJ, considerado um local possível para esse tipo de vivência. A cidade grande, apresentava-se como oásis, como lugar de permissividades e liberdades. Como aponta Simmel (1973, p.18), a metrópole “confere ao indivíduo uma qualidade e quantidade de liberdade pessoal que não tem qualquer analogia sob outras condições”. E, talvez, para compreender esse processo seja necessário que eu sugira uma digressão.

Não é segredo, tampouco difícil perceber que a sexualidade desde o nascimento do indivíduo é cercada de cuidados e constantemente cerceada. Como escreveu Foucault (2010), e já foi mencionado neste capítulo, a sexualização da criança era uma das vertentes da política do sexo. Uma série de modos corretos de se comportar foram sendo incorporados e ensinados dentro de casa e na escola. De acordo com Guimarães:

No período da socialização infantil, os pedagogos da sexualidade (pais, professores, sacerdotes etc.) manifestam, explicitamente, quais as atitudes, comportamentos e objetos materiais próprios aos papéis sexuais e de gênero, sancionando as transgressões segundo critérios morais relativos ao grau e índice de transgressão com relação à “normalidade” (GUIMARÃES, 2004, p.40).

As mulheres também têm sua cota de atenção redobrada no que dizia respeito à própria sexualidade, tanto na patologização desta (histeria) – alicerçada na responsabilidade sobre a saúde dos filhos, da família e, portanto, da sociedade; quanto na moralização de seu corpo e práticas, de seus desejos e prazeres.

Um exemplo de como esse modelo de regulação encontrou ressonância e também novas e velhas formas de (re)produção no Brasil pode ser observada no conteúdo da novela Gabriela – baseada no romance de Jorge Amado¹³, que foi recentemente refeita pela Rede Globo e transmitida em 2012. Nela, as relações sexuais entre pessoas casadas se dão ou para reprodução ou para satisfação do desejo exclusivamente masculino; era negado para uma moça de família e para a mulher casada expressar qualquer tipo de prazer sexual; o homem é “hiper-viril” demonstrando sua masculinidade através da manutenção de muitas relações sexuais com mais de uma mulher, dentre outras coisas. Qualquer mulher que “se desse ao desfrute” (isto é, praticasse sexo antes de casar) era expulsa de casa e seu destino era a rua ou se tornar prostituta; elas deveriam andar cobertas/compostas, sentar sempre com as pernas fechadas e por aí se segue uma lista infinda de regras de comportamento. De geração a geração, os sujeitos desde a sua mais tenra idade são educados sob estes padrões e gozam de uma vigilância ininterrupta.

Para além disso, o gênero (masculino e feminino) é orientado para que meninos e meninas tenham determinados tipos de gostos, interesses, costumes, funções etc.: meninos jogam futebol, usam azul, gostam de meninas; meninas brincam de boneca e simulam casinhas, usam rosa, gostam de meninos.

Escapar a essa realidade implica que qualquer diferença ou resistência a esses preceitos é imediatamente percebida e assinalada. A forma mais sutil na qual essa percepção se dá, pode ser exemplificada num trecho de um dos episódios do canal do youtube “Canal das Bee” no programa “Pergunte às Bee”. A passagem transcrita é de uma gravação para o dia das mães, na qual dona Ana Lucia, que tem 48 anos e é mãe de Jessica, é a convidada especial:

¹³ Gabriela, cravo e canela – Jorge Amado, 1958. O romance é ambientado, tanto no livro quanto na telenovela, na cidade de Ilhéus de 1920. Para saber mais sobre as personagens ou ver capítulos dessa nova versão, basta acessar o site: <http://gshow.globo.com/novelas/gabriela/index.html>.

Victor – Então tia, antes de começar as perguntas, a parte séria do vídeo, conta pra gente como foi um pouquinho da sua experiência com a Jessica.

Ana Lucia – A minha experiência com a Jessica, gente é muito extenso. Como é que vou dizer? [...] Bom, criando a Jessica eu percebi, sim, que ela era assim um cadiquim diferente – cadiquim ficou feio, né? Um pouco diferente, né? No caso da minha filha mais velha e da minha filha caçula... Mas, isso é coisa de mãe, esperei o tempo passar pra saber o que realmente era essa diferença toda. Mas a minha experiência com ela? Não sei o que dizer Jessica, porque assim, pra mim, o fato de saber que você realmente se destacava de uma forma diferente das suas irmãs pra mim isso nunca foi um problema. Eu via sim que tinha uma diferença, mas, para mim, não fazia diferença.

Jessica – Ela tá falando das minhas irmãs... Mas vem aqui um pouquinho, vem aqui [está chamando uma das irmãs dela]. Minha irmã mais velha [a irmã dela aparece no vídeo], ela é uma Barbie! Pra vocês entenderem, ela é maquiadora, ela é casada com o Rafa, tem dois filhos e sempre foi “uuuuuhhhh, paquitona”. E eu, pelo contrário, era um...

Victor – Sherek?

Ana Lucia – Pois é, essa diferença toda!¹⁴

O que está posto de forma latente nessa passagem é, logo, a questão do gênero: a diferença entre os modelos masculino e feminino. Enquanto a irmã de Jessica aparentemente atende ao estereotipo de mulher, ela, Jessica, fugia a esse padrão, fazia-se como sua mãe disse: diferente.

Para os sujeitos que destoam desse papel de gênero pré-estabelecido, as ocorrências mais brandas, no caso das meninas, começam com simples correções como “larga esse carrinho e para de assobiar que isso é coisa de menino”, e rapidamente passam aos castigos, xingamentos e às várias configurações de agressão psicológica e física. Aquele/a que mais transgride as estruturas sociais, no que concerne ao desejo e ao gênero, é o/a mesmo/a que começa a padecer ainda na infância. É a “florzinha”, o “viadinho”, a “maria-joão”, a “sapatão”.

A experiência da injúria, a exclusão social, o sentimento de inadequação, a frustração das expectativas familiares e o medo de decepcionar os pais e parentes, a solidão de

¹⁴ Jessica é idealizadora, dona e uma das *vloggers* do Canal das Bee onde apresenta o programa “Pergunte às Bee” junto com Victor. Esse trecho foi transcrito do episódio “Pergunte às Bee 06 – Mães” que foi publicado no dia 10 de maio de 2013. Para ver, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=aUKRCwMFFkU>. Acessado em abril de 2014.

se ver isolado/a, possuidor/a de um tipo de desejo que não é descoberto no outro, tudo isso forma a subjetividade das homossexualidades. Nas palavras de Eribon,

A experiência da agressão física ou a percepção de sua ameaça obsedante são tão presentes na vida dos gays que são encontradas em quase todos os relatos autobiográficos e em numerosos romances cujos personagens são homens gays. Às vezes, não é preciso gesto algum: a aparência ou as roupas bastam para desencadear o ódio. Tanto contra os gays mais assumidos quanto contra aqueles que o são menos ou não o são nem um pouco, contra os que “se exibem” como contra os que dão prova de “discrição”, a possibilidade de ser objeto da agressão verbal ou física permanece onipresente e, ao menos, foi, com frequência, determinante na maneira como os gays construíram sua identidade pessoal, desenvolvendo principalmente uma capacidade de perceber o perigo ou aprendendo a controlar muito estritamente os gestos e as falas (ERIBON, 2008, p.30).

O acúmulo de situações de repulsão contribui, em muitos casos, para que esses indivíduos acreditem que a emigração para cidades grandes e capitais seja a tábua de salvação das suas existências: “o que podia fazer uma pessoa assim marcada pela ‘infâmia’ senão buscar refúgio numa cidade grande, onde gays e lésbicas tinham algumas chances de poder se premunir contra um meio hostil?” [...] (ERIBON, 2008, p. 32).

A “magia da cidade” está na mistura de diversos fatores: o rompimento/distanciamento da família e amigos, e a liberdade proporcionada por esse afastamento; o anonimato proveniente da multidão; e, também, “a cidade é um mundo social, um mundo de socialização possível, e ela permite superar a solidão tanto quanto protege o anonimato” (ERIBON, 2008, p. 34).

Além do exposto, é imprescindível comentar que a mudança de cidade e/ou de domicílio foi (e ainda é sob muitos aspectos) uma barreira particularmente desafiadora para as mulheres. Excetuando-se raros casos de “rebeldia”, o lugar da mulher, até recentemente, era dentro de casa e seu papel era o de esposa e mãe. Ela saía do domicílio dos pais apenas (ou pelo menos na maioria dos casos) para se casar, substituindo, assim, a função de filha pela de dona de casa.

Apesar do frenesi das grandes metrópoles – que acha justificativa no fato de finalmente o sujeito “se encontrar consigo”, na possibilidade de vivenciar e experimentar aquilo que foi imaginado e sonhado repetidas vezes – a cidade não é mais, pelo menos hoje, o que escreveu Magnus Hirschfeld (1908, apud ERIBON, 2008, p. 34): “um ‘deserto de homens’, onde o indivíduo ‘escapa ao controle das pessoas’”. Mesmo no espaço democrático

da cidade, faz-se indispensável a manipulação da identidade homossexual no invariável jogo entre segredo, medo e visibilidade.

O controle social (a “polícia dos costumes”) está ao alcance de qualquer um, não se restringe mais aos parentes e amigos, não é mais desempenhada apenas pelos conhecidos. Da década de 1950 aos dias atuais, o receio que motiva a vigilância da própria sexualidade se baseia, entre outras razões, no medo de perder o emprego, de ser atacado inadvertidamente por estranhos nas ruas, no receio de sofrer humilhações, privações etc. (ERIBON, 2008; TREVISAN, 2011; FRY; MACRAE, 1985; MISKOLCI s/d, 2009, 2013).

Retomando a dinâmica entre homossexualidades e cidade, o ponto é que a cidade representou para muitos homossexuais um universo de possibilidades e potencialidades. As grandes cidades ofereceram “um espaço de convivência onde pessoas com interesse erótico em outras do mesmo sexo podiam se conhecer e começar a construir *uma identidade*” (ADELMAN, 2000, p. 167 – grifo do autor).

Em relação ao fascínio desempenhado pela cidade, não é que as repressões, as agressões ou outros tipos de violência tivessem deixado de existir ou de estarem presentes na vida dessas pessoas. O que se transformou foi o fato de que elas não estavam mais separadas e isoladas em seus mundos particulares. Agora, compartilhavam experiências de vida em ambientes que aceitavam o seu comportamento, ou, ainda, em lugares que eram construídos justamente para acolher as demonstrações de desejo e afeto entre pessoas do mesmo sexo.

A “grande mudança” em relação às repressões sofridas nas cidades grandes ocorreu com o fim da passividade. Não se admitia mais a opressão da injúria sem que houvesse uma reação à altura. O marco internacional desse “grito de chega!”, é a “Rebelião de Stonewall” em Nova York, Estados Unidos, quando na noite de 28 de junho de 1969, uma tentativa da polícia de Nova York de interditar o bar Stonewall Inn, deparou-se com a reação dos frequentadores da área. Esses protestos assinalaram simbolicamente a emergência de um “Poder Gay”, e a data passou a ser posteriormente consagrada como o Dia do Orgulho Gay e Lésbico (FRY; MACRAE, 1985; SIMÕES; FACCHINI, 2009). E foi sob a égide do “orgulho” que a ideia de identidade se instalou nos movimentos homossexuais brasileiros.

1.2.2 *Dos vínculos à identidade*

A identidade tem como grande tensão a disputa entre perspectivas essencialistas e não-essencialistas. A perspectiva essencialista pensa a identidade como um conjunto autêntico e partilhado por todos de modo atemporal, enquanto a não-essencialista pensaria as diferenças e semelhanças internas e externas e como estas mudaram ao longo do tempo (WOODWARD, 2009).

Para Woodward (2009), a identidade ganha sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos e sociais pelos quais ela é representada e usada para classificar os sujeitos. Para conceituar a identidade, a autora listou o que ela considera como as principais particularidades dessa, quais sejam: 1) a identidade com frequência envolve reivindicações essencialistas, e essas reivindicações essencialistas são baseadas na natureza (por exemplo, a raça), ou numa versão essencialista da história ou do passado; 2) para a autora, na verdade, a identidade é relacional e se baseia nas diferenças estabelecidas por marcações simbólicas; 3) a identidade está vinculada a condições sociais e materiais; 4) o social e o simbólico são necessários na construção e na manutenção das identidades; 5) a identidade envolve um sistema classificatório; 6) a identidade pode mascarar ou ressaltar diferenças sejam estas internas ou externas; 7) as identidades não são unificadas, podem haver contradições; 8) e há, para a autora, um nível psíquico na identidade que justificaria, somado a todo o resto, o motivo pelo qual as pessoas as assumem. Ou, conforme as palavras de Silva,

A identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo (SILVA, 2009, p.96).

Esse debate foi fundamental para as problematizações acerca das identidades sexuais, inclusive no Brasil. Apesar das discussões acerca dessas “novas identidades” datarem dos novos movimentos sociais do final da década de 1960 e começo da década de 1970, é possível perceber semelhanças com as teorias sobre a homossexualidade do final do século XIX, como comentam Simões e Facchini (2009). A identidade sexual, assim como outras, dividiu-se entre esses dois grandes paradigmas: o da identidade como essência; e o da identidade como algo fluído, mutável.

A identidade como essência foi uma das preocupações centrais do movimento homossexual no país. A ideia da essencialização de uma identidade fica notória, por exemplo, na mudança do termo “opção sexual” por “orientação sexual”. Opção sexual, para os ativistas, poderia sugerir que o desejo homossexual era algo adquirível e descartável, o que era visto por eles como prejudicial para as ambições do movimento. Já o termo “orientação sexual” era entendido como uma “condição da pessoa”.

Encarar a homossexualidade como um traço irremediável, conseqüentemente como fixa, tinha motivação basicamente política (SIMÕES; FACCHINI, 2009). Política no sentido de conquista de direitos; e política no sentido de luta contra o estigma, pois, uma vez que ser homossexual estava além da escolha e do controle, os sujeitos que assim se automeavam ou eram nomeados não deveriam ser vítimas de preconceitos baseados na moral advinda principalmente da religião.

Como aponta Simões e Facchini (2009, p. 29), “argumentos em favor do caráter inato e, portanto, imutável da homossexualidade foram usados como arma contra a persistente associação entre homossexualidade e doença”. Afirmar a identidade e expor a diferença é, pois, uma das formas capazes de proporcionar o acesso aos bens sociais (SILVA, 2009), tais como saúde, reconhecimento de parceria amorosa, direito à adoção etc.

O segundo paradigma, o não-essencialista, que concebe a identidade como algo fluído, mutável, diz respeito a uma potencialidade do desejo, à “possibilidade de ‘cruzar fronteiras’ e de ‘estar na fronteira’, de ter uma identidade ambígua, indefinida” (SILVA, 2009, p. 89), demonstrando a artificialidade de sua fixidez. Diz respeito também, em alguns casos, a uma não necessidade de nomear suas respectivas práticas, que resultariam na sua limitação. De acordo com Simões e Facchini,

Podemos encontrar garotos e garotas que se consideram abertos à experimentação erótica com pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto sem recorrer às classificações de hétero, homo ou bissexualidade. Mesmo entre homens e mulheres que vivem a homossexualidade como um aspecto crucial e distintivo de suas vidas, podemos encontrar grande diversidade de nomeações e representações identitárias articuladas em suas próprias experiências sociais (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p.59).

Porém, o significado hegemônico do termo homossexual, entendendo como gay ou lésbica qualquer pessoa que fizesse sexo com alguém do mesmo sexo, chegou até mim, num primeiro momento, como uma verdade. Logo, qualquer pessoa que se enquadrasse

nessas posições era automaticamente classificada nesses moldes, sendo, como é até os dias de hoje, extremamente difícil escapar dessas nomenclaturas. E foi o supracitado discurso da “ciência médica”, considerado como o correto e o legítimo, que formou essa opinião, pois:

Do ponto de vista da medicina, não importa se um indivíduo adota o sexo social apropriado ao sexo fisiológico; se ele pratica ou quer praticar atos sexuais com pessoas do mesmo sexo fisiológico, “passiva” ou “ativamente”, ele é homossexual. Se o Brasil popular fala de sexo social predominantemente, o sistema médico fala de sexo fisiológico e define o homossexual exclusivamente pelo seu desejo sexual por pessoas do mesmo sexo fisiológico (FRY; MACRAE, 1985, p.63 e 64).

Esse meu raciocínio foi modificado ao longo do tempo, mas só no decorrer da pesquisa é que ele se desconstruiu e todas as vírgulas, espaços, reticências e “etc.” passaram a figurar, excedendo os limites do meu entendimento. Isto é, mesmo considerando o conceito hegemônico de homossexualidade relevante, as fronteiras entre “ser ou não ser homossexual” foram trespassadas.

Se por um lado há quem pense exatamente da forma hermética estabelecida pela medicina, por outro há exatamente o oposto como é o caso de Elen¹⁵, 39 anos, que pode ser dada como um exemplo do que Simões e Facchini (2009) comentaram sobre estar aberto a experimentações livre de classificações. Para ela, ter inúmeras relações com outras mulheres não era uma experiência definidora de sua orientação sexual. Justamente por serem relações estritamente sexuais, em seu princípio, é que não houve uma “crise” quanto a sua identidade, quanto a saber “quem ela era de verdade”, como podemos ver no seguinte relato:

Com 14 anos comecei a namorar um amigo da minha irmã. [...] Simultaneamente, aos 15 anos, conheci minha primeira namorada. Foi numa aposta num novo colégio. Fui desafiada pelo trote local. Não suportei a brincadeira do trote. Aquela história de ficar toda suja não era comigo! Para escapar da tal brincadeira, eu deveria procurar a “coordenadora”, uma aluna do segundo ano, e aceitar pagar uma prenda. No meu caso, a prenda foi beijá-la na boca. Pensa comigo, beijar uma menina loura e linda ou andar pela rua toda suja?? Escolha fácil! Namorei, escondido, essa menina por dois anos. A partir deste momento minha vida foi uma sucessão de meninas bonitas sem que isso abalasse minha condição “heterossexual”. Era como se aquilo tudo fosse apenas meu “gosto por variedade”, um mundo a parte, particular e indivisível (ELEN, 39 anos, entrevista em dezembro de 2012).

¹⁵ Elen foi uma das interlocutoras que chegaram até mim a partir de um comunicado sobre esta pesquisa em meu blog e uma das mulheres com quem mais conversei sobre meu objeto e sobre sua história de vida. A conheci quando ela tinha 38 anos de idade e o contato para entrevistas se deu até os seus 40 anos de idade.

O desenvolvimento sexual é variado no tempo e na forma. Identificar-se e assumir uma identidade sexual ou não, também é. Há aquelas informantes que contam que sempre souberam que gostavam de meninas, apesar de não saberem o que isso implicava ou qual nome dar; outras só se aperceberam de um “desejo diferente” pela iniciativa de um outro alguém. O que parece ser uma constante é que, seja na primeira infância, seja na vida adulta (aí não importa se por volta dos 20, 30, 40 ou 50 anos), as homossexualidades estão sempre sendo “reinventadas” e “redescobertas” nas experiências tanto individuais dessas mulheres, quanto nas experiências que elas partilham com e entre amigas, ou pela internet através de vídeos, fotos, textos.

Ainda sobre nominar ou não o desejo, para Silva (2009), no processo da construção da identidade e da diferença, ambas precisam ser nomeadas. Como explica sinteticamente Trevisan (2011, p.37-38):

Se as objeções à “construção de uma identidade guei” fazem sentido, também é verdade que não se pode negar uma denominação qualquer ao desejo, ainda que por mera questão de método. Recusar radicalmente o assumir-se me parece uma posição irrealista, porque a sociedade está toda baseada em definições – verdadeiras ou falsas, não importa, mas que são parte de um “jogo de linguagem possível” [...]. Pelo simples fato de existir o desejo entre pessoas do mesmo sexo é necessário referir-se a ela sob algum tipo de denominação; caso contrário, no limite acabaríamos voltando aos tempos da sufocante e hipócrita invisibilidade (“o amor que não ousa dizer seu nome”), que só reforçava os mecanismos repressivos.

Independente do resultado desse debate, o efeito do uso da denominação homossexual – para pessoas que tem relações eróticas e afetivas com outras do mesmo sexo –, como uma identidade, trouxe vitórias relevantes para os mesmos, uma das mais importantes, aliás, foi a visibilidade alcançada. Essa visibilidade que, desde a década de 1990, vem alargando os lugares sociais e conquistando novos espaços, talvez seja o motivo pelo qual é possível, hoje, questionar essa mesma identidade sem se sentir totalmente preso a ela, transpondo-a, transcendendo-a.

Não compreendo o “transcender a identidade homossexual” como negação do desejo ou da classificação “homossexual”, “gay”, “lésbica”. Mas sim que essa identificação – “gosto de pessoas do mesmo sexo” – não se apresenta mais como um modelo único. Desse modo, “se há constrangimentos institucionais específicos que fazem das identidades coletivas uma estratégia quase inevitável, a conquista de determinadas reivindicações pode não levar necessariamente ao reforço das identidades” (SIMÕES e FACCHINI, 2009, p.35). Existem várias maneiras de “ser” lésbica e gay, não há mais o

contraste preto e branco ilustrado pelos papéis bicha/bofe, butch/femme (FRANÇA, 2007), como o exemplo a seguir deixa claro:

Houve toda uma cultura de época, de mentalidade. Na época que eu comecei a assumir que era entendida, que comecei a frequentar boates e tudo, era uma distinção muito grande entre sapatão e as namoradas dos sapatões. Então, hoje você já não vê... Hoje você cruza com pessoas entendidas e você não identifica fisicamente. A postura, a maneira de vestir era totalmente diferente. Naquela época não. Você tinha que usar roupa pesada.

[Pergunta: “Naquela época que você diz...”]

Quarenta anos atrás. Pra você ver a mentalidade: minha mãe quando soube disse que preferia que eu ficasse com um homem desquitado. “Preferia que ela ficasse com um homem desquitado do que com uma mulher!” Por aí você vê a mentalidade da época. O homem desquitado era o terror. O homem casado ou desquitado, era um terror alguém ficar com eles. Então, você imagina a cultura, né? **Então, naquela época, as pessoas tinham duas classes que tinham que ser distintas. Então até eu saber em que lado eu estava, eu tinha que assumir um lado. Então, eu fiquei do lado dos sapatões.** E sempre tive aquela postura. Eu sempre fui muito moleque, muito menino de rua, de brigar, de... Sempre tive um comportamento mais masculinizado, até na convivência em criança, então aquilo era uma coisa natural pra mim. Não era nem forçado, eu fazia por... me vestia por gostar. Lógico que quando comecei a trabalhar tive que usar salto, não podia só usar calça comprida, era saia, meia fina, maquiagem. Mas também eu encarava numa boa, não era nenhum sacrifício maior. Mas quando podia tirar aquela fantasia toda, era ótimo. Então, tinha aquela cultura toda na época. **Então, com o passar do tempo, foi evoluindo, as coisas foram mudando. Hoje quando eu saio com essa aí [atual namorada], ela fala: “Vai botar um batonzinho.” Eu já tenho que botar, eu já boto, já não é tão forçado. Já me acostumo mais. Então, houve mudança também. [...] Começou a mudar também o meu comportamento na cama. Até então eu tinha relação, mas tinha aqueles preconceitos antigos. Eu jamais aceitei que alguém fizesse alguma coisa por fazer. Fez em mim, me deu prazer, então eu tenho que fazer também [...] Eu sempre assumi a postura de dar prazer. Hoje já não é mais assim, foi uma mudança de postura, de tudo** (Roberta, 60 anos em entrevista a ALVES, 2010, p.223 – grifos nossos).

O ponto interessante da fala de Roberta, é que a maleabilidade da orientação sexual dela ocorreu por meio da performance de gênero e do papel que desempenhava na hora do sexo. Em ambos os casos, como Alves (2010) salienta, fica claro o vínculo entre os conceitos e práticas e a temporalidade/contexto desses.

Pensar em identidade sexual (assim como pensar em outras formas identitárias, como por exemplo as identidades étnicas), implica, pois, pensar na identidade como posicionamento político. E, para Guimarães (2004), a identidade jamais se afirma isoladamente:

Este campo relacional de confrontação é pautado por *códigos* (regras e valores culturais), segundo um sistema classificatório culturalmente determinado. Neste sentido, as identidades são socialmente construídas e se assumem como ideologia, somente inteligíveis se referidas ao sistema de relações sociais que lhes deram origem (GUIMARÃES, 2004, p.21).

Destarte, a pergunta que muitos/as teóricos/as que discutem a identidade se fazem é: o que leva alguém a assumir e defender uma identidade? E no caso da homossexualidade, cuja identidade coloca o indivíduo na posição de *outsider*? Assumir uma identidade, para Woodward (2009), Silva (2009), Hall (2009), Butler (2010), tem a ver com identificação. Mesmo evitando adentrar o campo da psicologia e da psicanálise, é importante mencionar que para Freud a identificação era “a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (FREUD, 1991 apud HALL, 2009, p.107), já que boa parte do início da movimentação de sujeitos homossexuais deu-se através dos laços de amizade entre estes.

Dentre as várias razões apontadas para o “assumir” a identidade homossexual, Guimarães (2004, p.55) comenta que apesar das diferentes experiências, havia um “processo social comum”, um processo que gerava uma autoimagem mais positiva.

O indivíduo de identidade homossexual estabelece, na descoberta de outros semelhantes, uma primeira ruptura com a condição de estigmatizado. Tal descoberta representa, também, a primeira etapa na passagem para uma identidade homossexual “positiva” (GUIMARÃES, 2004, p.55-56).

As lésbicas e/ou mulheres bissexuais também passaram por processo semelhante. Como apontam Almeida e Heilborn (2008, p. 230), a identidade lésbica é apresentada como “‘preciosa’ porque construída sob condições significativas e adversas, [...], como: expulsão de casa, rejeição pela família de origem, adiamento de projetos de carreira profissional e a luta contínua pela afirmação de direitos”. O “assumir” essa identidade, além de estar relacionado com a questão da visibilidade lésbica, também proporcionava um alicerce, tanto para aceitação de si, como para a luta por transformações sociais e, por conseguinte, transformação das próprias relações familiares.

O convívio intenso, tanto nas redes homoafetivas da década de 1950, como no início do movimento no final da década de 1970, gerou um arcabouço de modos de ser, um “estilo de vida” que comumente foi denominado de “cultura gay”. Como Guimarães aponta (2004, p.54), um aspecto importante nestas vivências era “a transmissão do saber/prazer homossexual”, pois “a forma de expressar a identidade ‘assumida’ obedece a um modelo de apresentação pública conforme o *ethos* homossexual específico” (GUIMARÃES, 2004, p.57).

1.2.3 Da identidade às identidades: HIV/Aids, movimento e mercado

A euforia vivida até começo da década de 1980 esbarrou num obstáculo que ceifou – num primeiro instante – não apenas parte do movimento, como a vida de milhares de pessoas, independente de idade, sexo, raça, classe social ou orientação sexual. Era o HIV/Aids¹⁶.

Apesar da tragédia, Trevisan (2011) registra outro panorama da Aids. Para ele, a doença serviu para perturbar a ordem das aparências, borrando as fronteiras entre heterossexualidade e homossexualidade, e o que seria ou não uma prática homossexual. Mesmo assim, prossegue, o vírus continua associado aos “gueis”, funcionando como um carrasco que revela (e atualiza) o estigma da homossexualidade. “Assim, ainda hoje confundida com o estigma da homossexualidade, a doença da Aids tem revelado uma verdade bastante simples: somos todos vulneráveis ao desejo (homossexual ou não), porque potencialmente *capacitados* para adoecer do outro” (TREVISAN, 2011, p.42), pois, ao tratarmos do “humano”, seja no que tange ao desejo, ao gênero, ao sexo, ou às identidades, “em vez de fixidez, o que existe é contingência” (WOODWARD, 2009, p.53).

O HIV/Aids, de acordo com Almeida e Heilborn (2008), também explicitou a vulnerabilidade lésbica a essa doença e às outras DSTs. As autoras sugerem que em decorrência da masculinização das “fanchas” não havia abertura para reflexões sobre os comportamentos/práticas sexuais, e engendrava também uma ocultação ou uma recusa da necessidade de cuidados corporais por desejarem evitar aproximações com o gênero feminino. Todavia, ao acompanhar as discussões sobre práticas sexuais e DSTs nos dois grupos do Facebook observados durante a pesquisa (sobre os quais tratarei no próximo capítulo), percebi que a aparente indiferença com DSTs, quando presente, não se restringia às mulheres masculinizadas desses grupos.

Foi comum verificar dois posicionamentos bem demarcados. Um no qual havia um consenso sobre a importância dos cuidados com a saúde sexual – e este era repleto de queixas pois, na prática, segundo elas, elas não teriam como se prevenir adequadamente devido a insuficiência de métodos eficientes para a segurança da saúde da mulher em relações sexuais com outra mulher. E um outro posicionamento, também bastante comum em

¹⁶ Sobre HIV/Aids e sua relação com a identidade e o movimento homossexual, ver: TREVISAN (2011); SIMÕES; FACCHINI (2009); FRANÇA (2010).

comentários dos sites/blogs visitados, no qual havia uma ideia “difundida” de que o risco de se contrair DSTs em relações homossexuais femininas seria baixo, argumento utilizado para justificar a atual preocupação diminuta, principalmente se a doença em debate for o HIV/Aids.

Além disso, pode-se inferir, ainda, que nas relações afetivo-sexuais lésbicas também há interferência do “tabu” de não se falar sobre sexo. Algumas mulheres, nesses ambientes supracitados, confessavam que não conversavam com suas parceiras sobre suas práticas e preferências sexuais, nem sobre se protegerem contra DSTs, pois o tema poderia gerar discórdia, como se não houvesse confiança na relação.

Além da breve alusão trazida por meio das considerações de Almeida e Heilborn (2008), e do aspecto argumentado por Trevisan (2011), a Aids serviu ainda para transformar profundamente a maneira como se discutia a sexualidade no país, tornando-a um debate público, com cobertura dos meios de comunicação nacionais e de grande circulação – TV, rádio, jornais e revistas. Consequentemente, a epidemia deixou igualmente como legado, “uma ampliação sem precedentes da visibilidade e do reconhecimento da presença socialmente disseminada dos desejos e das práticas homossexuais” (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p.133-134).

Buscando reagir à doença, o movimento se transfigurou, renasceu, aumentou sua visibilidade e se aproximou de formas mais institucionalizadas de atuação – herança da relação com as políticas estatais por causa dos planos de prevenção e tratamento do HIV/Aids (SIMÕES; FACCHINI, 2009). Mais formal, algumas das características distintivas dessa nova fase dos movimentos homossexuais, em comparação com os movimentos na década de 1970/1980, são:

[...] presença marcante da mídia; ampla participação em movimentos de direitos humanos e de resposta à epidemia da Aids; vinculação a redes e associações internacionais de defesa de direitos humanos e direitos de *gays* e lésbicas; ação junto a parlamentares com proposição de projetos de lei nos níveis federal, estadual e municipal; atuação junto a agências estatais ligadas à prevenção de DST e Aids e promoção de direitos humanos; formulação de diversas respostas diante da exclusão das organizações religiosas; criação de redes de grupos ou associações em âmbito nacional e local; e organização de eventos de rua, como as grandes manifestações realizadas por ocasião do dia do Orgulho LGBT. (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 138).

Também, a partir da década de 1990, apareceram as primeiras denominações por meio de sigla. Sobre o uso destas, as mudanças na nomenclatura para

denominar o movimento, permitem acompanhar alguns avanços na política sexual, especialmente quanto aos processos de visibilidade. Por exemplo, até 1992 o termo empregado era “movimento homossexual brasileiro”, já a terminologia “lésbicas” foi acrescentada em 1993, “gays e lésbicas” em 1995, “travestis” em 1997, e os termos “bissexuais” e “transexuais” em 2005 (SIMÕES; FACCHINI, 2009). Observa-se, assim, que com o desenvolvimento do movimento, outras expressões da sexualidade ficaram evidenciadas. Atualmente, a sigla que denomina oficialmente o movimento, e que será utilizada neste trabalho, é a sigla LGBT, fórmula aprovada na I Conferência Nacional GLBT, realizada em 2008, e se refere às lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais – o uso de apenas um T para distinguir entre travestis e transexuais é uma convenção do Encontro de 2005 (SIMÕES; FACCHINI, 2009).

No tocante especificamente às lésbicas, segundo Gláucia Almeida (2007), o movimento lésbico teve seu início de esforços de afirmação identitária e política na década de 1970 dentro de organizações mistas, isto é, constituídas por gays e lésbicas, ou lésbicas feministas e feministas, ou ainda no movimento negro, por exemplo. Os esforços que foram bem sucedidos, aliados a uma autonomização crescente com o advento das ONGs lésbicas na década de 1990, culminaram em um fortalecimento dos grupos existentes a partir de 1995 (ALMEIDA; HEILBORN, 2008; ALMEIDA, 2007).

Quanto às demandas, ideologias, valores dentre outros, estes se assemelhavam aos do movimento gay, apesar do movimento lésbico possuir reivindicações mais específicas, principalmente quanto à saúde (ALMEIDA; HEILBORN, 2008; ALMEIDA, 2007). Entre semelhanças e diferenças, tanto com o movimento gay, quanto com o feminismo, o movimento lésbico não se constituiu livre de conflitos, apresentando uma dificuldade histórica em vocalizar com objetividade suas demandas (ALMEIDA, 2007). Dito isso, o movimento lésbico se caracterizou ao longo de sua história pela:

[...] substituição dos grupos informais pelas ONGs, o forte personalismo das lideranças, a formação/dissolução de grupos a partir das colisões afetivo-sexuais de seus membros, o pragmatismo e a competitividade que cercam a lógica de operação de projetos, o centralismo decisório, a interferência estatal no funcionamento das organizações, a dificuldade de produzir novos “quadros”, os conflitos de classe social no interior dos grupos, os conflitos identitários e as dificuldades para a renovação das práticas e dos modos de ação coletivos (ALMEIDA, 2007, p. 6).

Como mencionado, semelhantemente a outros movimentos, parte importante da autonomização do movimento lésbico veio de sua institucionalização no

formato de ONGs que conseguiram se manter a partir da cooperação internacional, de outras ONGs e de financiamentos ou de serviços prestados ao Estado (ALMEIDA, 2007). Contudo, ao mesmo tempo que o formato de ONG permitiu a sobrevivência e uma certa autonomia de grupos como o Grupo de Ação Lésbica-Feminina (GALF) – que se transformou na Rede de Informação Um Outro Olhar (UOO) ao aderir a esse tipo de institucionalização –, ele também gerou uma dependência dessas verbas; um aumento da competitividade pelas mesmas por meio de projetos; e gerou um regime de produtividade, pois as ONGs precisam prestar contas e mostrar resultados.

De todo modo, mesmo com a adesão ao formalismo como meio de mobilização que Almeida (2007) aponta como sendo característico do movimento lésbico, a motivação das participantes não era impreterivelmente política.

Para começar, as frequentadoras procuram os grupos muito menos por motivos ligados a uma lógica de racionalidade política e, muito mais, por necessidade de partilharem questões referidas ao plano da subjetividade. Neste âmbito, inclui-se a necessidade de otimizarem sua rede de relacionamentos afetivo-sexuais, ampliem suas chances de reação a sentimentos de auto-rejeição e rejeição de terceiros (com muita frequência, os familiares). Elas também buscam os grupos para conquistarem novas alternativas de lazer e entretenimento (o grupo como alternativa ao gueto) (ALMEIDA, 2007, p. 25).

Com essa reestruturação que possibilitou a institucionalização de grupos informais, com a diminuição do pânico provocado pelo HIV/Aids e com a necessidade de “construir uma imagem ‘positiva’ da homossexualidade, longe da imagem de ‘promiscuidade’ e ‘libertinagem’” (FRANÇA, 2010, p.67), houve um crescimento do mercado voltado para o público homossexual, tornando “mais porosas as fronteiras entre a diversão, o comércio e a militância” (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p.139).

Surgiram, no Brasil, as paradas do orgulho “gay”¹⁷, o número de bares e boates “gays” aumentou, ocorreu o primeiro encontro específico para mulheres homossexuais – o Seminário Nacional de Lésbicas (SENALE) em 1996, e uma nova “roupagem” para a identidade homossexual apareceu. Nessa nova configuração do “orgulho gay”, tornou-se impossível a separação entre mercado, movimento social, Estado e mídia: “todas se conectavam na transformação do lugar ocupado pela homossexualidade e na produção de visões a seu respeito” (FRANÇA, 2010, p.67).

¹⁷ A 1ª Parada do Orgulho GLT ocorreu em 1997 na cidade de São Paulo.

Segundo França (2007), na década de 1990 o que era conhecido como “gueto”, transformou-se num mercado mais sólido, expandindo-se para uma multiplicidade de espaços, com bares, lojas, sites, festivais de cinema e mídia especializada. O termo GLS, que data dessa fase, foi capital para organização desse mercado (FRANÇA, 2010), inclusive para aumentar as fronteiras e diluir as delimitações destas.

Se a idéia norte-americana de friendly refere-se a espaços freqüentados predominantemente por heterossexuais, nos quais homossexuais são bem vindos, a idéia brasileira de GLS segue o caminho inverso: o S da sigla indica “simpatizante”, tendo como ponto de partida espaços freqüentados majoritariamente por homossexuais e revelando uma intenção de expandir as fronteiras do “gueto”, quando propõe abarcar também consumidores que não se identificam como homossexuais, mas que de alguma forma participam desse universo (FRANÇA, 2007, p.235)

Simultaneamente a esse alargamento, cada vez mais, a identidade homossexual se “fragmentava” diante do mercado que atendia diferentes demandas e criava tantas outras. O crescimento do mercado, veio acompanhado “da proliferação de diversas categorias pautadas por estilos de vida – como barbies, ursos e coroas – e de uma crescente segmentação de espaços de consumo destinados a cada uma delas”¹⁸ (FRANÇA, 2007, p.233). Já quanto às lésbicas, foi comum ouvir/ler em campo termos como: lady (referindo-se a mulheres consideradas femininas); caminhoneira (referindo-se a mulheres consideradas masculinizadas que usariam trajes e teriam um comportamento de homens de classe média baixa – nessa classificação há não apenas a referência ao gênero, como à classe social); loba (mulheres acima de 40 anos) etc.

Todavia, essa diferenciação não escapou aos problemas típicos da identidade: a hierarquização e os jogos de poder de “incluir/excluir (‘estes pertencem, aqueles não’); demarcar fronteiras (‘nós’ e ‘eles’); classificar (‘bons e maus’; ‘puros e impuros’; ‘desenvolvidos e primitivos’; ‘racionais e irracionais’); normalizar (‘nós somos normais; eles são anormais’)” (SILVA, 2009, p.81-82). Como pontua França (2007, p.237), os espaços de sociabilidade homossexual foram absorvidos de forma diferenciada, atravessado por essas relações de poder que “empurraram ‘mais gordos’, ‘mais velhos’, pobres, negros, travestis, michês e ‘efeminados’/‘masculinizadas’ para os espaços marcados por um menor prestígio social e menor integração a circuitos globais”.

¹⁸ Barbies seriam “homens de aparência viril, que exibem um corpo musculoso e trabalhado fisicamente”; ursos, “homens que se identificam com códigos de masculinidade e valorizam atributos como a gordura e os pêlos, em contraposição às barbies”; coroas “homens mais velhos, que também se identificam como maduros e freqüentam espaços destinados a esse público, assim como sites de encontros e festas em que são valorizados no mercado afetivo-sexual” (FRANÇA, 2007, p.233).

Com a difusão da internet, essas identidades se multiplicaram como também pululou a quantidade de espaços de sociabilidade virtuais. São *chats* em diferentes sites (como UOL e Terra); blogs e sites voltados especificamente pra determinados segmentos; grupos e listas de discussão; sites de relacionamento e redes sociais recheados de comunidades e grupos específicos¹⁹.

Na produção dessas homossexualidades, o discurso da nova geração reivindica tantas possibilidades de “ser” quantas forem possíveis. Em um vídeo do “extinto” canal do Youtube “Dedilhadas”²⁰, Sá e Roberta (as idealizadoras e apresentadoras – *vloggers*) comentam exatamente a relação entre o estereótipo e como elas acham que a “identidade sexual” deveria ser compreendida:

Sá - Existe o estereótipo? Existe. Todos são estereotipados? Não são.

Roberta - Não são.

Sá - E quem é estereotipado é mais legal do que o outro? Não é.

Roberta - Não necessariamente.

Sá - Todo mundo tem que trabalhar e pagar conta? Todo mundo tem. Então na verdade é todo mundo meio igual, assim. Tipo gay, lésbica, travesti, transexual, bissexual, hetero, pansexual... Ser gay tá aí pra mostrar isso pra todo mundo até usar o Twitter, sabe? Ser gay é pansexual, todo mundo sabe disso. Não tem porque focar em um tipo só. Se programa humorístico mostra o gordo, o magro, o negro, o branco, o japonês, a empregada doméstica, o cara engravatado da paulista, enfim, o presidente, o mendigo. Por que não pode mostrar o gay afetado e o gay não afetado? A sapatão caminhoneira e a sapatão não caminhoneira? Se o objetivo do humor é esse, é trazer humor pra todo mundo, deixar todo mundo mais leve e com mais vontade de assistir o programa, vocês tão fazendo isso muito errado. Sabe? Sapatão e viado não têm muita vontade de assistir programa de humor brasileiro porque eles são muito caricatos.

Roberta - Assim como tem diversos “tipos” de “gays” e “lésbicas” e “transexuais”²¹ e cada um se porta de um jeito porque não é a orientação sexual que manda no jeito que ele vai se portar, existem vários tipos de hétero...

Sá - É. Existe o hétero mano, o hétero - de novo - engravatado (para de fazer barulho); existe o hétero mano, existe o hétero que também pode ser rapper, existem héteros com muita grana, existem héteros

¹⁹ A relação entre internet, homossexualidade e identidade será retomada e desenvolvida nos capítulos posteriores.

²⁰ De acordo com a descrição da página do canal no Facebook, o Dedilhadas “é um canal inteligente e bem-humorado sobre o mundo lésbico, que briga pelos direitos LGBT e trata a diversidade como ela deve ser tratada! Somos todos iguais, não?” (<https://www.facebook.com/DedilhadasFanPage/info>). O canal parou de postar vídeos no final de 2013 e encerrou oficialmente suas atividades, inclusive retirando todos os vídeos do ar, em janeiro de 2014.

²¹ As aspas foram acrescentadas porque enquanto Roberta fala ela gesticula com as duas mãos fazendo menção a esse tipo de pontuação.

é... da praia, existem os héteros do role, os ripongas os lá lá lá que viajam o mundo inteiro e tal.

Roberta - Existem os cristãos. Acredite!

Sá - Até mesmo no mundo religioso, então, né? Existem os cristãos, existem os testemunhas de jeová...

Roberta - Existem os espiritas, existem os kardecistas...

Sá - Os macumbeiros...

Roberta - Existe a mulher que prefere andar de salto, existe a mulher que prefere andar de tênis, existe a mulher que faz a unha toda semana, existe a mulher que faz bronzeamento artificial, existe a mulher que corta o cabelo, existe a mulher que pinta o cabelo.

Sá - Existe a profissional, existe a dona de casa; existe a mãe de família, existe a mãe solteira, existe a solteirona convicta. Se existem vários tipos de hétero, por que não vários tipos de homossexuais? Né? Heterossexuais e homossexuais...

Roberta - Agora cê pega todo esse conjunto que a gente falou de hétero, toda essa heterolândia, e só vira a chavinha pro homossexual.

Sá - A única diferença é a orientação sexual, ponto.

Roberta - A única diferença é que eu me relaciono com uma mulher e a Sá também.

Sá - E você hetero se relaciona com o sexo oposto. Só.

Roberta - É isso.²²

Nesse processo no qual a suposta diversidade de “eus” é quase um imperativo, o que se pode inferir é que, mais do que categorias sociais e simbólicas usadas para representar a identidade, o que há é performatividade. E, tratando-se de políticas sexuais, refletir sobre a biopolítica e a performance de gênero é indispensável²³.

1.3 Gênero e performance

Para adentrar à fecunda e problemática discussão do gênero e de sua performance é preciso retomar a questão da biopolítica que fora apenas mencionada anteriormente, pois, assim como a “invenção da homossexualidade”, o conceito de gênero também teve sua produção no cerne da biopolítica.

²² Esse vídeo foi uma “promo” do canal Dedilhadas para a websérie Refúgio em 2012. O vídeo está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n8cQNrcycpU>. Essa websérie em formato de curta, trata a história de dois rapazes de classes sociais diferentes, no qual um é assumido e outro estaria “se descobrindo”. Para saber mais, tem um vídeo comentando sobre essa produção em <https://www.youtube.com/watch?v=5KynkgDo7kc>. Para assistir, basta acessar o canal de Pedro Paulo Vieira Diniz em: <https://www.youtube.com/user/ppdiniz1/videos>.

²³ É interessante observar que atualmente a multiplicidade de identidades aparece para uma infinidade de atributos biológicos, psicológicos e corporais. As pessoas podem ser divididas de acordo com a idade (infância, juventude, terceira idade); peso (magra, gostosa, obesa); comportamento e identidade sexual e de gênero (passivo e ativo, hetero-homo-bi, trans-travesti/intersex, masculino/feminino); hábitos alimentares (carnívoro, vegetariano, vegano) etc. Tão interessante quanto esse primeiro processo é que, para cada classificação dessas, existe ou uma série de grupos, ou ONG’s, ou produção de conhecimento, ou instituições específicas, ou, pelo menos, uma segmentação de mercado.

Precisamente, a biopolítica atravessa o gênero e as homossexualidades de forma múltipla. Como aponta Paiva (2009), a biopolítica se relaciona com o exercício e governo dos indivíduos, com processos de ativação e constrangimento da vida e da subjetividade, do desejo e dos sentimentos. Assim, as características gerais da biopolítica seriam os discursos de verdade, os modos de subjetivação nos quais os indivíduos atuam reflexivamente, e as intervenções sobre a existência coletiva – inclusive coletividades emergentes como categorias de raça, gênero, etnicidade (RABINOW; ROSE, 2006).

Sendo a biopolítica um “poder-saber agente de transformação da vida humana” (FOUCAULT, 2010, p.155), foi através da sexualidade que essa transformação avançou, impulsionada pelos discursos e práticas médico-científicas de normalização. Dessa forma, o sexo é o eixo sobre o qual se desdobrou e se debruçou a biopolítica, pois:

É pelo sexo efetivamente, ponto imaginário fixado pelo dispositivo da sexualidade, que todos devem passar para ter acesso à sua própria inteligibilidade (já que ele é, ao mesmo tempo, o elemento oculto e o princípio produtor de sentido), à totalidade de seu corpo (pois ele é uma parte real e ameaçada deste corpo do qual constitui simbolicamente o todo), à sua identidade (já que ele alia a força de uma pulsão à singularidade de uma história) (FOUCAULT, 2010, p.169-170).

O conceito de gênero, tanto em sua concepção antiga quanto na atual, conecta-se diretamente à noção de biopolítica e é parte intrínseca do dispositivo da sexualidade. O conceito de gênero, segundo Preciado (s/d), foi criado por John Money na década de 1940, e seguiu os padrões de rigidez do discurso médico-científico do século XIX. Associado ao sexo biológico, o gênero foi apresentado por Money como possibilidade de alteração e adequação, isto é, como “la posibilidad de usar la tecnología para modificar el cuerpo según un ideal regulador preexistente de lo que un cuerpo humano (femenino o masculino) debe ser (MEYEROWITZ, 2002: 998-129 apud PRECIADO, sem data, p.7).

Nesse momento específico, portanto, o gênero funcionava como um mecanismo normalizador da estética binária macho e fêmea: pênis – genitália do homem, vagina – genitália da mulher. Dos órgãos genitais padronizados à essencialização e aprisionamento do sujeito em um corpo que, ante a medicalização sistemática, não necessariamente, poderia ser chamado de “seu”.

Seja em virtude da produção de saberes, seja quanto à regulação de práticas, o sexo — homem, mulher — não é um simples fato ou uma condição estática, “o sexo é um construto ideal que é forçosamente materializado através do tempo” (BUTLER, 2010, p. 154).

O gênero nesse momento “posmoneyista” passa a ser alguma coisa flexível, interno e assimilável (PRECIADO, s/d).

Para Butler (2006, p.13) o gênero “es una práctica de improvisación en un escenario constrictivo. (...) el género propio no se «hace» en soledad. Siempre-se está «haciendo» con o para otro, aunque el otro sea sólo imaginário”. Por isso que para ela (2006; 2010) o gênero existe como performance, dependendo de sua inserção nos discursos e práticas cotidianas, expressas por meio de regras de etiqueta, de comportamentos, do vestuário e de acessórios, da estética de seus corpos, e, “atualmente”, também com o uso de biotecnologias (hormônios, silicone, cirurgias).

A performatividade deve ser compreendida não como um “ato” singular ou deliberado, mas, em vez disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia. [...] as normas regulatórias do “sexo” trabalham de uma forma performativa para construir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual (BUTLER, 2010, p.154).

Mesmo o gênero sendo considerado flexível (PRECIADO, s/d; BUTLER, 2006; 2010), há nas relações sociais um conjunto de normas que tem como finalidade produzir sujeitos coerentes no que diz respeito a sexo/gênero/desejo, ao que Butler (2007) chamou de “matriz heterossexual”. É a ligação artificial entre gênero, sexo biológico e o desejo sexual que limita e enquadra as multiplicidades de comportamentos e performances dentro do universo das relações sociais. Tal enquadramento categoriza as possibilidades visíveis como saudáveis e não saudáveis, normais e anormais, legítimas e ilegítimas, legais e ilegais e assim sucessivamente, promovendo um abismo encoberto entre essas aparentes dicotomias, auxiliado e justificado pelos discursos de verdade da “ciência”, do direito e da política.

As relações entre as homossexualidades e as performatividades de gênero, conseqüentemente, são persistentes, não apenas em virtude dos discursos de poder/saber, mas (pelo menos no Brasil) também pelo senso comum. E é essa inerência forjada que cria a associação entre a aparência considerada mais masculina ou feminina e a orientação sexual. Assim, era, e ainda é em grande medida, mediante a sexualidade fixada na coerência da matriz sexo/gênero/desejo que determinadas identidades tornam-se inteligíveis (BUTLER, 2007), e que a classificação dos sujeitos entre normais e abjetos se efetua.

Os diferentes modos de habitar o mundo, por sua vez, são permeados por diversas formas de violência. Mas é na violência da exclusão social, na violência da norma, (BUTLER, 2007), somada à noção de inteligibilidade – capacidade de ser reconhecido como sujeito –, que essa violência alcança seus principais efeitos, graças justamente à sua sutileza, ou seja, à dificuldade de percebê-la como uma violência e não como uma ordem natural das coisas. Normatização (regra) que se transforma em normalização (qualificador) e se naturaliza. Torna-se uma verdade sobre a vida, e sobre como os sujeitos devem existir sob o constante controle da expectativa social, e sob a constante ameaça de exclusão e invisibilidade caso não as corresponda: “a pessoa pode sobreviver, desde que não apareça” (RIOS, 2003, p. 157 apud TONELI; BECKER, 2008, p.4).

O gênero e os demais elementos da sexualidade fundem-se uns aos outros, e encontram seu ponto em comum no problema da inteligibilidade. Masculino ou feminino, heterossexual ou homossexual, todas essas dicotomias forjadas estabelecem inúmeras formas (representações, identificações e performances) de pensar, agir, sentir, desejar, sempre enquadrando e controlando, domando e “dominando”. E, nesse processo, quando o sujeito não se reconhece, não se enquadra e, portanto, não segue o caminho imposto pela matriz heterossexual, surge o ambiente dos desviados, a marginalidade, o abjeto. Para Butler (2010), abjeto seria o espaço “inóspito” e “inabitável” preenchido por aqueles que não são reconhecidos como sujeitos – o sujeito constitui e é constituído pela exclusão e abjeção.

Mas como ter igualdade sem enquadrar, sem classificar e, conseqüentemente, limitar as possibilidades? Como buscar uma inteligibilidade sem reivindicar visibilidade? E como ter visibilidade sem nomear e/ou ter uma identidade? Como construir uma vida habitável sem reverter ou problematizar a questão do que deve ser público e do que é considerado privado? Como passar a “estar” e não mais a “ser” sem criar ou esbarrar em barreiras políticas, jurídicas e médicas? Como lidar com um corpo fragmentado entre o individual, o Estado e outros sistemas institucionalizados?

A vida não é mais compreendida como mero acontecimento biológico, mas como um território que precisa ser habitável; e habitável em seus diferentes níveis de necessidades básicas é o que está em questão; e para ser habitável essa vida precisa de categorias reconhecíveis, logo, carece de inteligibilidade (BUTLER, 2006). Vale frisar que por necessidades básicas entendo todo e qualquer elemento indispensável à “subsistência”, seja esta fisiológica, psíquica ou social.

Na conjuntura constituída pelo medo, pela vergonha, pelo receio de violências (humilhação, agressões físicas e psicológicas), pela angústia da exclusão etc., o armário é muitas vezes o refúgio ao qual se recorre para a manutenção de uma vida habitável. Assim, a convergência dos elementos que formam a matriz heterossexual – sexo/gênero/desejo –, conecta-os diretamente ao armário e, por conseguinte, ao gaydar.

O “ser ou não ser”, “no armário ou assumida”, denotam justamente os jogos de poder que existem entre o controle e a resistência. Dentro do que poderia ser considerado uma forma de resistência, é particularmente interessante observar como a paulatina desconstrução do conceito de gênero como essencialmente ligado ao sexo, evidenciou e vem promovendo comportamentos com práticas, identificações e desejos flexíveis e transversais de sexualidade e de sexo.

Por outro lado, ao passo que alguns discursos de saber-verdade pretendem desmistificar as implicações da matriz sexual, acabam permitindo (intencionalmente ou não) uma retomada do controle, que possibilitam aos procedimentos biopolíticos a reapropriação desses fluxos da sexualidade como um todo.

O paradoxo da subjetivação (*assujétissement*) reside precisamente no fato de que o sujeito que resistiria a essas normas é, ele próprio, possibilitado, quando não produzido, por essas normas. Embora esse constrangimento constitutivo não impeça a possibilidade da agência, ele localiza, sim, a agência como uma prática reiterativa ou rearticulatória imanente ao poder e não como uma relação de oposição externa ao poder (BUTLER, 2010, p.170).

Ao mesmo tempo em que se luta pela quebra de paradigmas, pelo rompimento de cristalizações teóricas, os meios aos quais se recorre para lutar contra as formas de controle vigente acabam por criar categorias mais específicas, almejando que estas denominações, essa classificação/categoria, tornem-se ferramentas sob as quais determinado “grupo”/“tipo” de pessoas possam se unir. É a tentativa de fazer a categoria funcionar como bandeira política na batalha por direitos: direito à “minha vida”, direito “ao meu ser”, direito “ao meu corpo” e a fazer com ele o que estiver com vontade. Contudo, a resistência esbarra na reprodução da ordem, esbarra nas reivindicações que não confrontam mais a regra, mas que se utilizam dela.

Seria prematuro predizer, por outro lado, que o método da autoafirmação através das categorias vem, aos poucos, modificando-se? Uma das reflexões surgidas a partir das observações de campo, que serve para pensar como as homossexualidades e outras

identidades estão sendo forjadas, é que o processo de criar e/ou se enquadrar em determinados fluxos classificatórios, está deixando de ser um processo afirmativo da identidade, para se tornar um processo pautado pela diferença, pela problematização de definições. Assim, no lugar de buscar um enquadramento dentro do binarismo dos gêneros vigentes, expõe-se esse processo como não-natural, questiona-se a feminilidade e a masculinidade, a bi, a hetero e a homossexualidade, coloca-se entre elas, além delas, “nenhuma” delas.

Vale comentar, porém, que para Butler (2010, p.155-156): “o sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, um exterior abjeto que está, afinal, ‘dentro’ do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio”, o que remete ao fato de que mesmo essas tentativas de “fuga” são parte de um processo reiterativo e citacional. Desse modo, as experiências particulares, por mais singulares que aparentem ser, acabam por encontrar eco, um eco que mistura autoconhecimento, reconhecimento, identificação e o compartilhamento de afinidades.

Foucault (2010, p.164) diz que “o dispositivo de sexualidade deve ser pensado a partir das técnicas de poder que lhe são contemporâneas”. Acatando essa máxima, pensar a sexualidade, ou mais especificamente as homossexualidades, e as técnicas de poder que lhes são atuais, implica, necessariamente, rastrear novamente as vivências e as diferentes experiências dos sujeitos, bem como observar por quais artifícios se atinge a população.

Quanto a essas “novas” práticas e experimentos, são desejos diversos, fantasias, fetiches, afetividades, identificações: pessoas do sexo feminino que se vestem como homens, mas não têm a intenção de mudar de sexo; que podem ter desejo ou não pelo sexo oposto; homens que gostam de praticar sexo anal vestidos de mulher com uma mulher; pessoas que sentem atração sexual em dissonância com a atração afetiva. “Neste processo, a proliferação das dissonâncias, das incoerências, intensifica a percepção de que não há substância na identidade, há posições de sujeito, há fluidez, sem que isso seja sintoma de patologia psíquica” (BESSA, 1998, p.12).

Há o anseio de experimentar sem o peso de uma classificação, livres da constante vigilância da “polícia do sexo”, apesar de ainda existir, como bem lembra Butler (2010, p.169), uma relação direta entre certos tipos de comportamentos desviantes e patologias psíquicas, pois, segundo ela, “o simbólico deve ser repensado como uma série de

injunções normativizantes que asseguram as fronteiras do sexo através da ameaça da psicose, da abjeção e da impossibilidade psíquica de viver”.

Já no tocante aos mecanismos de poder: a informatização, a internet e a “mídia” em geral, parecem exercer grande influência sobre a “opinião pública” e o comportamento da população²⁴. A televisão (com suas novelas), e a internet (com suas redes sociais, *chats*, sites etc.) aparecem como grandes “redes institucionais” de “controle” das condutas.

Na novela *Sangue Bom*²⁵ (transmitida pela TV Globo, entre abril e novembro de 2013, no horário das 19 horas), por exemplo, a atriz Isabelle Drummond interpreta uma menina chamada Giane, cujo dilema é ser uma menina com “jeito de rapaz” e que, em virtude de sua aparência “masculinizada”, não chamava a atenção do seu amor, o Bento (interpretado por Marco Pigossi). A solução apresentada para Giane foi que ela se tornasse uma “mulher de verdade”, e ser “mulher de verdade” (nesta novela, para essa personagem), significou o uso de maquiagem, brincos mais longos e menos discretos; vestidos e saias no lugar de bermudas e jeans largos; salto alto substituindo os tênis.

É fundamental ver em todos esses meios, formas através das quais modelos considerados “ideais” e “corretos” são performatizados em âmbito nacional. Além da família e da escola, a televisão e a internet podem ser consideradas influentes instrumentos pedagógicos, instituições atuais e tão atuantes como as primeiras.

A biopolítica sofre adaptações espaço-temporais. Acompanha, ou pelo menos tende a acompanhar, as mudanças no corpo da sociedade. Entretanto, pululam inúmeras formas de ser e estar no mundo: gays, lésbicas, “mulher-macho”, homens “afeminados”, transexuais, bissexuais, assexuados, sádicos, masoquistas, praticantes de “poliamor”, novos modelos familiares e de se conceber famílias, e mais uma série de “outros” que, como dizem Toneli e Becker (2008, p. 6), “não podem ser subsumidos por um ‘etc.’” e cujas identidades não abarcam todas as suas variações e possibilidades. A sexualidade é atravessada, e, cedo ou tarde, ultrapassa as fronteiras das normas que lhes tentam impor.

²⁴ Uma forma rápida para se observar essa influência, para além de pesquisas de opinião, é monitorar e analisar os “*trends topics*” – isto é, os assuntos mais comentados do momento –, a quantidade de seguidores de certas personalidades no Twitter, a quantidade de “curtidas” e “compartilhamentos” no Facebook. A partir dessas ferramentas, é possível observar não apenas o impacto de certos programas (de rádio, TV ou outro), como também seu nível de aprovação.

²⁵ Para mais informações sobre essa novela, ver: <http://gshow.globo.com/novelas/sangue-bom/index.html>.

Através de alguns discursos de minhas colaboradoras, ou do que escreve Bessa (1998, p. 2-3) sobre o “constante desassossego na percepção das diferenças sexuais”, parece óbvio pressupor um certo desconforto com todas essas nomenclaturas. A “crise”, a inquietação talvez não seja fruto da existência de categorias, de representações, das bandeiras políticas, tampouco resultado da tendência a classificação, mas sim da inclinação constante, da obstinação em substancializar, em atribuir uma essência imutável aos sujeitos, ao passo que esses são qualificados como normais ou anormais, inferiores ou superiores etc.

E é sob e sobre esses moldes que as homossexualidades vêm sendo forjadas desde o século XIX, entre quadros patológicos, identidades estigmatizadas, homofobia, violências de toda espécie, sexismo, exclusão, marginalidade, lutas por uma vida considerada digna, lutas políticas, lutas por direitos; entre se assumir ou permanecer no armário, entre reforços de estereótipos divergentes – ser a sapatão caminhoneira ou a “*lesbian chic*” –, ou a recusa a qualquer tipo de identificação/classificação.

Todo esse quadro social encontra repercussão de forma amplificada na internet, que parece funcionar como um grande ímã de informações, e faz convergir em seus espaços tudo que está “originalmente fora” dela. Os traços mais íntimos e/ou corriqueiros de pessoas comuns, de “celebridades” ou de políticos são encontrados e estão disponíveis na rede mundial de computadores, pelo Instagram (aplicativo para celular voltado à publicação de fotos e vídeos curtos), pelo Twitter (rede social para publicação de microtextos com no máximo 140 caracteres contando espaços, compartilhamento de fotos e vídeos e interações – privadas e públicas entre os usuários), pelo Facebook (rede social), pelo Youtube através dos vlogs etc. Do mesmo modo, formas de sociabilidade lésbicas também estão presentes nesse ambiente virtual e é sobre isso que versará o próximo capítulo.

2 EXPERIÊNCIA ENTRE REDES

Neste capítulo apresentarei os percursos da pesquisa, pontuando o entrecruzamento da internet como campo de pesquisa e como uma das esferas de construção das subjetividades de lésbicas e mulheres bissexuais. Há uma definição dos “espaços” e reflexões sobre como desenvolver uma etnografia digital (MISKOLCI, 2009; 2011; 2013; JEOLÁS, 2009; ZAGO, 2013; FLORINDO, 2013; GOMES; LEITÃO, 2011; GOMES, 2007; GUIMARÃES JR., 2007). O uso dos termos “espaço”, “ambiente” dentre outros, serão aqui utilizados como “expressões nativas”, pois nas falas das minhas colaboradoras foi comum o uso desses termos para descrição das plataformas. Ou seja, exponho o campo: a estrutura dos espaços observados; como se deu a pesquisa na internet – coleta e análise do material e a importância da internet para o meu objeto de estudo; como as mulheres bissexuais e lésbicas a utilizam e a relação que esse uso tem com o “desenvolvimento” de suas sexualidades.

2.1 Percursos da pesquisa

Quando iniciei o processo de investigação dessa pesquisa, o caminho a ser trilhado era o de uma etnografia em moldes mais tradicionais, com observação participante, entrevistas em profundidade, acompanhando uma rede de amigas em uma cidade de médio porte, sendo Londrina – PR o local inicialmente escolhido.

Como mencionado anteriormente, busquei encontrar mulheres que se autodenominassem lésbicas na cidade de Londrina, cidade à qual cheguei em 2012. Sem vínculos com pessoas que se considerassem gays, lésbicas ou bissexuais, minha situação de estrangeira dificultou o processo para identificar os circuitos de sociabilidade lésbica/gay na cidade. Em virtude disso, recorri a um de meus contatos do Facebook (uma amiga particular) que havia morado na cidade para cursar a faculdade. Foi a partir dela que conheci minhas duas primeiras informantes de Londrina, com as quais conversei sobre a pesquisa.

A primeira delas, Gabriela²⁶ – 22 anos, classe média, branca, estudante de graduação²⁷ –, foi apresentada a mim durante uma conversa pelo Skype entre ela e minha

²⁶ Mesmo tendo autorização de algumas mulheres, optei por dar nomes fictícios a todas as minhas colaboradoras.

²⁷ Os critérios utilizados para a classificação do perfil das entrevistadas foi o da autoclassificação. Quanto a classe social especificamente, o critério utilizado foi o da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

amiga. Após mais de três horas de conversação sobre relacionamentos, família e os locais de encontro de gays/lésbicas em Londrina, marcamos um encontro *offline*.

O círculo de amigas ao qual fui apresentada por Gabriela era formado por um número que variava, segundo elas, entre cinco e oito pessoas (gays, lésbicas e bissexuais) que se viam com certa frequência. Todas eram estudantes de graduação em faculdade particular, excetuando meu contato, Gabriela, que estudava na Universidade Estadual de Londrina; tinham entre 20 e 28 anos, de classe média e, novamente, afora Gabriela, todas vindas do interior de São Paulo.

No primeiro encontro, Gabriela me apresentou a três meninas e um rapaz, informando-lhes que eu era pesquisadora e que estava investigando o gaydar. Como ocorrera em momentos que precederam à pesquisa, entre meus amigos, a curiosidade e o entusiasmo com o tema foram imediatos, gerando muitas discussões e dúvidas.

Perguntaram-me se havia algum truque para saber se uma menina era lésbica, à qual respondi dizendo que não conhecia nenhum. Contaram-me como faziam para identificar a sexualidade do outro, sobre isso, Andrea, 21 anos, disse que era “*muito complicado identificar as [lésbicas] mais femininas [...], aquelas que não tem jeito, que não se vestem como se fosse homens*” (notas de campo). Comentaram como foi difícil “se assumir”, Gabriela, por exemplo, que se considera bissexual, preferiu contar para a mãe – que é Testemunha de Jeová – que era lésbica. Já as outras meninas e o rapaz não eram assumidos para os pais, apenas para alguns amigos, em situação análoga à de Andrea: “*eu vim morar em Londrina pra fazer faculdade, mas também pra ficar mais distante dos meus pais porque minha cidade é muito pequena e lá não sou assumida. Até aqui, quando fui contar pra minha amiga, passei o dia chorando com medo de falar pra ela*” (notas de campo). Ao perguntar sobre do que era esse medo, ela respondeu dizendo que era medo de ser rejeitada pela amiga, ou de, de repente, até precisar mudar de casa – já que ela dividia o apartamento com outras duas meninas. Além desses temas derivados do interesse delas em minha pesquisa, conversamos um pouco sobre sexo, sobre seriados, sobre saídas e o que faziam para se divertir.

No segundo encontro, fui apresentada a outras pessoas. Nesse dia éramos um total de dez – contando comigo –, entre gays, lésbicas, bissexuais e um heterossexual. Cheguei à casa de um dos rapazes por volta das 20 horas, estavam jogando imagem & ação, e,

logo em seguida, saímos para comer pizza nas proximidades. Perguntei como eles haviam se conhecido e, para minha surpresa, a relação da maioria tinha se iniciado pela internet, por meio de amigos em comum no Facebook, ou em páginas de interesse em comum, no caso, uma cantora assumidamente lésbica. Dessa reunião, o que mais chamou minha atenção foi o comentário de Anita, 27 anos, ao dizer que adorava converter heterossexuais e que elas depois de passarem pela sua mão, viravam lésbicas (notas de campo).

Vale dizer que essa fala ganhou destaque justamente por encontrar eco na experiência de outras meninas quanto ao interesse – intencional ou não – por heterossexuais, como aparece ilustrado na seguinte imagem, que ganhou uma quantidade considerável de “curtidas” em apenas 1 hora de postagem:



Figura 1 – Tirinha: publicada pela página do Facebook do site Sapatômica.

Contudo, apesar de ter frequentado encontros dessa rede em duas ocasiões, não consegui adentrar de fato em seu círculo de amizades, mesmo tendo trocado algumas mensagens por meio do Facebook posteriormente. Desse modo, os contatos travados serviram como observação e conversas isoladas, mas não atenderam a proposta inicial de acompanhamento da rede.

Desde o início, a internet já se destacava de modo marcante na pesquisa, como forma de conhecer possíveis colaboradoras e estabelecer contato em seguida, através de

redes sociais como o Facebook e aplicativos de troca de mensagens e outros conteúdos desenvolvido para *smartphones*, como o Whatsapp e Instagram.

Tanto as redes sociais quanto esses aplicativos de múltipla interação, acabam por aglutinar pessoas de forma segmentada a partir de diferentes tipos de afinidade. Se, por um lado, a construção de redes de sociabilidade nas mídias digitais é baseada em critérios de seleção personalizados, “bloqueando” ou “deletando” contatos com os quais não se quer mais manter um relacionamento (MISKOLCI, s/d), por outro,

Hoje em dia, é quase impossível compreender nossas relações sem mediação tecnológica, pois vivemos em uma cultura digitalizada, sempre presente, já que nos comunicamos por elas, vivemos em referência aos seus conteúdos e aprendemos a fruir um grande prazer na inédita experiência da comunicação com várias pessoas ao mesmo tempo (MISKOLCI, s/d, p.3).

Em nova tentativa, conheci Ticiane, 33 anos, branca, de classe média alta, artista, que se autoneameava bissexual. Ela foi a segunda informante a quem fui apresentada por meio do Facebook, por intermédio da mesma amiga em comum que me colocou em contato com Gabriela – de quem falei há pouco.

Após mandar mensagem privada pelo Facebook e trocarmos números de celular, marcamos de nos encontrar em um café na Gleba Palhano, um bairro nobre de Londrina. Com ela, fiz duas entrevistas, ambas com roteiros semiestruturados. Inicialmente expliquei do que se tratava minha pesquisa; em seguida, à medida que a conversa fluía, ia colocando as questões pertinentes à investigação: “e quando você se descobriu?”, “seus pais/amigos ‘sabem de você?’”, “como foi a questão do armário pra você?”, “você usa o gaydar?” “como foi sua vida em relação a sua sexualidade?” etc.

A persistência nessas problematizações: aperceber-se lésbica ou bissexual, assumir-se ou não, a relação familiar e com amigos/as em relação a tal questão, além de serem cruciais para o conteúdo empírico deste trabalho, é derivada da observação de campo de que esses acontecimentos na vida pessoal dessas mulheres produzem subjetividades.

Quanto à parte do “assumir” e de como isso pode ou não afetar os relacionamentos, Ticiane contou um episódio que, segundo ela, é um dos principais motivos para ter algumas dificuldades em aceitar a própria sexualidade e revelar seus namoros com mulheres.

Quando estava no colégio, eu já havia olhado para algumas meninas, mas só aos 16 anos dei meu primeiro beijo em uma garota. Teve um churrasco das meninas da escola numa chácara e eu fui. Aí, certa hora, eu estava no banheiro com uma menina e a gente se beijou. O problema é que viram através de uma fresta da porta, e vieram outras meninas que arrombaram a porta, tiraram a gente meio que arrastadas, me colocaram no meio de uma roda formada por todas elas e meio que me xingaram, entre outras coisas e depois, no colégio, elas me excluíram (TICIANE, 33 anos, entrevista em dezembro de 2012).

Apesar desses dois contatos, não consegui permanecer em suas respectivas redes. Mesmo refletindo sobre as dificuldades em criar e manter contatos com mulheres da cidade, não pude chegar a conclusões clarificadoras num primeiro instante. Facchini (2008, p. 52), ao relatar os problemas de localizar possíveis entrevistadas, sugere que a dinâmica do “rebuceteio”²⁸ estaria “relacionada à rara indicação de amigas para a pesquisa e à dificuldade de fazer com que a estratégia [de encontrar informantes] através de redes funcionasse”. Contudo, não me pareceu ser este o entrave nesta investigação, primeiro porque a maioria das mulheres que Gabriela me apresentou, excetuando ela mesma e Anita, nunca haviam namorado; segundo, porque o único relacionamento sério de Gabriela havia sido com uma pessoa de outro estado. Não existindo rebuceteio, ainda, na rede em questão, não poderia ser essa a razão para a ineficiência das minhas interações.

Já o caso de Ticiane foi mais particular, pois a maioria de suas amigas na cidade estavam casadas e já haviam tido filhos. De acordo com ela, o fato de não compartilhar o status das amigas – “mulher casada, mãe de família” –, e ter passado uma temporada afastada, justificavam sua exclusão da convivência. Bem, se Ticiane encontrava dificuldades em retomar antigas amizades, admiti não ser de todo incomum ter enfrentado adversidades que impediram que a estratégia inicial fosse executada.

Além do anterior, identifiquei como obstáculo para a pesquisa a preocupação por parte de potenciais entrevistadas que conheci na Semana das Cores²⁹. Tal

²⁸ O termo nativo “rebuceteio” refere-se às práticas amorosas circunscritas a um mesmo grupo, círculo ou rede de amigas, isto é, quando as amigas podem vir a ser ou já foram namoradas; ou quando as mulheres do grupo já tiveram relacionamentos ou “ficaram” com alguém em comum, mesmo que esta outra pessoa não pertença ao grupo.

²⁹ Semana das Cores: discutindo gênero, foi um evento que ocorreu entre 9 e 12 de abril de 2013 na Universidade Estadual de Londrina – UEL. Desde o ano de 2009 acontece na universidade a “Festa das cores” ou “Parada Gay do RU”. No ano de 2013, a festa foi estendida para que houvessem discussões, rodas de conversas, performances, manifestações e intervenções artísticas, com o objetivo de discutir e problematizar as questões de gênero, diversidade sexual, autonomia sobre o corpo e violência.

preocupação dizia respeito, sobretudo, ao armário, ou seja, ao temor de serem reconhecidas na pesquisa, se eu teria que ir em suas casas para entrevistá-las etc. Sobre isso, cheguei a duas possíveis razões para explicar os obstáculos enfrentados em Londrina. O primeiro é concernente ao fato de que as relações de amizade na cidade parecem ser mais privadas, confidenciais e restritas. O segundo, relaciona-se diretamente com o armário. O fato da pesquisadora possuir uma performatividade de gênero capaz de “levantar suspeitas” sobre sua sexualidade, pode ter influenciado a recusa direta em participar da pesquisa ou o afastamento mesmo daquelas que tinham se prontificado a ajudar. Como apontam Almeida e Heilborn (2008) sobre as amizades no “mundo lésbico”:

A relação afetivo-sexual e até a amizade com uma fancha restringiria as possibilidades de manipulação do estigma publicamente, por meio de estratégias de ocultamento do vínculo, comumente acionadas pelos casais que se reivindicam igualitários. Uma ativista, recordando-se de uma amiga que se orgulhava de ter um “gaydar” bastante eficiente, ilustrou esta afirmação. A amiga dizia que não conseguia utilizar seu gaydar com as mulheres, pois a “diversidade” é muito grande. A situação alterava-se quando estava diante das fanchas, estereótipos do macho, “em suas camisas sociais”, figuras anacrônicas (“de um outro tempo”, “de uma outra época”) (HEILBORN; ALMEIDA, 2008 p. 241).

Como última alternativa para estabelecer vínculo com pessoas de interesse para esta pesquisa, recorri definitivamente à internet. Porém, ao servir-me dessa ferramenta, vislumbrei outra possibilidade para dar prosseguimento à pesquisa. Desse modo, paulatinamente, meu campo migrou para a internet, que possuía um extenso e denso material disponível, com inúmeras facilidades de acesso para encontrar minhas interlocutoras para além de um circuito de sociabilidade específico e delimitado.

Pesquisar a ou na internet permite que o campo esteja potencialmente sempre acessível. Se, “o discurso etnográfico separa o estar lá da viagem em si, do chegar lá”, em “se tratado de uma antropologia da e na Internet, a tecnologia digital é tanto o meio de transporte que executa a viagem quanto o ambiente no qual o campo acontece” (GOMES; LEITÃO, 2011, p.26). Também Zago proporciona uma interessante reflexão sobre o assunto:

[...] pesquisar a internet, na internet ou através da internet nos dias de hoje corresponde a um exercício que visa a converter em objeto, campo e instrumento de pesquisa isso que já faz parte das nossas vidas cotidianas e de políticas estatais. Pesquisar na e através da internet significa estranhar este conjunto de atividades que foi por ela possibilitado, e que foi rapidamente naturalizado como se desde sempre tivesse feito parte das nossas rotinas: o acesso à rede mundial de computadores e os usos que fazemos de suas possibilidades para a comunicação, para experimentação corpórea, para realização amorosa, para transações financeiras, para o lazer. (ZAGO, 2013, p. 39).

Mudada a estratégia metodológica da pesquisa, o primeiro passo foi disponibilizar um endereço de e-mail específico para que aquelas que tivessem interesse em participar de um estudo a respeito do armário e do gaydar se comunicassem comigo. Divulguei esse e-mail em meu blog³⁰, em dois grupos do Facebook (que viriam a ser incluídos na pesquisa), e para amigos e conhecidos via mensagens privadas também no Facebook. Ao todo trinta e seis mulheres manifestaram interesse.

Logo no princípio da interação, atendendo ao pedido das que responderam, fez-se necessário a elaboração de tópicos sobre os quais eu gostaria que elas discorressem. Naturalmente, à medida que as trocas de e-mails ocorreram, algumas mulheres deixaram de responder. Essas entrevistas e conversas que não tiveram continuidade foram descartadas da análise posterior devido à superficialidade desse material.

Assim, por e-mail entrevistei quinze mulheres que responderam de forma completa ou parcial as questões formuladas. Essas colaboradoras, contatadas por intermédio do e-mail divulgado, configuram um conjunto heterogêneo de pessoas sob vários aspectos. Variaram quanto à faixa etária, entre 20 e 46 anos de idade (dez mulheres com idades entre 20 e 28 anos; quatro com idades entre 30 e 38 anos e uma com 46 anos); quanto às regiões do país, eram de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso e Amazonas; também se diferenciaram quanto às ocupações: funcionárias públicas, profissionais da área da saúde, da comunicação e do direito, além de estudantes. A classe socioeconômica manteve-se entre a classe média e classe média alta; e quando se classificaram quanto a suas identidades étnico-raciais e sexuais, elas se reconheceram como brancas ou pardas; e como lésbicas, “sapas” e bissexuais. Dessas quinze mulheres, tive acesso (por telefone, Skype e WhatsApp) a uma das minhas principais colaboradoras, Elen – de 38 anos, do Rio de Janeiro –, devido às diferentes experiências vivenciadas por ela e sua disponibilidade em relatá-las durante todo o percurso dessa investigação.

De forma geral, as perguntas iniciais versavam sobre como elas compreendiam o armário e o gaydar, se já tinham ouvido esses termos, qual a relação delas com essa “ferramenta” de identificação/classificação da orientação sexual, o que elas pensavam sobre “se assumir”, qual a importância da sexualidade em suas vidas e se elas

³⁰ O blog Na Ponta dos Dedos (<http://napontadosdedos.wordpress.com>) é um blog voltado para mulheres lésbicas, bissexuais e curiosas que existe desde 2008.

nomeavam/classificavam os próprios desejos. Perguntei também sobre as relações que mantinham com os pais, amigos, local de trabalho e estudo.

A internet contém um enorme aglomerado de informações espalhadas e inúmeras possibilidades de interação por meio de sites, blogs, redes sociais, vlogs, programas específicos para troca de mensagens instantâneas (por texto, imagem, vídeo e voz). Portanto, concomitantemente às entrevistas e conversas preliminares estabelecidas por e-mail e Skype, visitei esses ambientes de troca e sociabilidade, buscando mapear e acompanhar os fluxos dessas pessoas *online*. Além disso, como afirma Miskolci,

Há formas muito diversas de se conectar em rede e elas [também] se entrecruzam diversamente segundo a junção entre tipo de acesso e equipamento usado. Por exemplo, é possível conectar-se por meio do uso de rede de telefonia fixa, wi-fi ou rede celular assim como essas formas de conexão podem se dar por computadores de mesa, portáteis, celulares ou tablets. É muito diferente acessar a rede por meio de um computador fixo em uma lan house usando linha telefônica ou acessá-la com o uso de um smartphone pela rede celular. Dentre os elementos que variam destacam-se a frequência de acesso, a mobilidade, a velocidade da conexão e o tipo de redes em que o usuário se insere (MISKOLCI, 2011, p.12).

Sendo comum o uso cruzado e/ou simultâneo desses ambientes (a mesma pessoa pode acessar um bate-papo, enquanto troca mensagens por Skype e navega em sua página do Facebook, por exemplo), a escolha por englobar diferentes plataformas foi um meio de seguir uma prática bastante comum entre boa parte das mulheres com as quais conversei.

Deparei-me, então, com a primeira diferença entre simplesmente fazer uso da internet para lazer e afins, e utilizá-la como “instrumento” de pesquisa. No primeiro caso, a quantidade de conteúdo é irrelevante, a atualização e exclusão de qualquer material, grosso modo, não faz diferença. É justamente essa característica de velocidade e efemeridade dos conteúdos existentes na web que faz com que a experiência do segundo caso, ou seja, fazer uma pesquisa na internet, seja diferente. Uma diferença cuja primeira lição é: não existe “depois” na internet. Deixar qualquer coisa para depois pode implicar na perda de informação, pois um vídeo de interesse pode não estar mais lá no dia seguinte, a postagem do Facebook, de um site ou de um blog pode ser excluída a qualquer instante. Por essa razão é que “os registros visuais são fundamentais também porque estamos falando de um mundo onde a metamorfose é um imperativo categórico. [...] Para o pesquisador, muitos desses eventos são momentos únicos que ele sabe que nunca mais conseguirá presenciar novamente” (GOMES; LEITÃO, 2012, p.5).

Amaral (2008) também já alertava para a possibilidade da perda de dados e, para a questão temporal, baseada em sua pesquisa sobre música eletrônica alternativa:

A questão temporal indica também mais uma dificuldade: o excesso de indicações, recomendações e sugestões [...]. Não há tempo hábil para olhar a maior parte do material enviado, o que pode fazer com que muito rapidamente um *insider* vá perdendo seus níveis de proximidade e *status* (AMARAL, 2008, p.11 – grifo do autor).

Minha experiência com essa sensação de aproximação e distanciamento, pautado na intensidade dos contatos, é análoga à vivência de Amaral (2008). Não estar inteirada sobre os assuntos debatidos, fossem estes políticos, culturais ou lúdicos, colocavam-me necessariamente na posição limitada de observadora, restringindo minha participação. Assim, quando isso ocorria, minha interação, no tocante ao Facebook e em parte ao bate-papo, tornava-se – de certa forma –, limitada, principalmente quando ficar informada sobre os temas em questão demandava grande quantidade de tempo, como no caso de seriados transmitidos pela TV ou internet. Já ficar sem interagir por alguns dias, obrigava-me, na maioria das vezes, a refazer parte dos laços anteriormente estabelecidos. Quanto ao volume de conteúdo – postagens, mensagens trocadas e links para matérias de jornais/revistas, vídeos, blogs e sites –, o Facebook também foi o mais complicado – como será elucidado nas próximas páginas.

Miskolci (2013) viu nesse “jogo de esquentar-esfria” uma saída possível para lidar com alguns transtornos do campo. Sobre a retirada temporária do pesquisador de cena, ele comenta:

Tive que aprender a lidar com um acúmulo de tensões, tanto as que eles me transferiam quanto as que vivenciava como pesquisador tendo que manter contatos em um campo etnográfico marcado por sofrimentos, ansiedades e suspeitas. O melhor recurso que aprendi a acionar em momentos difíceis foi o de diminuir a interação alegando excesso de trabalho ou outros compromissos (MISKOLCI, 2013, p.307)

A ausência do pesquisador, nesse caso, apresenta vantagens, mas deve-se ter em mente que ela poderia ser prejudicial ao estabelecimento de uma relação de confiança mútua. Além do que fora mencionado acima, na comunicação com minhas colaboradoras potenciais, a ausência poderia implicar em uma espécie de esquecimento (quando os laços eram recentes), podendo ocorrer o risco de uma “substituição”. Isto é, elas poderiam me trocar por pessoas cujo contato mais intenso e frequente seria mais frutífero, uma vez que não teriam nenhum relacionamento erótico ou amoroso comigo pois eu “estava apenas pesquisando”.

Miskolci (s/d) aponta que muitas pessoas têm buscado parceiros amorosos ou sexuais *online*, seja pela comodidade (paquerar de casa, do trabalho, na rua, a qualquer hora), seja pela possibilidade de manter paqueras múltiplas e simultâneas. Mesmo não sendo um objetivo único, a depender da plataforma, a busca por parceiras é uma constante na maioria das vezes. Segundo o autor:

Plataformas como sites de relacionamento ou bate-papos permitem não apenas superar as dúvidas sobre se o interlocutor busca ou não parceiros, algo ressaltado principalmente por mulheres heterossexuais, mas também auxiliam, no caso de quem busca parceiros do mesmo sexo, a ter a certeza de que naquele espaço todos/as serão receptivos aos seus desejos. Nesse aspecto, estes sites são um verdadeiro radar e, não por acaso, *Gaydar* é a expressão inglesa usada para batizar o mais bem-sucedido e antigo site de busca de parceiros do Reino Unido. Para mulheres, estes sites tornam aceitável sua busca de parceiros e, para homens gays, lhes dá uma sensação nova de normalidade na paquera. Se para homens heterossexuais esses sites parecem apenas expandir as possibilidades de busca de parceiras, **para mulheres e homossexuais eles representam a criação de um espaço realmente inédito para a expressão de seus desejos, vivenciar a experiência prazerosa em si mesma de ser desejado e cortejado e constituir relações de uma forma aparentemente muito mais fácil do que antes** (MISKOLCI, s/d, p. 4 e 5 – grifo nosso).

Da mesma maneira que Almeida (2007) aponta a necessidade de partilhar questões referidas ao plano da subjetividade – como experiências de vida e problemas familiares –, e de otimizar a rede de relacionamentos afetivo-sexuais como motivos para que as mulheres procurassem frequentar os grupos do movimento lésbico; o uso da internet, a partir das atividades *online* das minhas colaboradoras, parece ter mantido essa lógica baseada na vontade de manter e expandir relações interpessoais.

Retomando a dimensão da internet, diante da diversidade, velocidade, frequência, quantidade, extensão de conteúdos de blogs, sites e outros (visto que esses sites possuem página no Facebook, Twitter e outras formas de interação com quem os acessa), tornou-se imprescindível fazer um recorte desses provedores de conteúdo. O segundo passo, portanto, foi a escolha de quais meios seriam pesquisados.

Parti de uma pré-seleção baseada no que observei nos grupos e nos *chats*: os veículos de comunicação mais acessados eram o Twitter, o Facebook, o bate-papo, vlogs do Youtube e sites como o Sapatômica e Parada Lésbica. Mais uma vez, segui o fluxo e escolhi o bate-papo do site UOL; um site direcionado ao público de lésbicas e mulheres em geral (incluem-se aí bissexuais e curiosas); o Facebook – e nele optei por analisar dois grupos secretos; e um vlog, devido ao sucesso desse formato.

A escolha dentre tantas possibilidades foi baseada na relevância e popularidade dos mesmos, ou seja: a) número de acessos; b) quantidade de comentários em cada publicação; c) frequência de atualizações; d) quantidade de pessoas que falaram e/ou indicaram o conteúdo desses por meio de redes de sociabilidade como Twitter, Facebook e nas entrevistas informais e formais; e) a facilidade de encontrá-los através do site de busca Google. Creio que essa forma de avaliação permitiu uma seleção adequada que atendeu aos propósitos desta pesquisa, visto que geradores de conteúdo conhecidos por uma quantidade significativa de lésbicas, em maior ou menor medida, influenciam e são influenciados por elas.

Assim, o site escolhido foi o “Sapatômica” (<http://sapatomica.com>). O vlog “Canal das Bee” (<http://www.youtube.com/user/CanalDasBee>). Dois grupos secretos do Facebook. E a sala de bate-papo “amizade lésbica” do site UOL. Falarei em breve de cada um desses meios.

Da mesma maneira que o uso da internet é multifacetado, o processo de pesquisa também o foi por buscar rastrear os fluxos das usuárias, isto é, algumas vezes acompanhando interlocutoras específicas com as quais tive mais contato; noutras seguindo o “tipo” de sujeitos da pesquisa nos ambientes *online* que buscavam e/ou faziam uso. Assim, incipientemente, a forma como procedi minhas investigações se aproxima do conceito de etnografia *multisite* de Marcus (2001, p.112), já que para ele “Seguir empiricamente el hilo conductor de procesos culturales lleva a la etnografía multilocal” (MARCUS, 2001, p.112).

Se os ambientes são diferentes, as técnicas aplicadas para coleta de dados também precisaram ser diversas. Assim, dentro de uma metodologia qualitativa, as técnicas utilizadas foram: entrevistas semiestruturadas e entrevistas em profundidade (por Skype, e-mail, mensagens privadas no Facebook e presenciais); conversas informais; capturas de tela por meio de *print screen*³¹; cópia dos textos dos blogs; arquivamento de imagens; observação participante e do cotidiano; e cadernos de campo. Dito isso, faz-se necessário uma análise da internet, bem como a descrição de todos os meios *online* pesquisados: bate-papo, Facebook, site e vlog.

³¹ Não foi necessário o uso de nenhum programa (software) adicional para obtenção das imagens das redes pesquisadas, visto que o sistema operacional MAC OS X 10.7.5 possui esta função.

2.2 Internet como meio, começo e fim

A internet mudou. Do início de sua disseminação no Brasil na década de 1990 aos dias de hoje, ela cresceu exponencialmente, multiplicaram-se os sites, surgiram os IRC's³². Blogs e fotologs conectaram as pessoas e facilitaram o acesso à publicação na rede para quem não tinha conhecimento algum sobre linguagem de programação. Na verdade, a internet muda o tempo todo, atualizações são uma constante e podem ser consideradas um imperativo de como a rede mundial de computadores funciona, exigindo, por conseguinte, uma atualização constante também por parte de seus/suas usuários/as.

As mudanças acontecem em vários setores e podem ser agrupadas, ao meu ver, em três grandes grupos: 1) mudanças tecnológicas do suporte físico: de um lado a evolução dos computadores, surgimento dos notebooks, *smartphones*, *tablets* e outros aparelhos mediante os quais se pode acessar a internet, associados às diferentes formas pelas quais é possível se conectar aos espaços *online* – internet discada, internet por cabos de fibra ótica, satélite, 3G, 4G; 2) mudanças na estrutura/programação da rede: a possibilidade de divulgar textos, fotos, vídeos e áudios; programas de conversação instantânea por mensagens escritas, por voz e webcam; aplicativos que possibilitam as publicações desses conteúdos, oportunizam jogos *online*, ou ainda propiciam a segmentação de “tipos” específicos de pessoas baseados na localização geográfica e com direito a interação, tais como Brenda³³ e Grindr³⁴; 3) produção e atualização dos conteúdos: notícias, histórias de vida, receitas, música, filmes. Enfim, ousou dizer que há possibilidade de se encontrar todo tipo de conteúdo imaginável na internet.

Se antes, a partir do final da década de 1990, o uso dos bate-papos (*chats*) era um dos principais, senão o principal canal *online* para esse tipo de interação – conhecer

³² “Sigla de Internet Reload Chat (Retransmissão de Bate-Papo pela Internet), que funciona de maneira similar aos chats, porém em outras plataformas que não a HTML. São redes formadas por diversos servidores onde as pessoas podem conversar; em cada rede existem canais, que são salas separadas por assunto” (SEGATA, 2008, p.171). A sigla também é encontrada como Internet Relay Chat e foi criado em 1988 (GUIMARÃES et. al. 2008).

³³ Brenda é um aplicativo para celulares *smartphone* que possibilita achar “garotas lésbicas, bi ou curiosas que estejam próximas [geograficamente]. Brenda, o app [aplicativo] de encontros lésbico” (BRENDA, 2014). De forma simples, este aplicativo utiliza os serviços de localização presentes nos *smartphones* por meio da internet, dando informações sobre as distâncias entre você e outras mulheres. Essa ferramenta pode ser desativada e mesmo assim a usuária poderá ver quem está *online*, trocar mensagens, visualizar fotos – caso a pessoa tenha publicado alguma. Desse modo, diferentes formas de interação são iniciadas pelo uso do aplicativo podendo ou não ocorrer um encontro “ao vivo”.

³⁴ Grindr é um aplicativo para *smartphones* voltado para homossexuais masculinos e que, assim como o Brenda, baseia-se na localização geográfica.

novas pessoas, conversar com alguém que tivesse um interesse ou outra coisa em comum etc.; o surgimento das redes sociais, do acesso móvel à internet por meio de telefones celulares (*smartphones*) com seus milhares de aplicativos – que proporcionam vários e diferentes encontros –, diluíram essa concentração. De acordo com Miskolci,

Atualmente, tenho acompanhado meus colaboradores na substituição do uso do Messenger (e, em alguns casos até do bate-papo) pelo do Facebook e seu chat assim como até mesmo a substituição do uso dos computadores – portáteis ou não – como principal suporte físico da conexão pelos tablets e celulares que permitem mobilidade e acesso contínuo. De certa maneira, as duas transformações sinteticamente descritas fizeram com que o uso de sites na internet por meio de um computador conectado à linha telefônica tenha sido substituído parcialmente (e talvez, no futuro, de forma definitiva) pelo uso de aplicativos em dispositivos móveis conectados à internet por meio de wireless e/ou rede celular (MISKOLCI, 2011, p. 14)

Apesar do comentário de Miskolci (2011) sobre a substituição dos *chats* e dos computadores (que em certa medida também observei), a dispersão supracitada, para a maioria das mulheres que fizeram parte da pesquisa, não é exclusiva, mas inclusiva – no sentido de que as usuárias utilizam muitas das plataformas possíveis de modo a convergi-las para as mesmas e/ou diferentes finalidades: conversa, trabalho, pesquisa, lazer, busca de pares românticos dentre outros. Como o próprio Miskolci (2011, p. 15) coloca em seguida, ele teve que “lidar com o fato de que seu uso [por parte dos colaboradores] dos bate-papos se articulava ao de outras plataformas, como sites de busca de parceiros, Messengers e redes sociais, como o Facebook”.

Observando esse cenário, Nussbaumer (2008), Lewgoy (2009) e Miskolci (2013; 2011) comentam a presença e a importância das mídias digitais no cotidiano. Assim como Miskolci, compreendo mídias digitais como “uma forma de se referir aos meios de comunicação contemporâneos baseados no uso de equipamentos eletrônicos conectados em rede, portanto referem-se – ao mesmo tempo – à conexão e ao seu suporte material” (MISKOLCI, 2011, p.12). Não se ignora, é claro, que o “recorte de classe e escolaridade é fundamental para definir quem usa as novas mídias”, e que “a ele se juntam outros [recortes] nada desprezíveis como geração, local de moradia, gênero e provavelmente os menos explorado até hoje: raça e etnia” (MISKOLCI, 2011, p.10).

Nas entrevistas não ocorreu menção direta à maioria desses marcadores de diferença social, mas foi possível observar sua existência e parte de sua dinamicidade *online*. No caso do Facebook, havia uma predominância de mulheres brancas e pardas, de classe

média e classe média alta, cursando o ensino superior, com superior completo ou com pós-graduação, majoritariamente jovens e jovens adultos, sendo mais rara a presença de mulheres acima dos 40 anos de idade. Em relação ao site Sapatômica, que é construído por uma equipe de dez meninas entre 15 e 25 anos, a faixa etária na qual a maior parte de suas leitoras se concentram é equivalente à idade da equipe (SAPATÔMICA, 2014). As imagens utilizadas e os conteúdos produzidos falam e tratam de temas gerais como se assumir, relacionamentos, ou de questões mais específicas como shows, o uso de aplicativos de paquera, estilo de vida e moda, seriados de TV por assinatura etc. O vlog Canal das Bee, por sua vez, é feito por uma mulher e por um homem e ambos se classificam como homossexuais. Como o canal tem um viés ativista, o público é bastante diversificado, sendo a faixa etária de seus telespectadores semelhante a dos outros ambientes estudados, ou seja, jovens. Já o bate-papo, com seu alto grau de anonimato – como descreverei ainda nesse capítulo – tem, justamente, na ausência de um referencial prévio de diferença o maior responsável pela interação mais livre que ocorre nos *chats*, já que não se sabe sobre a aparência física, sobre a raça, ou sobre a classe social do outro antes do primeiro contato ocorrer.

Além disso, é importante ressaltar que as redes sociais operam com uma forte segmentação, e, dependendo das redes que se navegue, pode-se ter a “falsa” impressão de uma maior ou menor frequência de determinada classe, faixa etária, raça, região geográfica etc. Digo “falsa” impressão porque devido à segmentação alguns grupos de usuários podem simplesmente não entrar em contato uns com os outros, dando a impressão de que certos segmentos não estão presentes, afinal, existem grupos, comunidades e outros espaços específicos para boa parte dos gostos e auto-identificações.

Neste sentido, a relação entre os sujeitos e as formas de conexão por meio das mídias digitais é inegável, e é por causa dessa associação, dessa mediação homem e máquina, que é importante pensar o meio no qual se insere esta pesquisa. Trata-se não apenas de pontuar os caminhos percorridos, mas de refletir sobre a metodologia e a própria tecnologia “na medida em que tecnologias são consideradas não apenas como meros objetos, mas como parte das culturas onde elas são concebidas e utilizadas” (GUIMARÃES JR., 2004, p.152).

Pensar a relação entre tecnologia e cultura, ou melhor, pensar na apropriação de certas tecnologias por um determinado grupo social, no caso dos homossexuais, remete-nos quase que imediatamente a algumas características intrínsecas

(pelo menos atualmente) ao uso da internet para estabelecer interações. Dentre as mais discutidas atualmente estão o anonimato, uma suposta efemeridade das relações e a conectividade ininterrupta. Além disso, Nussbaumer (2008, p.214) comenta que “em relação ao público gay, o ambiente on line assume uma importância ainda maior, pois o ambiente off line não oferece para esse público as mesmas oportunidades que oferece para os heterossexuais, em termos de sociabilidade e processos identificatórios”. A existência dessas tecnologias e a forma como ela é utilizada gerou, portanto, como coloca Miskolci (2013a), transformações nas expectativas amorosas e, graças ao anonimato, fez com que as pessoas se sentissem mais seguras para a experimentação sexual.

Conforme observado em campo, o sentimento de isolamento e solidão pelo qual muitas lésbicas passaram antes de terem um outro para compartilhar os aspectos românticos e eróticos de suas vidas, transformou-se e transforma-se diariamente. É patente que essa configuração ainda se faz presente, mas sob novos moldes e, certamente, permeado pelas novas tecnologias.

Ainda segundo observações do campo, hoje em dia, por conseguinte, cada vez mais frequentemente, esses primeiros contatos entre mulheres que se interessam por mulheres acontecem por meio da internet. Fato, este, que se deve ao conjunto de fatores que formam o atual contexto sociotecnológico. É *online* que, tendo como exemplo as listas de discussão:

[...] se concretizam desejos interditados ou difíceis de serem realizados no cotidiano off line, como se assumir, ter amigos gays, encontrar apoio, trocar informações, tirar dúvidas, dividir certas alegrias, enfim, concretizar desejos por vezes triviais que para muitos homossexuais, especialmente para os jovens gays, não são conquistas simples. Nessas comunidades virtuais são compensadas lacunas de um cotidiano que nem sempre corresponde aos anseios de muitos dos seus participantes (NUSSBAUMER, 2008, p.226).

Esse tipo de experiência, não restrita às listas pesquisadas por Nussbaumer, espalha-se por todos os ambientes *online*, dependendo majoritariamente das intenções do usuário e das possibilidades técnicas disponíveis. A internet é um começo, um meio, e um fim, e serviu às minhas interlocutoras principalmente para conhecer pessoas, refletir sobre “sair do armário”, conhecer as experiências de outras pessoas, tirar dúvidas sobre os mais diversos assuntos (mas principalmente sobre sexo, amor e relações familiares) com outras mulheres que elas julgavam serem “iguais a elas”, com as quais se identificavam. Ainda de acordo com Nussbaumer,

Nesse contexto, observamos que mensagens enviadas apresentam-se, para os membros dessas comunidades, como um recurso importante enquanto forma de expressão, atuando não apenas sobre aqueles que as enviam, mas também sobre aqueles que as recebem – no caso, os demais membros da comunidade de pertencimento. Sobre os primeiros, os remetentes, porque lhes possibilitam um exercício de decifração de si por si mesmo e, também, de abertura de si mesmo ao outro. Sobre os últimos porque, ao compartilharem experiências vividas por outros membros da comunidade, preparam-se para situações semelhantes (NUSSBAUMER, 2008, p.229).

Esse sentimento de identificação não ficou restrito às experiências das minhas interlocutoras. Em várias ocasiões me foi possível uma compreensão íntima e pessoal de suas angústias e medos. Assim como Zago (2013):

Por vários momentos, ao realizar entrevistas online e off-line com os participantes, eu enxergava a minha própria história como homem gay nas narrativas e depoimentos dos homens que eu entrevistava, e a linha que separava o pesquisador dos pesquisados se borrava e embaçava: afinal, eu já não sabia mais qual era a diferença entre mim e o(s) outro(s); parecia-me que éramos todos “os meninos”. Às vezes me pareceu que compartilhávamos um núcleo subjetivo comum, uma história mais ou menos coletiva e similar, que envolvia experiências de prazer e desejo densamente carregadas, tentativas repetidas de “dar certo” enquanto homens gays, esforços no sentido de ter um corpo-que-importa, medo de sermos anticorpos, crença no ideal romântico que nos tornavam “noivinhos” e “maridos” (ZAGO, 2013, p.299).

Sobre esse sentimento, Zago (2013) também se questiona se havia analisado apenas o que lhe afetava, se haveria se tornado um “pesquisador-quase-narcísico”³⁵. Outra dúvida que pode surgir deste autoexame é a relação ética entre proximidade e distanciamento, o estabelecimento de limites.

Procurando ser o mais ética dentro do praticável, acabei, intuitivamente, fazendo o mesmo caminho de Zago (2013), ao adotar o que ele chamou de “método do consenso”, que seria uma constante negociação e reavaliação entre pesquisador e pesquisado, reiterando o consentimento deste.

[...] “método do consenso”, isto é, que o/a pesquisado/a possa “consentir livre e esclarecidamente” em participar da pesquisa, ou em deixá-la em qualquer momento; que negocie com o/a pesquisador/a as perguntas feitas e as respostas dadas; que o pesquisado/a possa também fazer perguntas ao pesquisador/a e, talvez, pedir informações sobre a perspectiva teórica adotada na análise dos dados (ZAGO, 2013, p.65).

³⁵ Apesar do termo *autonetnografia* (AMARAL, 2008) se referir ao processo de investigação em que há uma grande proximidade entre pesquisador/pesquisado, preferi não adotar este termo para fugir dos problemas metodológicos que este acarreta, sem, contudo, negar a existência de uma afinidade biográfica entre mim e minhas interlocutoras, e também entre mim e o campo desenvolvido *online*. Além disso, as considerações de Amaral sobre a *autonetnografia*, que fazem com que o pesquisador fique atento à forma como certos fatos alteram ou podem alterar a percepção deste sobre o objeto, foram relevantes para o desenvolvimento da pesquisa.

Quanto à minha experiência com o método do consenso, que serviu para balizar a ética nessa pesquisa *online*, o principal e indispensável foi clarificar todos os aspectos do trabalho para as prováveis participantes, isto é: comunicar o mais cedo possível a minha condição de pesquisadora, esclarecendo que tipo de pesquisa estava desenvolvendo e pedindo autorização dos indivíduos ou grupos/comunidades para utilizar os dados por elas fornecidos e/ou gerados; informar o roteiro de questões, quando se tratava de uma entrevista; e, de forma semelhante, quando se tratava de uma conversa informal e surgia algum comentário interessante eu perguntava: “posso citar sua fala na pesquisa?”. Desse modo, foi necessário interrogar-me continuamente: “o que eu posso ou não fazer?”, “o que posso ou não usar como informação?”. Para cada meio investigado, foi necessário uma abordagem progressivamente flexível e adaptável.

A necessidade de maleabilidade foi resultado justamente dessa conexão entre proximidade, distanciamento e ética. Miskolci (2013) esclarece que durante sua pesquisa em salas de bate-papo, a partir de certo momento, para dar continuidade ao diálogo era preciso que ele desse informações sobre si. Mas até que ponto é “correto” falar de si e responder as perguntas dos pesquisados? Até que ponto o pesquisado conhecer o pesquisador poderia influenciar o comportamento de ambos?

No caso da minha pesquisa, em certa medida, optar por um caminho que deixava um pouco de lado a prudência em fornecer informações, significou perceber na aproximação uma oportunidade que possibilitava aprofundar as visões de mundo das pesquisadas, tanto aquelas verbalizadas conscientemente, quanto aqueles dizeres cotidianos aparentemente tão inofensivos, mas que carregam todo o “machismo” e homofobia que atravessam nossas relações sociais, e que foram observadas em frases simples como: “mulher tem que saber se comportar”; “é gay mas não precisa mostrar pra todo mundo”; “é lésbica mas não precisa parecer um homem”; “se for pra ficar com uma mulher masculina, é melhor ficar com um homem de verdade”.

Enfim, pesquisar na internet ainda é algo novo e um processo de pesquisa em mutação, que requer reflexão. Apesar de todo o aparato teórico-metodológico existente, e as muitas experiências de outros pesquisadores serem fundamentalmente importantes, cada um precisa desenvolver uma forma própria para acessar e analisar o que está investigando, afinal, como aponta Miskolci (s/ano), o uso da tecnologia varia de acordo com a cultura e o grupo social pesquisado. Mencionando novamente o que disse acima, varia também de acordo

com a plataforma, já que, ainda segundo este autor (2011), é interessante pesquisar os usos que se faz dessas redes, tanto quanto ou mais do que as redes em si.

2.3 Bate-papo do UOL

As salas de bate-papo foram uma das primeiras formas de interação na internet (juntamente com o mIRC³⁶ e o ICQ). Existem salas de bate-papo em boa parte dos sites provedores de conteúdo como o BOL (Brasil Online), o Terra e o UOL (Universo Online).

Com 7.577 salas abertas, abarcando 378.850 mil lugares (lugares é o equivalente ao número de pessoas que cada sala abarca), o UOL³⁷ possui o maior bate-papo do Brasil (UOL 2014). As salas são divididas por temáticas: amizade, encontros, namoro, sexo, vídeos, imagens eróticas, cidades, idades, religiões, idiomas, tema livre, variados, outros vídeos e imagens, além das salas criadas pelos assinantes.

Dentre as diversas possibilidades direcionadas ao público lésbico – já que existe a segmentação para esse público nas categorias de amizade, encontro, namoro, sexo e imagens eróticas –, escolhi as salas de amizade porque meu intuito era estabelecer uma relação na qual algumas dessas mulheres se transformassem em colaboradoras da pesquisa. Por mais que as categorias das salas não correspondam exclusivamente ao tipo de comportamento/interesse praticado, a categoria da sala – amizade – me resguardava, em parte, de qualquer primeira “investida”, cantada e afins. Desse modo, quando era perguntada sobre o que procurava, a minha resposta de “estou pesquisando” parecia não soar enganadora.

A primeira coisa a fazer para entrar em uma sala de bate-papo é selecionar uma das várias opções supracitadas. Uma vez selecionada a sala, o modo de interação é simples. O primeiro passo é uma verificação de segurança por meio da digitação de um código contendo números e letras; o passo dois é a identificação, na qual o usuário escreve seu *nickname* (ou apenas *nick* – que significa apelido) e escolhe uma cor e, em seguida, basta clicar em entrar (conferir Figura 2).

³⁶ Principal cliente do protocolo IRC. mIRC foi uma inovação criada em 1995 para o sistema operacional MSWindows. Ganhou popularidade por criar uma interface mais fácil para o uso do programa (GUIMARÃES et. al. 2008; RECUERO, 2002).

³⁷ Para saber sobre a história do UOL, visite o site http://sobreuol.noticias.uol.com.br/historia/home1_h.jhtm.

The image shows the UOL chat room access interface, organized into three numbered steps:

- 1 Verificação de segurança:** A text box for entering characters from a captcha image. The image shows the text "Responda se estiver em uol.com.br" and "Answer only in uol.com.br" over a distorted graphic. Below the image, it says "Se tiver dificuldade para ler, troque a imagem ou ouça o que está escrito".
- 2 Identificação:** A text box for "Digite seu apelido:" and a color selection grid with 12 colored circles.
- 3 Entrar na sala:** A red button labeled "Entrar »".

Below the main steps, there is a pop-up box titled "Entre com seu perfil no Bate-papo" containing fields for "E-mail:" and "Senha:" with an "ok" button. Below this, it says "Quero criar um perfil" and "O que é perfil? Assinante UOL tem acesso a áreas reservadas".

Figura 2 – Tela de acesso do bate-papo do UOL

Fonte: UOL - <http://batepapo.uol.com.br/goroom.html?nodeid=1070280>.

Ao entrar na sala, o apelido escolhido estará no topo da barra lateral do lado direito, sinalizado com uma estrela e, logo abaixo, todos os outros *nicks* que estão na sala com quais se poderá interagir. Para isso basta clicar em cima do nome e iniciar uma conversa.

Na parte inferior localiza-se o espaço destinado à digitação das mensagens e logo abaixo ficam os *nicks* selecionados para interação. Além do nome, a diferenciação das usuárias selecionadas para interação é feita por cor. Desse modo, cada conversa com uma pessoa diferente fica sinalizada. Há ainda a opção de bloquear algum participante do *chat*, de conversar no reservado, e de abrir uma nova janela na qual é possível conversar por voz e com webcam. A quantidade de usuárias para o envio de mensagens direcionadas ao *nick* que estão usando, independente de serem mensagens reservadas, é limitada à cinco pessoas.

Visitei diariamente as salas dessa categoria durante dois meses, entre 15 de julho e 15 de setembro de 2013. No começo, entrei em todos os horários: manhã, tarde, noite e madrugada e permanecia pelo menos 1 hora. Entretanto, pelo fato da noite (adentrando a madrugada) ter rendido um número maior e mais duradouro de interações – havendo inclusive uma dilatação do tempo que ficava na sala –, aos poucos priorizei esse horário.

Em boa parte das incursões, utilizei *nicknames* relacionados à pesquisa: “pesquisadora”, “pesquisando” ou “antropóloga”. Mas em alguns momentos, fiz uso ou de elementos que indicavam minha intenção na sala como “a fim de papo”, ou apenas um outro nome como “Fernanda”, seguindo o estilo de apelidos mais presente no *chat*. Felizmente,

justo os *nicks* que deixavam claro a função que desempenhava na sala (pesquisadora, pesquisando e antropóloga) foram os que mais chamaram a atenção e angariaram inícios de conversa. Aproximavam-se: “está pesquisando mesmo?”, “o que pesquisa?”, “é de fato o que diz teu *nick*?”.

Ainda sobre os apelidos, a maioria dos *nicks* nessas salas traz informações sobre o sujeito. Eles “falam sobre (e pelas) pessoas na sala” (SEGATA, 2008, p.163). Pode ser alguma referência à localização (como Carol-SP), à idade (como Carol_25), à aparência física (como moreninha), a qualidades (como sincera), à profissão, a identificação de gênero (feminina/masculina), a prática sexual (ativa/passiva), às informações de contato (como Carol/skype, Carol-whats), à informação técnica (Carol webcam), ou ainda, o que também é comum, ao signo astrológico (leonina). Há ainda outras variações de *nick*, mas os exemplos referidos foram os que mais se repetiram durante o período de campo. De acordo com Segata,

[...] objetividade e subjetividade são elementos que carregam os apelidos: por um lado podem indicar os meus interesses na sala, por outro podem dar aspectos de meu corpo, meus traços físicos “reais” mas, especialmente, sugerem aqueles traços físicos que possibilitem que o outro me construa de forma a me desejar – aqueles que eu quero que o outro tenha para mim, de mim. Os apelidos, pode-se dizer, são construídos em função da relação que espero do outro em relação a mim na sala, como eu quero que me vejam, como quero que me olhem entre tantas pessoas nesta festa – mesmo que não se tenha tal intenção, como no caso do antropólogo “Apenas Olhando” que, tomado por voyeur, com candidatos prontos à exibição, é chamado a ver o que quiser ver, do outro, em si. Neste sentido, o apelido parece uma matriz não referencial (que não organiza ontologicamente) de construção de corpos, identidades de gênero e subjetividades (SEGATA, 2008, p. 164).

O *nick* é o primeiro parâmetro de escolha para se interagir e uma forma de se corporificar no ambiente digital. Campbell (2004, p.146 apud SEGATA, 2008, p.164) assinala que o corpo continua presente *online*, “porque aquilo a que nos referimos como o ‘corpo’ é simultaneamente uma forma física e a apreensão do físico por uma configuração discursiva, e é esta configuração discursiva que acompanha os indivíduos nesses ambientes virtuais”. Dito isso, o corpo encontra-se fragmentado no espaço digital, pois, sobre ele, apenas estão acessíveis as construções discursivas e as autoimagens expostas em fotografias. A partir desse “corpo”, outros dados são quase que imediatamente solicitados: idade, cidade, o que faz da vida, como você é, o que gosta, o que procura na sala.

Como a outra pessoa com a qual se interage é anônima, essas perguntas são formas de começar a criar uma possível aparência para a mesma e uma relação de confiança; confiança esta que está sempre acompanhada de receio/dúvida, principalmente quanto à

veracidade das informações fornecidas. No caso das salas de amizade lésbica, essa desconfiança se dá sobremaneira no tocante ao sexo biológico – talvez isso se deva a uma presença masculina significativa nessas salas, o que é alvo de repúdio aberto: “*só falo com mulheres*”. E, quando alguém desconfia que determinado *nick* se trata de homem, o apelido é exposto: “*A Fernanda-RJ é homem, não falem com ele!*” (notas de campo).

Ao contrário das outras plataformas de sociabilidade, o bate-papo é o que permite o maior grau de anonimato, sem precisar recorrer a certos truques, tais como colocar um e-mail inexistente no preenchimento para deixar comentário, ou criar um perfil “falso” em uma rede social. É o que melhor resguarda a “identidade” *offline* e, provavelmente, em virtude disso é que o bate-papo do UOL tenha sido tão referenciado em conversas informais. Afinal ele foi, para algumas de minhas interlocutoras, a primeira porta de entrada, e também a mais fácil, prática e barata para começar a construção de uma rede de amigas, e possíveis casos, transas, namoradas. Assim, pode-se dizer que o *chat* do UOL foi, e ainda é, uma das primeiras espiadas fora do armário de muitas meninas pelas mais diferentes razões.

A partir da observação das interações em aberto do *chat* (aquelas mensagens que ficam visíveis para todas as usuárias), é possível sugerir que as motivações que mais se repetem para a participação nesses *chats* são as buscas por relações amorosas, sexuais, amizades ou apenas conversações (conferir Figura 3). Além das razões para o uso do bate-papo explicitadas acima a partir de Miskolci (s/d) – facilidade, comodidade etc. –, outras motivações foram observadas nas salas para o seu uso, motivações estas que muitas vezes se misturam, tais como: a localização geográfica das usuárias (a cidade é um interior muito pequeno; ou a cidade não tem espaços de sociabilidade para o público LGTB); a segurança (perigos devido ao preconceito); dúvidas sobre a sexualidade; o fato de estarem no armário – entendido por elas como “não ser assumida” para os pais e/ou pessoas próximas; e a idade – que impede o acesso a certos ambientes e limita outros. O fato é que no bate-papo, todos esses empecilhos e dificuldades encontram-se suspensos – pelo menos temporariamente, enquanto dura o contato *online*. Afora isso, para Clara (25 anos), por exemplo, a sala de bate-papo serviu não apenas para conversar e fazer amizades, mas também foi por meio de experiências vividas nessas salas que ela “descobriu” seu interesse por mulheres.

Eu fui entrar no bate-papo porque tava entediada e sempre que entrava na sala de bate-papo hetero, vinham aqueles caras e não tinha uma conversa que não fosse pro lado da sacanagem. Aí como queria conversar, entrei na sala de lésbicas porque achava que lá não

ia ter isso de tentar fazer sexo ou coisas desse tipo, só que logo percebi que era a mesma coisa [...]. Quando gostava de conversar com alguém, adicionava ao Skype.[...] Depois de um tempo, adicionei uma menina e sempre conversava muito com ela, até que um dia perguntei se ela achava que tinha alguma possibilidade de estar apaixonada por ela. A gente se conheceu e namoramos por 2 anos (Clara, 25 anos, notas de campo).

(02:42:48) **graca27RN (reservadamente)** fala para **Todos**: bom gente se alguem quizer conversar to aqui

(02:42:53) **Menina Séria! (reservadamente)** fala para **Todos**: Olá, boa tarde! Alguma afim de conversar sério? Que seja inteligente, simpatica.

(06:36:23) **eu...** fala para **Todos**: Oi, alguma mulher a fim de bater um papo só pra amizade, sem sacanagem?

(06:33:01) **Girl Rio** fala para **QUERO UM AMOR RJ**: Eu tbm! Alias vou botar em caps tbm QUERO UM AMOR TBM! rs

(06:30:37) **MENINA.MULHER21 (reservadamente)** fala para **Todos**: BOA NOITE A TODAS! PROCURO UMA MULHER FEMININA, DE PREFERENCIA ACIMA DE 35 ANOS, QUE QUERIA ALGO SÉRIO!

(06:24:53) **alguém? RN (reservadamente)** fala para **Todos**: eu quero q façam gostoso comigo '-' kkkkkk

Figura 3 – Na sala: alguns exemplos de falas em busca de iniciar interação.

Consoante ao que foi elucidado, pode ser constatado na imagem acima que há uma busca por relações, quer estas sejam sexuais ou de amizade. É pertinente mencionar que uma não exclui necessariamente a outra, pois, como afirma Facchini (2008), há uma grande fluidez no deslizamento entre amizade e sexo no tocante às lésbicas. Na imagem, é possível perceber também o uso do “(reservadamente)”. Quando se escolhe essa opção, pretende-se que as trocas de mensagens sejam restritas entre uma usuária e o *nick* selecionado por ela; todavia, mesmo ativando essa opção no bate-papo, se a usuária selecionar “Todos”, a mensagem poderá ser lida publicamente.

Retomando a atividade no *chat* do UOL, como o bate-papo não abarca apenas o público que ele busca segmentar, logo não se encontram apenas mulheres lésbicas na sala, a solicitação do nome é constante e, todas as vezes que eu não o disse (como teste), fui classificada como homem. Em seguida era cessada a comunicação comigo³⁸. Ademais, a minha condição de pesquisadora criava, também, uma dúvida sobre minha sexualidade. Dessa maneira, além das perguntas pessoais (“de onde você é?”, “você está mesmo

³⁸ Apesar de não ter sido alvo de uma reflexão mais acurada, visto que não era meu objetivo fazer uma etnografia dos usos da sala de bate-papo, chamou-me a atenção a quantidade de propagandas relacionadas a sexo (“aumente seu pênis”, “venha ver gatas mandando ver” etc.) e uma presença não dissimulada de homens, pois utilizam nomes próprios masculinos ou, quando o apelido era neutro, logo se identificavam como sendo do sexo masculino. Cheguei a adicionar dois desses homens ao Skype da pesquisa para entender, mesmo que superficialmente, sua presença num *chat* destinado a lésbicas. Curiosamente, e ao contrário do que o preconceito poderia levar a concluir (de que poderiam estar ali para tentar “pegar uma lésbica” – como algumas os acusavam), eles estavam lá atrás de realizar fantasias. Um tinha o desejo de ser penetrado por uma mulher e procurava uma lésbica para realizar essa vontade. E outro gostaria que uma lésbica conquistasse sua namorada – quem quer que fosse essa namorada. Obviamente que esses casos individuais não são exemplares nem servem de padrão para os interesses e/ou comportamentos de homens em salas de bate-papo de lésbicas.

pesquisando?” etc.), em algum momento, geralmente logo no começo, todas as mulheres perguntavam se eu era lésbica, bissexual ou curiosa e qual meu “estado civil”. Assim como ocorreu com Zago, era como se assumir uma identidade homossexual, como se o fato de partilhar essa característica me autorizasse a falar delas, a ser uma “porta-voz” legítima: “a fixação da minha identidade sexual se tornou algo preponderante para a criação de vínculos com os pesquisados e foi fulcral para o estabelecimento de relações” (ZAGO, 2013, p.64).

Todavia, mais do que isso, a troca de histórias e o meio pelo qual ela ocorreu, transformava-me numa pesquisadora *insider*, como o termo é entendido por Hodkinson “(...) enquanto um conceito não absoluto intencionado para designar aquelas situações caracterizadas por um grau significante de proximidade inicial entre as locações sócio-culturais do pesquisador e do pesquisado” (HODKINSON, 2005, p.134 apud AMARAL, 2008, p.10)³⁹. Neste caso, tratar-se-ia de uma posição duplamente insider, tanto pela minha apresentação de mulher lésbica, quanto pelo meu domínio dos ambientes/redes de relacionamento da internet. Tal posição fazia com que as mulheres que se disponibilizaram a participar da pesquisa confiassem em mim como alguém que compreenderia sua existência romântica e sexual, seus medos, sofrimentos, solidões, alívios e alegrias. E claro, essa posição baseada numa identificação, somada à minha facilidade derivada de um conhecimento prévio da linguagem e da etiqueta própria à internet e aos meios pesquisados, auxiliaram-me no contato com as interlocutoras do bate-papo e dos outros ambientes.

O bate-papo é permeado por uma multiplicidade de interesses. Como dito, procura-se: sexo virtual, apenas passar o tempo, conhecer novas pessoas, “*amizade e o que mais rolar depois*”, “*apenas bater um papo*”, “*o que aparecer*” (notas de campo). Em todas essas circunstâncias, após aferidas as afinidades, é comum o pedido (algumas vezes insistente) por um contato mais direto: o Skype, o Facebook, o Whatsapp, ou outra rede social/aplicativo.

³⁹ Tradução de Amaral da passagem: “This paper utilises the the notion of insider research as a non-absolute concept intended to designate those situations characterised by a significant degree of initial proximity between the sociocultural locations of researcher and researched” (HODKINSON, 2005, p.134 apud AMARAL, 2008, p.10).

[...] perguntei-lhe sobre os motivos dos participantes insistirem tanto em sair da sala e continuar a relação no MSN, já que naquela altura eu já havia assistido a muitas dessas cenas, bem como tais convites já haviam sido a mim dirigidos. Ela me disse estar com pressa (eu, de fato, não parecia interessante de cinza), mas me explicou que a sala de bate-papo é como uma festa: você entra, vê várias pessoas desconhecidas dentro de um mesmo espaço, como numa “balada”. Essas pessoas entreolham-se, avaliam a beleza, o jeito, o corpo (no caso, lêem os apelidos), tomam coragem, aproximam-se para conversar, ou flertar. Se o papo for bom, se a pessoa for interessante, “a gente chama pro canto e pega que nem na balada e se der, ainda leva pra cama”, dizia-me ela (SEGATA, 2008, p.163).

Analisando o desenvolvimento das conversas a partir dos diálogos estabelecidos comigo, foi possível perceber que a sala de bate-papo não era um fim em si mesma para as usuárias, mas um meio para contatar pessoas com as quais pudessem aprofundar a conversa em outras plataformas. E, guardadas as devidas diferenças, eu também buscava aprofundar minhas conversas por meio de outras plataformas para conseguir minhas colaboradoras. Parece existir, desse modo, um passo-a-passo quase ritualístico⁴⁰.

No bate-papo conversei com mulheres entre 18 e 55 anos de idade, de várias partes do país, a maioria buscando apenas passar o tempo batendo um papo, ou uma amizade que se transformasse em um relacionamento afetivo-sexual. Adicionei cerca de quarenta mulheres a uma conta do Skype criada especificamente para a pesquisa. Dessas quarenta, a maioria não deu continuidade às conversas nos dias seguintes, simplesmente não havendo mais interação. Assim, realizei entrevista com apenas cinco e somente mantive contato, fazendo novas perguntas, com duas. Dentre essas cinco, encontram-se mulheres com idades de 18, 19, 25, 29 e 40 anos; uma de classe média baixa, três de classe média e uma de classe média alta; uma com ensino médio completo, três cursando ensino superior e uma com o ensino superior completo; todas moradoras da região centro-sul do país.

Na mudança de um meio para o outro, ao adicionar possíveis interlocutoras ao Skype, a conversa tendia a uma breve intensificação que culminava, posteriormente, no encerramento deste contato, como pode-se constatar observando o número de mulheres adicionadas em relação ao número de entrevistas concedidas. No novo ambiente, o Skype, uma das questões que considerei chave para que o processo de confiabilidade avançasse, era mostrar uma foto. Era preciso dar um “rosto” a essa outra, à medida que se partilhavam situações de vida, que se ouvia a voz, que se “via” a outra, confirmando-lhe a existência.

⁴⁰ Apenas a título de reflexão, o ritualístico aqui posto não foi pensado no sentido estrito do ritual de Victor Turner (1974); tampouco maturado na relação entre sagrado e profano. Mas, guardadas as devidas proporções epistemológicas e metodológicas, há vestígios que lembram, por exemplo, os ritos de passagem no que tange à troca de “espaços” e às mudanças no status desse outro e a posição de sujeito que este ocupa: desconhecido, conhecido, colega, amigo etc.

É relevante a fala recorrente sobre a necessidade de ver e/ou ouvir a outra para que este se tornasse “concreto”. Para ser “verdadeiro”, para existir concretamente e de fato, elementos “físicos” como a voz, as fotografias e o uso de webcam são valorizados pela ideia e pelos aspectos de um mundo mais “real” que carregam em si. Mesmo assim, como aponta Segata (2008 p.168), ainda é difícil pensar em corpo quando se fala de apelidos, fotos, voz, “mas não é difícil senti-los, e não é difícil porque não se escreve recados para caracteres, não se flerta com fotos, não se combina festas com códigos – faz-se isso com pessoas, sente-se pessoas”.

Ao iniciar as conversas pelo Skype, precisei constantemente fazer adaptações e deixar o assunto o mais livre possível, já que era indispensável falar sobre muitas outras coisas antes de entrar na pesquisa propriamente dita. No lugar de interromper o assunto, deixava-o fluir e, cedo ou tarde, as questões do meu estudo – talvez por serem tão comuns para boa parte das mulheres que se identificam como lésbicas – surgiam no papo. Existiram aquelas informantes com as quais as interações foram em menor número até conseguir conversar por voz e ter acesso a alguma rede social ou ao número do telefone celular (consequentemente o Whatsapp); com outras, houve a necessidade de muitos contatos, justificado por elas como uma solução para questões ligadas à segurança, à privacidade ou à timidez.

Relativo às entrevistas, um fator considerável é que a internet, por redefinir de modo peculiar as questões de espaço e tempo, coloca para a pesquisa a oportunidade desta não precisar ficar delimitada a uma cidade específica. No processo de conseguir minhas interlocutoras (no bate-papo, por e-mail e Facebook) conversei com mulheres do extremo sul do Rio Grande do Sul a mulheres que residiam no norte do Amazonas. Isso possibilitou conhecer, se não a realidade de diferentes regiões, as impressões dessas pessoas sobre a relação contextual de onde habitam com a busca/vontade de viver sua sexualidade sem pressões, restrições e condenações sócio-moralistas, o que interferia, inclusive, nos usos que estas faziam da internet. Miranda, por exemplo, procurava conseguir namoradas no bate-papo:

E como é morar num interior tão pequeno?

Quando tem muito trabalho, é mais tranquilo porque bate menos carência. Mas é complicado porque aqui todo mundo fala da vida alheia, e como não quero que saibam de mim, vez ou outra fico com homem.

Por que?

Uai, pra não desconfiarem. O último relacionamento com mulher que tive foi com uma que morava numa cidade vizinha, pensei em mudar pra lá, mas o namoro acabou e eu tenho que pensar duas vezes antes de fazer essas loucuras porque tem minha filha.

Como você conheceu sua ex namorada?

Lá pela sala mesmo, depois de dois meses, eu deixei minha filha com minha mãe e fui passar o feriado com ela.

Então você entra bastante no bate-papo?

Quando estou solteira ou sem nada pra fazer sim. É o único jeito que eu tenho pra conhecer alguém, mas eu penso em sair daqui (MIRANDA, 29 anos, entrevista por áudio via Skype, em agosto de 2013).

Além das diferenças supracitadas, existem outros contrastes entre entrevistar alguém *online* e pessoalmente. Na medida em que o outro pode estar constantemente *online*, também parece estar constantemente acessível, o que pode ser uma vantagem – para marcar entrevistas, tirar dúvidas e discutir alguns pontos das mesmas; pode ser uma desvantagem – quando a interlocutora procura sempre interagir com a pesquisadora e se este não tiver tempo disponível, pode ser que haja um distanciamento ou até um certo ressentimento derivado da ideia de “falta de atenção”; ou enganoso – no sentido de ser uma “falsa presença”, quando a interlocutora está *online* mas não está disponível, ou ainda quando o fato de estar conectada não implica em nenhuma facilidade de contato. Independente disso, com essa conectividade incessante – conectividade não somente no sentido de estar *online*, mas no sentido de buscar e visualizar vários conteúdos num curto espaço de tempo –, é capital ganhar o foco da atenção no meio de inúmeros fatores dispersivos existentes na internet.

Para a realização de uma entrevista, esse fator dispersivo se intensifica à medida que a interação entre pesquisadora e pesquisada permite maiores intervalos entre pergunta e resposta – supostamente seria mais fácil demorar ou fugir de dar uma resposta escrevendo do que falando. Por isso sempre dei preferência às conversas por áudio. Nelas as etapas eram ultrapassadas mais rapidamente, bem como possíveis desconfianças eram superadas (pelo menos em parte). Falando, já sabíamos, mutuamente, que se tratava realmente de uma pessoa do sexo feminino, e elas se sentiam mais a vontade.

De qualquer modo, tanto as conversas na sala de bate-papo, quanto no Skype, forneceram-me experiências particulares e ricas, como a de Leda, 40 anos, que durante uma madrugada de conversa me contou, resumidamente, toda a sua trajetória amorosa: a pressão de ter que se casar com um homem ainda muito nova (com 14 anos), a tragédia de seu primeiro amor com uma mulher que veio a falecer, os momentos em que sofreu muito preconceito, principalmente dentro de sua religião etc. (notas de campo).

2.4 O Facebook

Criado em 2004, o Facebook é tido hoje como a principal rede social do mundo, reunindo aproximadamente um bilhão duzentos e trinta milhões de pessoas (TERRA, 2014). Pela quantidade de usuários (mesmo levando em consideração as contas múltiplas que pertencem a um mesmo usuário e as contas com pouca ou nenhuma atividade – frequência e quantidade de postagem ou compartilhamento), é possível inferir que no “universo” do Facebook se encontre milhares de conteúdos extremamente diversos entre si. Isso, por si só, já o coloca como uma importante fonte de informação e de acesso a praticamente qualquer coisa que se deseje investigar. Ainda que a pesquisa seja exclusivamente *offline*, o Facebook pode servir como ponte para a entrada em campo, ou como meio de contato. Além disso, o Facebook comprou o maior aplicativo de compartilhamento de fotografias por meio de *smartphones*, o Instagram; e recentemente concluiu a aquisição do aplicativo WhatsApp, um dos mais utilizados para troca de dados e mensagens usando o celular⁴¹, o que reforça a importância do Facebook enquanto rede social.

A primeira etapa para usar o Facebook é criar uma conta na rede, para tanto, é necessário o preenchimento de algumas informações pessoais para a criação de um perfil “introductório” (conferir Figura 4) – já que o perfil não para de ser produzido graças às interações estabelecidas. As perguntas vão desde o nome⁴², passando por profissão e local onde mora, aos gostos e interesses, mas boa parte delas pode ficar sem resposta, assim como também pode ficar “em branco” o espaço destinado a sua foto.

⁴¹ Sobre a compra do Instagram pelo Facebook veja: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/04/facebook-anuncia-compra-do-instagram.html>. Sobre a compra do WhatsApp também pelo Facebook veja: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/facebook-compra-o-aplicativo-whatsapp-por-us-16-bilhoes.html>.

⁴² Esse nome precisa ser pelo menos aparentemente real, mesmo que não seja o nome verídico do usuário. O Facebook, por exemplo, não aceita como opção de nome abreviações ou apelidos curtos, ou que a plataforma julgue não ser um nome real.

Figura 4 – Interface para cadastro na rede social Facebook.
Fonte: FACEBOOK - https://www.facebook.com/r.php?locale=pt_BR.

Importa dizer que, por mais que os mecanismos do Facebook tentem limitar a criação de perfis “falsos”, não há como assegurar o sucesso desta empreitada. Nada garante que nome e a foto expostos publicamente correspondam à pessoa que está interagindo pela rede. Por outro lado, não se pode dizer que um perfil *fake*⁴³ seja inteiramente falso, pois, como indica Miskolci (2013), um perfil falso pode revelar mais sobre o sujeito do que seu perfil “oficial”.

Além dos controles automáticos para tentar fiscalizar os perfis, páginas e grupos, qualquer usuário pode denunciar “infrações” praticadas na rede como: falsidade ideológica, divulgação de conteúdo pornográfico, preconceituoso, que incite violência ou qualquer espécie de material com o qual alguém possa se sentir ofendido etc. Essa ferramenta, inclusive, é muito utilizada por grupos e ativistas LGBT’s para denunciar perfis, grupos e páginas homofóbicas, uma vez que, se o Facebook acatar a denuncia, o perfil, grupo ou página recebem uma punição/advertência ou são excluídos da rede social.

O Facebook tem um funcionamento simples. Cada dono de perfil pode adicionar amigos, excluir e/ou bloquear⁴⁴ pessoas; curtir (*like*) e compartilhar (*share*) publicações dos amigos e de outras páginas. É possível publicar textos, fotos, vídeos, links em

⁴³ O termo *fake* é usado aqui como uma palavra comum (nativa) ao campo de pesquisa, e que serve para definir algo/alguma coisa como falsa/não verdadeira. É geralmente aplicada para classificar perfis de redes sociais.

⁴⁴ A função “bloquear” impede que o usuário bloqueado acesse qualquer informação do seu perfil, além de deixá-lo inexistente.

sua própria *timeline* (linha do tempo) – e na *timeline* de outros usuários/as –, que poderão ser compartilhados com sua rede de amigos, com amigos específicos, ter uma visualização restrita ao dono do perfil, ou ser pública (disponível para todos/as). Há ainda, na barra lateral, o bate-papo que serve tanto para a troca de mensagens instantâneas, como também funciona como um “e-mail”, ao qual os usuários chamam de *inbox*.

A visualização desses conteúdos é exposta em dois ambientes: na *timeline* e na página inicial do perfil (que funciona como um *feed*). A *timeline* pode ser organizada pela publicação mais recente ou pela mais popular (que recebeu mais comentários, “curtidas” e compartilhamentos), o que fica a critério do usuário. É na *timeline* que ficam registrados os conteúdos que são publicados, ou que os amigos (ou outros, se houver permissão) publicaram no seu perfil. Já na página inicial, encontram-se as publicações dos amigos que o usuário/a segue (isto é, que deseja receber as atualizações e/ou notificações dos perfis), das páginas que curtiu e que segue ou dos grupos que participa – caso deixe o sistema de notificação ativado. A página inicial é privada, e apenas o dono/a do perfil tem acesso a ela.

Quanto à organização das publicações dos grupos, as configurações supracitadas se cruzam. No topo da página do grupo aparecem⁴⁵ as mensagens e conteúdos mais recentes: ou pela hora que foram publicados, ou curtidos ou que receberam comentário pela última vez. O que fica mais tempo visível, assim, são as postagens que estão recebendo opiniões, interações e respostas com mais frequência e sem grandes intervalos de tempo. Caso se deseje ver os conteúdos passados, basta descer a página. Com esse sistema, a depender do fluxo de informação compartilhado, as postagens rapidamente ficam “esquecidas”, e como muitas vezes não são vistas por algumas participantes do grupo, ou da página, é comum a ocorrência de conteúdos idênticos ou semelhantes.

As várias formas de compartilhamento e conectividade dentro da plataforma do Facebook e fora dela, fazem com que o trânsito de todo o tipo de conteúdo seja intenso e abundante. Atualmente a maioria (senão todos) dos sites, blogs ou qualquer provedor de conteúdo, possui “botões” de compartilhamento para qualquer rede social, para aplicativos de celular e para o e-mail. Por isso é impossível dizer e/ou medir, antecipadamente, o impacto de cada publicação, até porque a simples observação de quantos “curtir”, comentários e compartilhamentos um *post* teve, não considera *prints*, nem os compartilhamentos em

⁴⁵ Essa configuração diz respeito ao período até dezembro de 2013. É prática comum do Facebook promover atualização de suas configurações.

mensagens privadas (*inbox*), nem se a postagem tratada foi salva e repassada por outros meios de interação e compartilhamento.

2.4.1 Os grupos

Os grupos do Facebook equivalem em certa medida às comunidades do Orkut. Trata-se de um espaço dedicado à discussão e troca de informações sobre temas específicos ou gerais. Possuem três configurações: podem ser abertos, fechados e secretos. Os grupos abertos permitem a participação de qualquer usuário do Facebook, bastando para isso que clicar em “participar do grupo”. As atividades do usuário em grupos abertos também são enviadas para o *feed* dos amigos que o seguem. Assim, a rede de contatos fica sabendo o que se curtiu e comentou independente de serem membros do grupo.

Nos grupos fechados é preciso autorização de um administrador, mas qualquer um pode solicitar a participação. Neste tipo de grupo somente os membros podem ver as publicações. Por fim, existem os grupos secretos, neles é necessário que algum membro faça o convite e que o administrador do grupo aceite sua solicitação. Os grupos secretos não aparecem nas pesquisas feitas na plataforma de busca do Facebook, tampouco ficam visíveis para a rede de amigos na rede social. Todas as interações que ocorrem na página deste tipo de grupo são visíveis apenas para seus membros (FACEBOOK, 2013).

O Facebook é uma rede propícia e rica para realização de pesquisas. Assim, foi primordial pensar qual abordagem poderia ser mais útil à investigação – se seria pesquisando grupos, páginas, perfis etc. No caso deste trabalho, existiam várias possibilidades. Poderia ter optado por usar os perfis de meninas assumidamente lésbicas, ou analisar o conteúdo de páginas como a “Porra Sapatão⁴⁶” (classificada como “comunidade”) que conta com setenta e oito mil curtidas no Facebook; ou ainda me dedicando exclusivamente às páginas de sites como o Sapatômica⁴⁷ (com oitenta e oito mil curtidas), ou do Parada Lésbica⁴⁸ (com quase trinta e nove mil curtidas).

A decisão pelos grupos deve-se ao fato deles parecerem funcionar de forma mais coesa, reunindo melhor os seus membros. Já a escolha pelos grupos secretos (nos quais a privacidade das usuárias estaria segura), deve-se ao fato de que, em tese, eles favoreceriam

⁴⁶ Página do Facebook Porra Sapatão: <https://www.facebook.com/porrasapataao?fref=ts>.

⁴⁷ Página do Facebook do site Sapatômica: <https://www.facebook.com/Sapatomica?fref=ts>.

⁴⁸ Página do Facebook do site Parada Lésbica: <https://www.facebook.com/paradalesbica?fref=ts>.

uma livre expressão das opiniões acerca de sexualidade; há a exclusividade de integrantes apenas do sexo feminino (ambos os grupos proibiam a participação de homens); e, como para entrar era necessário o convite, isso diminuía a possibilidade de burlar certas regras ou a existência de *fakes*. Esta característica tornou-se importante, pois, aparentemente, a quase impossibilidade de um perfil falso entrar no grupo facilitava a troca de intimidades dentro do mesmo, já que o outro era um outro “verdadeiro”.

Como já participava de um desses grupos, e observava que as participantes não publicizavam em seus perfis pessoais nada ou quase nada relacionado à sexualidade, a ideia de um grupo secreto parecia estar mais próxima da concepção de armário, do que uma página tão explícita quanto a “Porra Sapatão”. Posteriormente, passei a integrar um segundo grupo secreto graças a uma amiga que sabia da pesquisa. Todavia, isso não implicou em uma exclusão dessas outras esferas do Facebook. Delas também coletei dados, principalmente porque os conteúdos dessas páginas, de sites e afins se fizeram presentes na produção de diálogos e troca de informações dos dois grupos pesquisados, havendo, inclusive, postagens síncronas entre eles⁴⁹.

O primeiro procedimento, ao tomar os grupos como campo de pesquisa, foi entrar em contato com as fundadoras dos respectivos grupos por mensagem privada (*inbox*). Recebendo essa pré-autorização, anunciei publicamente a pesquisa e as formas de entrarem em contato comigo, por meio de uma postagem que explicava, sinteticamente, do que se tratava o estudo. Simultaneamente comecei a observar o grupo, coletando, analisando e interagindo nos tópicos de discussão.

As relações do Facebook são, com efeito, dinâmicas. Toda e qualquer postagem pode ser transitória. Publicações, exclusões e edições estão no máximo a dois cliques. Além disso, são milhares de pessoas (mais de um bilhão) publicando conteúdos que correm a rede numa velocidade incrível, quase como um vírus⁵⁰. Assim, acompanhar o ritmo de todas as mensagens e comentários é quase impossível.

Nos grupos isso não foi diferente. Por exemplo, em alguns períodos que eu não pude estar *online* em diferentes partes do dia, quando acessei o grupo haviam mais de

⁴⁹ Não havia intercâmbio de participantes entre os grupos, eu – até o momento da pesquisa – era a única interseção.

⁵⁰ Não à toa que o termo para descrever algum conteúdo que se espalha rapidamente atingindo certo sucesso na internet seja justamente “viral”.

quinze *posts* e alguns deles tinham mais de cem comentários. A quantidade de comentários também acarretou outra dificuldade. Pareceu-me que quanto mais mensagens as integrantes trocavam, maior era a chance de se fugir ao assunto do tópico. Desse modo, se a postagem principal não fosse algo que remetesse diretamente ao interesse da pesquisa, esse detalhe não excluía a possibilidade de que nos comentários houvesse algo relevante.

O truque para tentar driblar essa intensidade, era descer bastante a barra de rolagem e quando os conteúdos começavam a se repetir sucessivamente, não era mais necessário continuar tal procedimento. Lembrando sempre que a ordem que as mensagens são exibidas segue a cronologia de atividade – curtidas e comentários –, e não a data de sua publicação: postagens do mês de abril poderiam estar a frente de postagens do mês de maio.

Feito isso, a segunda etapa era exibir todos os comentários, pois sempre que uma postagem tem um grande número de opiniões, apenas os últimos ficam expostos. Em seguida, era só pesquisar pelas palavras-chave⁵¹ que havia catalogado ao longo da observação e interação com o grupo: “assumir”, “gaydar”, “armário”, “Nárnia⁵²”, “família”, “medo”, “preconceito”, “homofobia”, “gosto”, “sapa”, “sapatão”, “lésbica”, dentre outras. Além disso, acionava o botão “seguir essa publicação”, para sempre receber notificações sobre qualquer atividade daquele tópico na minha página inicial.

Identificados os conteúdos que abordavam temas sobre o armário, o gaydar e as relações interpessoais, selecionava o post e todos os comentários, copiava e colava em um documento do Word. Não dei *print* a pedido das fundadoras, já que elas não iriam autorizar o uso de nenhuma imagem das trocas de mensagens. Em termos de imagem, apenas coletei fotos, ilustrações etc. Segui a mesma conduta nos dois grupos: observei, coletei dados, criei tópicos e conversei particularmente com algumas mulheres, especialmente quando tinha alguma dúvida sobre suas opiniões.

Os grupos estudados do Facebook podem ser considerados como se localizando no sul⁵³ e o outro no nordeste brasileiro. A base para executar essa (quase)

⁵¹ Os computadores e *smartphones* contam com mecanismos de pesquisa para documentos de texto, pdf., e em páginas da internet.

⁵² Nárnia é um termo comum do campo usado como sinônimo de “estar armário”. Faz referência ao filme “As crônicas de Nárnia”, mais especificamente ao primeiro filme da série “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa”. Note-se que esta é uma apropriação criativa, pois o filme não trata em seu enredo nem da homossexualidade, tampouco do “assumir-se”. Porém, talvez a referência ao filme deva-se ao fato de Nárnia ser um mundo secreto, não evidente para a maioria das pessoas.

⁵³ Esse grupo era uma comunidade do Orkut que migrou para o Facebook.

localização foi feita a partir do somatório de três fatores: o lugar onde o grupo se originou, a região onde residiam a maioria das participantes do grupo e, conseqüentemente, onde a maior parte das atividades marcadas no grupo se concentravam. Apesar disso, é normal o fato de algumas participantes serem de diferentes regiões. Não é porque o grupo “nasceu” em São Paulo, por exemplo, que nele só existirão mulheres de São Paulo.

As integrantes de ambos os grupos tinham, em sua maioria, ensino superior completo, a idade mais comum ficava entre os 25 e os 35 anos, de classe média, brancas e morenas – informações adquiridas por meio de postagem fixa destinada a apresentação, e do perfil delas no Facebook. Já o número de participantes, entre adesões e saídas do grupo, girava em torno de 120 mulheres em cada grupo. Dessas, uma minoria participava ativamente do grupo. Assim como Nussbaumer (2008) observou nas listas de discussão, a comunicação e atividade nos grupos também estão reduzidas a pouco mais (ou menos) de trinta participantes.

Uma vantagem e, ao mesmo tempo, um “problema em potencial” das características do Facebook, são as ferramentas “curtir” e “compartilhar”, por transmitirem a ideia de concordância, identificação e afins, quando acionadas; e a ideia de “não aprovação” quando o *post* não é “curtido” etc. Nos grupos, a vantagem dessas ferramentas está na alternativa de começar interações apenas curtindo e compartilhando as postagens antes de “falar” efetivamente no grupo. E a possível desvantagem é que, tendo iniciado a interação com o restante do grupo (ou seja, a integrante esteja comentando e postando na página), a postagem ou comentário não receba atenção e não ocorra a ideia de “aprovação” inerente aos comentários e aos botões curtir e compartilhar.

Observei que, quando alguns *posts* da mesma autora não ganhavam essas qualificações, essa participe aos poucos diminuía sua atividade no grupo ou a modificava. Além da apreciação do *post* pelas outras participantes, um critério para curtir as mensagens é o tipo de relação que se tem com a autora da mesma. Quanto maior o número de amigas que se tem dentro do grupo, maior a possibilidade de seu tópico ser curtido e comentado.

Três coisas ficaram com um maior destaque neste ambiente (Facebook): o uso do grupo como comunidade/clube no qual, além de vínculos de amizade para diversos fins, são originados relacionamentos amorosos; a influência da conectividade da rede celular, produzindo e enviando fotos, vídeos e textos; a forte relação entre programas transmitidos pela televisão e a geração de assuntos no grupo.

Como já foi mencionado, nos grupos secretos do Facebook a possibilidade de anonimato ou de um falso usuário presente entre os membros é quase inexistente, tornando o outro “mais real” em razão de uma familiaridade anterior. É, em grande parte, graças a essa segurança quanto à identidade do outro que a criação de encontros, passeios, viagens e outras atividades como jogar futebol são estimuladas⁵⁴. Amizades são construídas e relacionamentos amorosos, à distância ou não, também. Esses encontros não ficam limitados às presentes. Todas tiram foto, gravam vídeos e compartilham na página do grupo, aumentando a sensação de comunidade entre elas, e de proximidade para as residentes em outras cidades, estados ou países.

Além dessa outra “mais real” graças a possibilidade de verificação de sua identidade, ao contrário das salas de bate-papo, as diferenças etária, de classe, de região, de escolaridade etc. diminuíram significativamente nos grupos classificados como secretos, por existirem restrições de acesso aos mesmos (como já foi explicado). Assim, sendo o Facebook um espaço que facilita e fomenta a segmentação, mais um fator que corrobora para a criação de encontros é o fato dessas mulheres fazerem parte de um universo social, econômico e cultural muito similar.

A partir das interações em ambos os grupos, pode-se dizer que as integrantes partilhavam concepções sobre a vida, como, por exemplo, o fato de a maioria desejar ter relações monogâmicas que se transformem em uma união/casamento; presar, também, por uma discrição quanto à performatividade de gênero e às demonstrações de afeto em locais públicos – esta questão, especificamente, tornou-se mais patente no grupo do Sul, no qual, não raramente, observava, por exemplo, comentários repudiando mulheres masculinizadas. Compartilhavam, ainda, a valorização de atributos e interesses ligados à cultura e ao que julgavam ser características de uma mulher inteligente, ou seja, valorizavam as mulheres que diziam ler muito, que gostavam de ir ao teatro, ao cinema ou a exposições de arte, que apreciavam vinho e que viajavam com certa frequência.

No tocante à conectividade, estar sempre *online*, mas acima de tudo poder estar sempre *online*, reorganiza as relações interpessoais. A comunicação por meio de mídias digitais vem se tornando uma “extensão de todos nós”, pois pelo menos uma parte do “eu”

⁵⁴ No grupo da região Nordeste existiam mais comunicados de encontros e afins do que no grupo da região Sul. Talvez pelo fato do grupo do Sul existir há mais tempo, e já ter tido vários encontros, é provável que elas tenham outros meios para se comunicarem e marcarem algo sem a mediação do grupo.

está continuamente à disposição. Tira-se foto da comida, antes e depois de comê-la; fotografam-se as viagens; filmam-se os passeios e bebedeiras que, logo em seguida, são publicadas no Facebook, no Instagram, no Twitter ou no Youtube, ou ainda, tais registros são enviados pelo WhatsApp. As distâncias estão sendo comprimidas, assim como o tempo parece estar esfacelado entre as obrigações e uma olhadinha nas redes sociais.

Além do ritmo frenético ao qual algumas estão se acostumando ou estão acostumadas, há ainda a penetrabilidade de outras mídias. Um exemplo dessa inserção são as novelas que trazem em seus enredos personagens homossexuais, o que reacende e acalora as discussões acerca de diversas questões que abrangem o cotidiano lésbico/gay⁵⁵. Para que as conversas ocorram ou para entender alguns comentários, é preciso acompanhar – mesmo que superficial e esporadicamente – as novelas, os seriados, as notícias do Brasil e do resto do mundo, as novidades da música, do cinema, da fofoca à política⁵⁶.

Por meio da ampliação das possibilidades de encontros, da conectividade e das intensas interações que ocorrem *online*, é que os relacionamentos amorosos que frutificam a partir da internet dinamizam e remodelam, no mínimo, o cotidiano de mulheres que fazem uso das mídias digitais como uma forma de estabelecer relações afetivo-sexuais. Não raro, algumas trocam de cidade em prol do relacionamento e casam-se. Nos grupos, os casais formados compartilham fotos de seus momentos, são celebradas e recebem felicitações.

O que há de mais expressivo nesses grupos é que, precisamente pelas ligações que desenvolvem, estes se tornam espaços de construção de subjetividade através das constantes trocas de experiências. Diariamente observei mensagens pedindo conselhos e opiniões sobre situações vexatórias no trabalho, como contar para os pais, como lidar com a religião, sobre problemas com a namorada, traição, sexo casual, saúde. Também observei *posts* lúdicos fazendo alusão aos estereótipos: “qual seu lado mais sapatão” ou “como te identificam como sapa” etc. Quanto aos conselhos, um post merece destaque por envolver, ao mesmo tempo, tanto o local de trabalho quanto angústia do “se assumir” e a repercussão que ser gay ou não teria sobre a reputação das pessoas:

⁵⁵ Seriados como *The L Word* – encerrado em 2009 – também fazem muito sucesso nos comentários dentro e fora das redes sociais.

⁵⁶ É importante falar que o papel da T.V não fica restrito a comentários, nem os comentários ficam restritos a T.V. Nas plataformas do Facebook, do Youtube, e dos sites, “internautas” também criam páginas específicas do que gostam, reescrevem roteiros, criam ilustrações etc. Para saber mais sobre relação entre programas/filmes e os fãs, veja Gomes (2007).

L – Vocês se preocupam com que os outros falam? Reputação de ser ou não ser gay preocupam vocês?

S – Nem um pouco. Como minha psicóloga fala: “Liga um foda-se”!

L – é um peso esse “foda-se”, as vezes o preço é alto demais

N – Você se preocupa, L?

L – Sim me preocupo N., muito alto o preço... O mundo é machista... Principalmente o meu mundo, minha estrutura emocional é frequente na neutralidade.

N – Então você não é assumida?

L – Sim. Prefiro uma vida tranquila a ter que me aventurar [...] eu não me assumo nem no trabalho nem em casa. [...] mas confesso a vocês que é uma prisão psicológica. [...] tenho uma formação religiosa muito rigorosa desde criança... Tudo é muito difícil psicologicamente... Tenho muitos bloqueios de aceitação própria.

B – Também tenho formação religiosa e foi bem difícil essa aceitação própria. É complicado não ser assumida pra minha família. Mas a partir do momento que eu me aceitei como sou, mudou muita coisa. Hoje em dia, vivo bem comigo mesma e sei que posso ser feliz. Tudo chegará no seu devido momento. Se meus pais tiverem que saber, saberão no tempo certo. Eu nunca imaginaria que alguém da minha família algum dia viesse a saber. Era inconcebível pra mim. Hoje, tenho um tio e uma tia e alguns primos que sabem e é super tranquilo. Nunca pensei que a reação deles fosse tão boa. Tente pensar que ninguém nesta terra tem o direito de julgar ninguém. E que Deus, antes de qualquer coisa, é amor. Quem ama, também.

L – É meninas agradeço a todas a força psicológica... Quando agente fala (escreve) racionaliza e começa a pensar melhor que talvez não seja tão difícil o quanto pareça. Mas preocupações são com minha reputação... De ser taxada de drogada de pessoa marginal como foi colocado hoje entre as pessoas do meu trabalho “gays são drogados... E na minha casa não entram”. Muito triste ouvir isso... É nossa sociedade que tem essa visão... Infelizmente. (GRUPO SECRETO NORDESTE, maio de 2013).

É evidente na transcrição da conversa acima, a relação antagônica que o armário pode adquirir, dividindo os anseios das pessoas entre a manutenção de um determinado status, de uma imagem específica, de relacionamentos saudáveis com família e amigos, e o ônus do outro lado do segredo, isto é, o medo, a possibilidade de estigma, de marginalidade, de rompimentos com os pais etc., como será desenvolvido no próximo capítulo. Já um exemplo que ilustra um *post* lúdico envolvendo estereótipos que, em muitos momentos, conectam-se ao gaydar, pode ser conferido abaixo:

M. – [...] qual é o lado mais sapatão de vocês?

P. – Meu lado mais sapatão é que adoro pegar peso. Tb dirijo com o braço na porta. E entre outras coisas.

F – Ih! Acho que tem muito! Mexer com instalações e reparos hidráulicos e elétricos, pintar casa, podar árvore (em cima da mesma), futebol, lavar e encerar carro, entre outros... rs

S – acho que trocar lâmpadas...sahsuahsuahauhsa... Mas confesso que não me identifico nada que é tido do "mundo masculino. "E sem falar que minhas unhas (GRUPO SECRETO NORDESTE, maio de 2013).

Ter acesso a esse convívio íntimo, e livre de boa parte das pressões externas, no qual as integrantes se sentiam, em sua maioria, seguras e confortáveis, foi imprescindível para refletir sobre os comportamentos que produzem as subjetividades de lésbicas e bissexuais.

2.5 Sapas atômicas: site

Da mesma maneira que o surgimento dos blogs no final da década de 1990, e sua posterior popularização nos anos 2000, facilitou o ingresso de leigos ao mundo das publicações na web, as novas estruturas para a construção de sites fez com que esta plataforma se tornasse acessível.

Antes dos espaços do Parada Lésbica e do Sapatômica aparecerem, muitos outros, blogs e sites, abriram esse caminho. Foi o caso do saudoso Uva na Vulva, do blog Queer Girls, do site Dykerama⁵⁷ (ainda ativo), das colunas do Bolacha Ilustrada do MIX Brasil (um dos primeiros ambientes *online* para o público LGBT), do Manual da Lésbica Contemporânea.

Os sites atuais, para além das suas especificidades estéticas, possuem uma parte principal aonde são anunciadas as notícias, e textos mais recentes aparecem. Contam com barras laterais e/ou cabeçalhos que os organizam em diferentes sessões e categorias. Dispõem de espaço para comentários, anúncios publicitários, e ícones das redes sociais para compartilhamento dos conteúdos que produzem (conferir Figura 5).

⁵⁷ Site do Dykerama: <http://dykerama.uol.com.br/dykerama>.



Figura 5 – Interface do site Sapatômica.
Fonte: SAPATÔMICA - <http://sapatomica.com>

Por questões de exequibilidade, precisei selecionar apenas um dentre os dois maiores sites brasileiros direcionado a lésbicas e mulheres em geral. Entre o Parada Lésbica⁵⁸ (mais antigo) e o site Sapatômica, optei pelo último, pelos motivos já expostos para eleger os meios, quais sejam: relevância, popularidade, número de acessos, participação, frequência de atualizações etc.

Afora esses fatores, o que também levou à preferência pelo Sapatômica diz respeito ao fato do site disponibilizar um interessante mídia kit⁵⁹, no qual são expostos número de acessos mensais, região do país que mais o acessam, empresas que já anunciaram na página e valores para anúncios. De acordo com o kit de mídia, o Sapatômica seria o maior site brasileiro direcionado ao público lésbico e conta com 790.227 mil visitas mensais, das quais 70% são de novos visitantes (GOOGLE ANALYTICS, 2014 apud SAPATÔMICA, 2014). De acordo com o próprio site, o Sapatômica é:

⁵⁸ Seria igualmente interessante pesquisar os conteúdos do Parada Lésbica, até porque ele foi o fundador do Leskut que, segundo o site, é a primeira e maior rede social lésbica do Brasil. Porém, tendo em vista os prolongamentos já comentados (que o site tem página no Facebook etc.), seria inviável proceder à coleta e à análise de dados de dois sites, pois considerarei mais proveitoso observar diferentes provedores de conteúdo e interação que utilizassem diferentes plataformas – grupos na plataforma do Facebook, vlog na plataforma do Youtube.

⁵⁹ Mídia Kit refere-se ao conjunto de informações acerca de um blog/site para atrair peças publicitárias, contendo preços para veiculação das mesmas.

um site totalmente voltado ao público lésbico, e feminino em geral, visando o entretenimento e distribuição de informações e conteúdo específico. Foi criado com o objetivo de oferecer uma leitura de qualidade, indicada para todas as faixas etárias, com estrutura e administração séria. A ideia para a criação do projeto surgiu após a identificação da necessidade de uma melhor representação dessa parcela da sociedade, que ainda é encarada com muito preconceito. O maior foco do site é abordar assuntos e situações do dia a dia de toda mulher homossexual/bissexual de forma leve, sincera e madura, mostrando que não somos diferentes de outras mulheres, não somos minoria e temos muito orgulho de sermos quem somos!(SAPATÔMICA, 2014).

Prática comum em outros sites, o Sapatômica possui várias extensões: Facebook⁶⁰, Pinterest⁶¹, Twitter⁶², Instagram⁶³, Youtube⁶⁴, Ask.FM⁶⁵. Em cada uma delas o site desenvolve formas específicas de interação criando e reproduzindo informações, notícias, fotos etc. Cada um desses segmentos não possui o mesmo fluxo de atividade, por exemplo, o Sapatômica tem uma atividade mais intensa e frequente no Facebook do que no Instagram, entretanto, esse direcionamento não é fixo. Ainda sobre a estrutura do site, ele é dividido em dez categorias: “astrologia”, “comportamento”, “gastronomia”, “moda e beleza”, “o que elas pensam sobre”, “pessoas reais”, “política e sociedade”, “sexo”, “top 10” e “viagem e cultura”; em mais de seiscentos *posts* originais. As categorias mais visitadas para a pesquisa foram as de “comportamento”, “o que elas pensam sobre”, “política e sociedade” e “sexo”.

No site o procedimento de pesquisa foi apenas o de observação e coleta. Em decorrência disso, e por considerar que as publicações desses ambientes constituem matéria de ordem totalmente pública, não busquei um consentimento prévio para reunir os textos de interesse da pesquisa. Não é necessário registrar-se para ter acesso aos seus conteúdos, e por mais que haja direta ou indiretamente relatos pessoais, estes servem de modo intencional para ajudar, orientar e levar conhecimento ao maior numero possível de pessoas. Não é ao acaso que buscam persistentemente formas de divulgar o espaço⁶⁶. A “homocultura não só se vê cada vez mais midiaticizada bem como cada vez mais visível para longe de guetos e subculturas, que buscam romper a clandestinidade através da apropriação das redes de comunicação digitais” (ALONGE, 2007, p.1).

⁶⁰ Facebook: <https://www.facebook.com/Sapatomica>.

⁶¹ Pinterest: <http://www.pinterest.com/sapatomica/> (rede social de compartilhamento de imagens).

⁶² Twitter: <https://twitter.com/sapatomica>.

⁶³ Instagram: <http://instagram.com/sitesapatomica>.

⁶⁴ Youtube: <https://www.youtube.com/channel/UCNjZbyzDghxdA-Ecpcl2fWw>.

⁶⁵ Ask.FM: <http://ask.fm/sitesapatomica> (rede social de pergunta e resposta).

⁶⁶ Uma modificação na estrutura dos sites e na forma como se passou a pensar a propaganda e o planejamento de mídia das agencias de publicidade, tornou possível a rentabilidade de blogs e sites particulares através da venda de espaços para anúncios dos mais diversos. E não apenas isso, quando alguns desses meios ganham certa notoriedade e conseguem transformar um site ou um vlog em marca, geram-se outras formas de lucrar.

Cada vez mais visível, esquadrinhada e divulgada sob todos os formatos, a presença coletiva de experiências de lésbicas e bissexuais disponibiliza discursos polifônicos, identidades heterogêneas, e explora a reivindicação de individualidades singulares. Apesar dessa visibilidade, as homossexualidades ainda são percebidas como “anormais”, e é o receio das consequências desse “estigma” (a exclusão, a rejeição, a humilhação, a violência etc.) que faz com que o armário perdure mesmo em contextos em que parece existir uma maior liberdade.

Por fim, no site, a técnica de coleta de dados resumiu-se à cópia sistemática dos textos que trouxessem elementos que ajudassem a compor o mosaico das vivências lésbicas, contabilizando cerca de 70 textos. Não entrevistei a fundadora, nem colunistas do site, tampouco entrei em contato ou interagi com leitoras do mesmo.

2.6 Bee – diversão e cooperativismo LGBT

O Youtube com a frase instigadora do seu *slogan* “*broadcast yourself*” (transmitir-se ou transmita você mesmo), acabou encorajando exatamente a produção e transmissão de si por meio de veiculações individuais ou coletivas em diferentes modalidades de vídeos: vídeos engraçados, vídeos demonstrando habilidades musicais etc. Retomarei esse tipo de comunicação ainda neste item.

Este site, que ocupa a terceira posição no *rank* mundial e é o quarto mais visitado no Brasil (ALEXA, 2014)⁶⁷, além dos vídeos “caseiros”, conta com outras variedades de produções audiovisuais: trailers de lançamento de filmes, filmes inteiros, propagandas, clips musicais, shows (as vezes inclusive são transmitidos ao vivo), e tem os vlogs.

Os vlogs, junção da palavra vídeo + log, também chamados de videoblog, ou videolog, é o nome dado aos vídeos caseiros (bem produzidos ou não, de teor pessoal, em forma de diário ou não) que são publicados predominantemente no Youtube. É, ao pé da letra, a realização da sugestão do *slogan* comentado acima. Pode-se dizer que os vlogs são “parentes” próximos dos blogs (weblogs) e dos nem tão antigos fotologs⁶⁸. Igualmente a estes

⁶⁷ Alexa (Actionable Analytics for the Web) é um serviço pertencente à Amazon que mede a quantidade de visitas de um site da internet. Basta entrar no site: <http://www.alexa.com>, e digitar o endereço eletrônico desejado para saber o número de acessos e a posição no rank mundial, nacional e outros dados. Para mais informações, ver: <http://www.alexa.com/about>.

⁶⁸ Fotolog era uma plataforma para compartilhamento de fotos e textos, que possibilitava “seguir amigos” e deixar comentários nas publicações.

meios, e a própria diversidade de vídeos publicados no Youtube, há vlogs sobre toda sorte de assuntos, de relatos pessoais a dicas culinárias.

Os vlogs são abarcados pelos “canais”. Canal seria o nome que se dá a URL⁶⁹ (ao *user*/usuário), por exemplo: <https://www.youtube.com/user/CanalDasBee>. A ideia de canal poderia ser explicada por sua equivalência com o número que corresponde a cada emissora de televisão ou rádio. A comparação com canais de televisão, ou frequências de rádio, sustenta-se ainda mais pela organização que vem construindo o formato e o funcionamento desses canais, os vídeos são lançados com dia e hora marcados, os canais contam com mais de um programa e há, cada vez mais, a presença de artistas conhecidos estreando seus próprios programas. Assim, nem todo canal é um vlog, mas todo vlog está dentro de um canal.

Para caracterizar o vlog, Amaro (2012) subdividiu essa modalidade em quatro classes. O primeiro, o “autobiográfico”, seria para o autor o mais legítimo representante dos vlogs. Nessa espécie de videografia, o *vlogger* é responsável pela filmagem, edição, e o roteiro é o seu cotidiano, a sua vida proferida em tom intimista. Já o “memorial”, seria uma categoria voltada para opiniões sobre acontecimentos do dia-a-dia como esporte e novelas. O “informativo” é definido pelo seu caráter de notícias, informes ou dicas sobre qualquer tema, mas sem comentários sobre si ou sobre os conteúdos que estão comunicando. Por fim, há os vlogs do tipo “artístico/cômica”, nos quais são expostas aptidões musicais, de dança através de suas performances. É possível e também comum uma mistura dessas categorias propostas por Amaro (2012).

Existem vários vídeos no Youtube sobre homossexualidade, muitos vlogs autobiográficos (com auto índice de visualizações), e outros entre o autobiográfico e o memorial que recebem mais cuidados com os processos de produção, edição, qualidade de áudio e vídeo e as pautas tratadas. Em princípio, havia escolhido dois vlogs, o “Dedilhadas” e o “Canal das Bee”.

O vlog Dedilhadas, que era formado por uma dupla de amigas que se identifica como lésbica e que abordava temas sobre homossexualidade, em geral, com ênfase na homossexualidade e bissexualidade feminina, encerrou suas atividades em dezembro de

⁶⁹ URL é o link “

2013, e, posteriormente, excluiu todos os mais de cem vídeos publicados. Embora tenha assistido a quase todos os vídeos do Dedilhadas, por não ter feito download de todos os programas para posterior análise e outras finalidades, optei por deixá-lo como complementação de conteúdos no lugar de eliminá-lo completamente, por considerar que os poucos vídeos “baixados” contem referências para pensar o armário e o gaydar sob o ponto de vista delas. Nas palavras de Sá e Roberta (DEDILHADAS – episódio piloto), elas estavam ali para falar de “*sexo e do mundo lésbico, principalmente do mundo lésbico*”. Assim, o Dedilhadas foi um canal do Youtube que falou predominantemente sobre lésbicas e os microuniversos que cercavam suas vidas. Do Dedilhadas, apenas sete vídeos foram baixados, entre os quais se encontram o vídeo piloto e alguns outros episódios que, no entanto, não seguiram a ordem cronológica de postagem.

O Canal das Bee é uma mistura das classificações de vlogs feitas por Amaro (2012). O canal que começou apenas com o programa “Pergunte às Bee”, hoje possui outros dois, o: “Bee comenta” e o “Bee Fun”. O Canal das Bee surgiu do trabalho de conclusão de curso de Jéssica Tauane, fundadora e apresentadora dos programas do canal que também tem como apresentador Victor Larguesa. Criado com a intenção de lutar contra a homofobia, Jessica divulgou o projeto pelas redes sociais, buscando parcerias para agregar experiências diferentes ao canal. O resultado foi uma equipe guarnecida de diversidades sexuais, gostos e profissões.

O Canal das Bee opera de forma colaborativa, por isso a escolha do nome “bee” (abelha em inglês). O funcionamento dele se dá por meio das redes sociais. No caso do “Pergunte às Bee”, internautas enviam perguntas por vários meios, mas principalmente pelo Facebook na página do canal⁷⁰. O tema geralmente é livre, porém quando uma pergunta se repete bastante, o assunto vira tema para um programa inteiro, programas estes que duram, em média, 10 minutos cada.

Mesmo o canal sendo voltado para temáticas homossexuais gerais e não apenas para lésbicas e mulheres bissexuais, o formato de seu funcionamento amplia sobremaneira as vozes que o constroem, e ter acesso, por meio do canal, às dúvidas, angústias, problemas etc. de milhares de pessoas de diferentes regiões do país proporcionou um material importantíssimo, distribuído ao longo de 58 vídeos assistidos.

⁷⁰ Página do Facebook do Canal das Bee: <https://www.facebook.com/canaldasbee?ref=ts&fref=ts>.

Os vídeos do Canal das Bee trazem como principais temas tanto questões relativas ao compartilhamento de experiências reais que ocorrem com LGBT's, quanto questões relacionadas às políticas que tem como sujeitos de direito lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis etc., sempre tolhendo qualquer tipo de preconceito. É comum que o tema da sexualidade seja ampliado, incluindo outros modelos de relacionamentos afetivos e sexuais como o poliamor e a assexualidade, ou outros diferenciadores sociais como a raça. Nesses vídeos mais específicos ou que abordam assuntos fora da experiência de vida dos apresentadores, geralmente são convidadas pessoas mais capacitadas para falarem ou responderem perguntas sobre o tema.

Se textos e fotos já são capazes de despertar o interesse, o apelo do som e do vídeo amplifica a ideia de transmissão de si. Há de fato uma espécie de sensibilização, no sentido do indivíduo ser afetado e de propagar os efeitos através do compartilhamento do *link* do vídeo por intermédio das ferramentas já citadas. A participação dos usuários é determinante sob muitos aspectos, dentre os quais os principais são a continuidade ou não do vlog e os conteúdos que estes apresentam, pois os usuários contribuem diretamente para a escolha dos temas a serem tratados em vídeos futuros, e a opinião deles é extremamente valorizada pelos donos dos canais. A audiência é um dos focos⁷¹. “Ampliar seu público, aliás, é regra em todos os canais analisados. Os vlogueiros pedem ao final de seus vídeos para que os espectadores avaliem-no e se inscrevam no canal” (AMARO, 2012, p.98).

2.7 Conectividade entre redes e ruas

As redes múltiplas se sobrepõem e se entranham aos cotidianos, às sociabilidades, às formas de experienciar as homossexualidades. Elas reorganizam as cidades, os percursos dentro delas e a vida das pessoas. Assim como as pessoas também remodelam e recriam as estruturas e os usos que se faz da internet e dos centros urbanos com suas edificações e malhas asfálticas.

A soma desses desenvolvimentos com as apropriações criativas das pessoas gerou uma espécie de extensão corporal tanto *online* quanto *offline*. Extensão corporal no

⁷¹ Essa busca por popularidade pode ter inúmeros fatores, mas talvez um deles seja a vontade de ter o mesmo sucesso de outros *vloggers* como Felipe Neto, que chegou a ser contratado pelo canal Multishow. Outra dimensão dessa atenção conquistada pelos vídeos postados no Youtube, é a presença de atores profissionais, alguns de emissoras grandes como a Rede Globo, criando seus canais no Youtube, por exemplo, o canal Porta dos Fundos – <https://www.youtube.com/channel/UCWHPFNilsT0IfQfutVzsag>.

sentido de que há milhares de pedaços do “eu” espalhados pela internet, que vão desde imagens e vídeos do próprio corpo, até traços do que se gosta ou do que se faz; interações aqui e lá. Como afirma Miskolci (2013, p.317) “as relações forjadas pela internet terminam por interferir na vida oficial, cruzando-a a todo momento”.

Seguindo essas interações que se cruzam, durante o período entrecortado de cinco meses⁷², aproveitando algumas entrevistas face a face⁷³ na cidade de São Paulo e a existência de algumas amigas nessa cidade, acompanhei saídas e passeios principalmente pela região da avenida Paulista no trecho da rua Augusta.

Somada às reconfigurações promovidas pelas mídias digitais, outro fator importante para pensar os deslocamentos é que, de acordo com Zago:

[...] a circulação de pessoas no tecido urbano, bem como sua localização dentro das cidades, é estrangida por uma série de fatores que vão desde a própria localização dos espaços de sociabilidade, o oferecimento do serviço de transporte público, os diferentes meios de transporte público e, em última instância, até o próprio local onde essas pessoas residem (ZAGO, 2013, p. 88).

Em São Paulo, esse deslocamento é relativamente particular. Primeiro, o metrô cobre uma parte importante do “circuito gay” paulista (av. Paulista, Consolação, Augusta, Frei Caneca e redondezas) e, segundo, esses locais não são exclusivos desse circuito – basta andar duas quadras numa noite de sexta ou sábado na av. Paulista entre as ruas Augusta e a Frei Caneca para observar que tem banda de rock, skatistas, gays e lésbicas andando de mãos dadas e se beijando, gente engravatada e/ou de uniforme indo tomar uma cerveja em um dos botecos de rua que ficam nas proximidades⁷⁴.

Essa aparente liberdade que parece permitir demonstrações de afeto, de trocas públicas de carinhos com pessoas do mesmo sexo, contudo, não foi/é experimentada por todas as minhas interlocutoras, principalmente as que vivem em cidades pequenas ou mais afastadas dos grandes centros do país. Mariana, 19 anos, residente no interior do Rio Grande do Sul, comentou que apesar de seus pais saberem de sua preferência por mulheres, nunca chegou a andar de mãos dadas com uma namorada por ter receio das atitudes dos outros.

⁷² Esses cinco meses se dividiram entre finais de semana de setembro, outubro, novembro e boa parte dos meses de dezembro, janeiro e fevereiro entre 2013 e 2014.

⁷³ As entrevistas *offline* foram baseadas na disponibilidade de uma conversa face a face, sugerida para aquelas em que o contato foi mais frequente e continuado, e cuja localização geográfica possibilitava um encontro.

⁷⁴ Não quero insinuar com esse apontamento que o transporte público de São Paulo não ofereça dificuldades particulares a seus habitantes. Como qualquer outra cidade do mundo, há sempre os prós e os contras.

É essencial comentar, ainda, que essa privação (e/ou esse medo) da reação alheia não se refere apenas – ou de forma determinista – às características socioculturais e demográficas da cidade. Colaboradoras que moram em grandes centros, como São Paulo, também evitam trocas de carícias em locais públicos. Alguns fatores que colaboram para essa postura, além do armário e das condições da própria cidade, são: a auto-aceitação, a segurança, a formação religiosa, a área em que atua profissionalmente, a área da cidade, o local frequentado etc. Sobre demonstrar ou não afeto, uma de minhas colaboradoras comentou:

Em São Paulo às vezes a gente esquece que tem perigo, mesmo com notícia “lampadada” e outras agressões com um tempo a gente relaxa e age naturalmente. Mas eu preciso lembrar que em certas situações é melhor agir só como amiga até pra se proteger. Tipo, você tá no táxi, você não sabe quem é o taxista, sacou? O melhor é evitar se agarrar nesses casos (Tábata, 28 anos, entrevista em novembro de 2013).

Do *offline* ao *online* do *online* ao *offline*, a relação entre um e outro é tão dinâmica quanto às locomoções na cidade. Estar sempre conectado, reparando constantemente os *smartphones* e aplicativos, e a depender das mensagens trocadas instantaneamente por meio da rede celular, os trajetos serem modificados, ou os destinos alterados, já é a rotina de muitos. Como definir ou delimitar o espaço *online* e o espaço *offline*? Para esse tipo de uso das tecnologias, essa tentativa de cisão não faz sentido. A rede de conectividade ganha as ruas e as ruas ganham a internet, em fotos, *check-ins* do Foursquare⁷⁵, vídeos, e outras formas de “re-mapear” a cidade.

Mapeia-se novamente a cidade e também o desejo. A reorganização das formas pelas quais as interações sociais são iniciadas, e a partir das quais os vínculos se formam por meio e através da internet, alterou tanto a dimensão do armário – ou possibilidades de uma vida erótica e romântica dentro e fora dele –, quanto à dimensão do “radar gay” – vide os aplicativos como Grindr, Gaydar e Brenda. Mesmo que esta pesquisa não tenha se debruçado sobre esses aplicativos, é inegável que sua existência começa a modificar, além das experiências do armário e do gaydar, certas estruturas e/ou a experiências da própria sexualidade num sentido mais amplo.

⁷⁵ O Foursquare é um aplicativo que faz recomendações a partir de buscas locais baseadas nos gostos, nas avaliações de lugares semelhantes e nos amigos do usuário (FOURSQUARE, 2014). Já o check-in do Foursquare é o compartilhamento de localização em tempo real com amigos desse aplicativo e de contas a ele associadas, como o Facebook, o Twitter e o Instagram.

Alonge (2007) e Miskolci (2011; 2013) pensam a internet justamente sob o ponto de vista da proteção e da visibilidade, de permitir viver o segredo e de auxiliar na identificação e/ou formação de redes de sociabilidade específicas. *On* e *off* formam um campo híbrido e não antagônico. Em grande parte, essa ligação entre *online* e *offline* é uma relação simbiótica, e apesar das diferenças entre um e outro estarem diminuindo e se alterando, ainda existem.

A díade virtual (*online*) e real (*offline*), que se fez presente principalmente (e quase exclusivamente) no bate-papo, tem relação direta com o corpo, pois, para as minhas interlocutoras, qualquer interação que se iniciasse *online* só se tornaria completa após um contato face a face. O virtual, salvo raras exceções presentes na fala de mulheres mais velhas, não é visto pelas colaboradoras como algo irreal, falso, tampouco como mentira. É possível dizer que, sob esse aspecto, a ideia de virtual delas se aproximaria do conceito de virtual de Pierre Levy (2007), isto é, o virtual como potencialidade e não como uma oposição ao real. Entretanto, apesar dessa aproximação, a diferença entre virtual e real observada não remete exatamente a ideia de que o virtual é algo que existiria como possibilidade, mas que ainda não teria acontecido de fato.

A diferença entre um e outro, de acordo com o campo desenvolvido nessa pesquisa, parece se concentrar nas peculiaridades que cada esfera proporciona. No encontro face a face, o corpo, como é concebido tradicionalmente, está presente, ou seja, o cheiro, a aparência associada aos trejeitos e todas as outras questões físicas e sensoriais, que, de acordo com Cohn e Vieira (2008), influenciam os contatos sociais. Nas redes digitais, o que predomina é uma permissividade derivada, dentre outros fatores, do anonimato e da ausência desse corpo “tradicional”. Além disso, a ausência de um corpo que sirva como fronteira possibilita que a experimentação virtual seja uma constante, porque o corpo que é apresentado *online*, é um “corpo” aparentemente mais apagável e manipulável do que o corpo físico.

Na investigação aqui procedida, o armário apareceu como uma incômoda realidade com a qual a muitas mulheres lésbicas e bissexuais tem que conviver, mas que com a presença da internet, encontram uma maior possibilidade das portas do armário serem abertas e suas fronteiras tornadas mais fluidas. Se o armário vem sendo flexibilizado e penetrado de diferentes formas, o gaydar também. A mudança no radar gay pode ser percebida de duas formas, ambas tem a ver com uma ampliação de determinadas práticas. A primeira, seria a disseminação de estereótipos, tanto para questionar as posições e

características atribuídas à identidade, quanto para construir uma espécie de manual. A segunda, diz respeito aos aplicativos e aos ambientes/espços *online* destinados às interações e sociabilidades dessas mulheres, reformulando e ressignificando a ideia de “meio gay” – nesses casos o que acontece é que a presunção da sexualidade em lugares voltados para LGBT’s é oposta a dos outros locais públicos, isto é, a expectativa é que a pessoa que está em um ambiente gay, seja gay.

Enfim, no próximo capítulo, mais do que refletir sobre essas mudanças trazidas pelo advento na internet na construção de subjetividades, discutirei a produção tanto do armário quanto do gaydar a partir das experiências das minhas colaboradoras e da observação do campo. Além dos meios que construíram a maior parte do conteúdo analisado nesta pesquisa, outros grupos e páginas do Facebook, sites, blogs e vlogs foram visitados. Outras mídias como Ask.FM, Tumblr, Instagram e Twitter também. A televisão aberta com suas telenovelas e exibição de filmes e seriados, os seriados dos canais pagos da T.V fechada, filmes, etc. também compuseram o aparato empírico desse trabalho.

3 Subjetividades: entre o armário e o gaydar

Como desenvolvido no segundo capítulo dessa dissertação, os ambientes *online* que compuseram o campo de estudo foram diversos. No tocante às fontes acompanhadas sistematicamente, o método variou entre a observação – caso do site Sapatômica e do Canal das Bee; e a observação participante – quando a investigação ocorreu no bate-papo do UOL e nos grupos do Facebook. Simultaneamente, outros conteúdos foram agregados às análises: matérias de jornais e revistas *online*, textos de outros sites e de alguns blogs, telenovelas e seriados.

Mesmo considerando que apresentar as falas e os textos de forma conjunta poderia prejudicar a organização sistemática dos dados, como os meios investigados se articulam e se complementam, optou-se por não analisá-los separadamente. Além disso, a interpenetração entre as mídias permitiu estabelecer conexões que compõem os diferentes contextos nos quais há referências ou discussões sobre o armário e o gaydar.

Todos esses materiais foram imprescindíveis para que fosse possível compreender e debater as nuances que constroem o armário e o gaydar. Neste capítulo, portanto, desenvolvo a relevância do armário e do gaydar como objeto de estudo, analisando sua relação com a produção de subjetividades de mulheres que se auto-identificam como lésbicas ou bissexuais.

Esforcei-me, como dito no capítulo anterior, para não estabelecer nenhuma delimitação antecipada de um “perfil” para as colaboradoras desta pesquisa, objetivando ampliar a diversidade de contextos, experiências e situações. Apesar disso, é importante lembrar que o ambiente digital implica, de imediato, em uma “seleção” prévia – de escolaridade mínima, visto que é preciso saber ler e escrever; de conhecimento técnico, para saber como utilizar um computador ou outros equipamentos como tablets e smartphones; de renda, pois por mais que existam *cybers* café e outros facilitadores de acesso à rede, também gerando gasto, as minhas interlocutoras acessam a internet preponderantemente do trabalho, do celular e/ou de casa.

Diante de todo o conteúdo produzido em campo, houve, como dito, uma dificuldade em organizá-lo, porque, ao mesmo tempo que é possível apontar semelhanças nas trajetórias das mulheres que compuseram a pesquisa, as experiências delas são diferentes

quanto às experimentações sexuais, suas implicações, (auto)categorizações e consequências. Iniciar pelo que foi observado de mais geral e, a partir daí, desenvolver alguns dos pormenores de suas especificidades, pareceu-me um bom caminho.

3.1 Nasci ou virei?

*Já nasci gostando de mulher ou só passei a gostar depois?
Vocês vão rir, mas estava realmente aqui me questionando.
Questão genética ou produto do meio? Alguém, por favor, pode me dizer?
A ruiva diz que apesar de só ter se assumido quando veio morar sozinha no Rio de Janeiro, sempre foi e sempre soube. E que inclusive, se lembra de, na mais tenra infância (com seis ou sete anos, não é isso, amor?), ficar esperando a amiguinha por quem era apaixonada no portão, vestida com seu macacãozinho de piloto de fórmula 1 (PARADA LÉSBICA, 27 fevereiro de 2009).*

Assim como no trecho acima, Jac, do blog Flexões Lésbicas (<http://flexoeslesbicas.com.br>), coloca que mesmo existindo uma grande diversidade entre as pessoas consideradas LGBT's, existiriam muitas experiências que são compartilhadas. Uma delas seria responder constantemente à pergunta sobre os motivos que os/as tornaram homossexuais, bissexuais, transexuais, etc.⁷⁶, se tratar-se-ia de uma questão de escolha ou se seria congênito.

O objetivo aqui não é de tentar responder ou de retomar a velha discussão, aparentemente antagônica, sobre as origens da homossexualidade (natureza vs. cultura), tema recorrente e costumeiramente acionado tanto para “justificar” essa prática e/ou esse sentimento, quanto para criticá-lo/condená-lo. O título desse tópico refere-se às vivências de infância e adolescência permeadas por uma invisibilidade, por uma angústia proveniente de um desejo que deveria ser escondido e/ou explicado, enfim, a uma experiência observada e recorrentemente relatada por minhas interlocutoras. Todas elas já questionaram a si mesmas sobre a normalidade de sua(s) sexualidade(s), mas antes de se depararem com a apreensão do armário, do segredo que deve ser guardado acerca da própria orientação sexual, o primeiro dilema enfrentado foi a “descoberta” de si quanto aos próprios desejos e sentimentos.

⁷⁶ Homossexual: nascença ou escolha? – Parte 1 (<http://flexoeslesbicas.com.br/2011/02/27/homossexual-nascenca-ou-escolha-parte-1/>).

Há uma grande variedade de momentos e formas de descoberta de um desejo lésbico: existem as que sempre sentiram atração por mulheres e identificam esse desejo ainda criança, outras apenas na adolescência; há aquelas que o descobriram depois de adultas, independente de terem tido ou não relações heterossexuais; as que mantêm relações homoeróticas mas não se identificam como lésbicas; ou ainda as que tendo encontros eróticos com homens fazem uma separação entre sexo e relacionamento, como é o caso de Cecília, 18 anos, que se identifica como bissexual “*porque, assim, de homem eu só gosto e só consigo fazer sexo, não acho que conseguiria me apaixonar por um cara. Já mulher, eu acabo me apaixonando e também sinto atração*” (entrevista em julho de 2013).

Mesmo com estas e tantas outras diferenças entre essas mulheres, um dos elementos de interseção entre suas vidas diz respeito justamente à “descoberta”; isto é, entre aperceber-se gostando de alguém do mesmo sexo, saber que outras pessoas também são assim, que há vários nomes para esse desejo e uma série de desdobramentos a partir desses nomes. Esse encadeamento entre perceber, nomear e significar um desejo homoerótico, de acordo com o que foi observado, parece se inserir em uma série de regimes que, como outras formas de discursos de poder-saber (SCOTT, 1998), tornaram-se silenciosos. No caso desses processos de descoberta, o silêncio diz respeito, principalmente, à invisibilidade do desejo e das relações afetivo-sexuais entre mulheres (FACCHINI, 2008; FACCHINI, FRANÇA e BRAZ, 2014; HEILBORN, 2004; TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2008; ALMEIDA; HEILBORN, 2008). Ao falar sobre sua infância/adolescência, Diedra Roiz escreveu no site Parada Lésbica:

*Por que será que eu não via, não percebia? Gostar de mulheres não era uma opção. Na minha cabeça sequer existia. Eita, burrinha! Quanta desorientação!
Não fomos educadas para pensar nessa possibilidade. – é o que sempre me diz minha amiga Carla, querendo desculpar minha falta total de percepção.
Só na faculdade de teatro, quando as possibilidades e realidades lésbicas começaram a se esfregar na minha cara, é que uma certa... – como definir? – começou realmente a se manifestar. Intensa curiosidade? Calor? Coceira? Interesse. Vontade. E desejo, claro. Como eu nunca tinha sentido igual. Mas recusei várias oportunidades. Encarar mesmo, só quando fiquei apaixonada (PARADA LÉSBICA, 27 fevereiro de 2009).*

O silêncio sobre esses desejos e práticas tornou-se mais claro quando minhas entrevistadas recordaram suas lembranças de infância. Durante esse período, de

acordo com elas, o desejo por outras mulheres era algo presente, mas que estava posto de modo latente, ou era supostamente inexistente pela sua aparente impossibilidade. Em vista da ausência de visibilidade, de inteligibilidade e do reconhecimento de que os laços construídos entre duas mulheres constituíam uma relação, é que o conhecimento a respeito desse desejo não esteve presente na infância das colaboradoras. Elas não podiam reconhecer nem nominar seus desejos porque não sabiam que estes existiam.

Se por um lado é fundamental tornar a diversidade de experiências visível, porque corrobora para o conhecimento de acontecimentos, comportamentos etc. antes desconhecidos, por outro lado, como afirma Scott (1998), o relato da experiência quando feito de modo acrítico, também gera uma forma de invisibilização, isto é, uma limitação na compreensão.

O projeto de tornar a experiência visível impede a análise dos funcionamentos desse sistema e sua historicidade; ao invés disso, reproduz seus termos. Chegamos a compreender as consequências do ocultamento dos homossexuais e entendemos a repressão como um ato deliberado de poder ou dominação; instituições e comportamentos alternativos também tornam-se disponíveis para nós. [...] Sabemos que existem, mas não como foram construídas; sabemos que a experiência deles oferece uma crítica de práticas normativas, mas não a dimensão da crítica. Tornar visível a experiência de um grupo diferente expõe a existência de mecanismos repressivos, mas não sua lógica ou seus funcionamentos internos (SCOTT, 1998, p. 304).

Quando Diedra escreve “não fomos educadas para pensar nessa possibilidade” (texto supracitado do site Parada Lésbica), ela evoca sistemas pedagógicos ampla e inquestionavelmente estabelecidos, cuja presença (desses sistemas pedagógicos), apesar de conhecida e vivenciada, muitas vezes, passa despercebida. Reputo que é por e através desses sistemas pedagógicos que o andamento da invisibilização se efetua.

Evocando Michel Foucault, destarte, por sistemas pedagógicos compreendo o conjunto de discursos, falas, exemplos e práticas não institucionais e institucionais, ou seja, qualquer “meio” ou “mensagem” que diga, sugira, ensine ou imponha direta ou indiretamente como os indivíduos devem se comportar, sentir, desejar etc. Entre esses sistemas, podemos mencionar a família; escola e outros estabelecimentos de ensino; as redes de interações sociais como amigos e colegas; internet, televisão, revistas e outros meios de comunicação, com suas notícias, propagandas, séries, novelas, filmes; os esportes e outras atividades físicas com suas filosofias e modelos de prática (futebol é coisa de homem, balé é coisa de mulher). Os

sistemas pedagógicos, portanto, podem ser considerados um tipo de dispositivo, pois, de acordo com Foucault (2008; 2010; 2010a), o dispositivo seria:

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2008, p. 244).

De acordo com Weinmann (2006), o dispositivo pode ser dividido em práticas de saber, de poder e de subjetivação. Percebe-se que todas essas práticas passaram e passam constantemente por modificações, sendo necessário considerar as atualizações/ampliações do alcance desses dispositivos e de seus discursos normativos, bem como as interligações que estabelecem.

Refletir sobre as atualizações dos dispositivos/sistemas pedagógicos é refletir sobre as mudanças sociais, e, conseqüentemente, sobre as mudanças geracionais. Foi patente, entre minhas colaboradoras mais novas, que a família e outras instituições consideradas tradicionais, mesmo possuindo relevância na formação do sujeito, têm tido seu poder enfraquecido ou mesmo completamente perdido. A televisão, a internet e os amigos apareceram como os mais significantes para elas, sendo os padrões estéticos, de estilo de vida, de modos de pensar e agir, apresentados por esses meios de comunicação e pela turma/grupo de amigos que são seguidos.

Tentar alcançar e compreender o maior número possível de ações/conduas nas quais há a reiteração e a citação das regras vigentes em um determinado agrupamento humano, seria um modo de percorrer inversamente os caminhos dos dispositivos. No caso, ao pensar sobre a construção e (re)produção dos sistemas pedagógicos mencionados, o que pode ser inferido é que a conexão entre o dispositivo pedagógico e o dispositivo da sexualidade se torna mais densa e explícita quando se trata do armário e do gaydar, conseqüentemente da performatividade de gênero.

Butler (2010) afirma que a performatividade de gênero é uma prática reiterativa e citacional pela qual se processa tanto a materialidade quanto a materialização dos corpos, nesse caso, aquilo que é aprendido a partir dos sistemas pedagógicos é repetido e reforçado. Ainda segundo Butler (2006), não se pode separar facilmente a vida do gênero da vida do desejo, pois mesmo não havendo implicância entre eles, existiria um desejo que constituiria o gênero e vice-versa. Fruto das normas sociais, os desejos independente de

individualidades, tornam essa questão mais complexa porque a individualidade é fabricada por essas normas.

Dito isso, ao verificar que o gênero e o desejo são produzidos, compreendo que a concepção de performatividade desenvolvida pela autora não se restringe ao gênero, da mesma forma que o abjeto não se restringe à sexualidade, como afirmou Butler (PRINS; MEIJER, 2002). Isto é, a performatividade, enquanto reiteração e citação, pode ser estendida a outros marcadores de diferença, como por exemplo, a orientação sexual. Dessa forma, presumo que pelo menos parte das dúvidas e aflições provocadas por questões relativas aos desejos por outra mulher, decorrem das possibilidades limitadas de se perceber/conhecer/saber da existência de sentimentos e desejos semelhantes.

Os modelos apontados como desviantes, representados por personagens da ficção ou por figuras públicas reconhecidamente desviantes, ou não estavam presentes nos sistemas pedagógicos quando as colaboradoras da pesquisa vivenciaram sua infância, ou, quando estavam, era por meio de uma abordagem negativa, da piada e da caricatura. Até mesmo hoje, a presença da diferença tem enfrentado dificuldades para fugir dos estereótipos e dos tipos que se conformam à norma. Assim, na infância e na adolescência, cada uma em seu tempo e época, não havia de forma fácil personificações que escapassem da norma geral para sexo, gênero e sexualidades consideradas desviantes, como gays, lésbicas, bissexuais, transexuais etc.

A questão da experiência, da visibilidade, da ausência de “modelos homo ou bissexuais” e da construção do sexo e do gênero estão intimamente ligados entre si, com os sistemas pedagógicos e através destes. É também por meio destes que as normas e as coerências do sexo e do gênero são ensinadas, e, por conseguinte, as funções e ações que se esperam desta e daquela pessoa. Das sutilezas das cores, da decoração, das roupas, tipos de brinquedos, até correções expressas e/ou sanções.

Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo. [...] O que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam (FOUCAULT, 2009, p. 44).

“Quando era criança a maior parte dos meus presentes eram bonecas bebês, muitas... e alguns jogos. Sempre gostei de boneca. Menos as com aspecto de mulher adulta, tipo Barbie... Era brincar de mãe ou brincar na rua... e nunca brincava sozinha”

(entrevista com Elen, 39 anos, 2014). Assim como Elen, era normal e esperado pelas outras interlocutoras ganharem bonecas, brincarem de casinha e de serem a mamãe. Por mais que pareça existir e que exista uma imagem de mulher moderna e independente, as vinculações da mulher com o feminino, a família, o lar e com características como cuidado, carinho, beleza, delicadeza etc., estão abundantemente presentes nos meios de comunicação. Um exemplo diário são as propagandas publicitárias, as propagandas de produtos de limpeza, higiene pessoal, de fraldas, de medicamentos infantis dentre outros, sempre trazem mulheres como protagonistas. A construção da coerência que torna (ou tenta tornar) mulher e feminino uma união indissociável, contudo, não é restrita à infância. O *tornar-se garota* da garota (BUTLER, 2010) é um movimento incessantemente averiguado, como afirma a autora:

[...] essa interpelação fundante é reiterada por várias autoridades, e ao longo de vários intervalos de tempo, para reforçar ou contestar esse efeito naturalizado. A nomeação é, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação repetida de uma norma (BUTLER, 2010, p. 161).

A dedicação às observações sobre a construção do sexo e do gênero, deve-se ao fato de que a homossexualidade/bissexualidade feminina esteve, durante todo o campo, muito articulada ao que alguns autores, como Facchini (2008), chamam de “masculinidades femininas”. Segundo Facchini (2008):

[...] características como falta de delicadeza, menor disposição para submeter-se a incômodos causados por cuidados corporais ou uso de adereços e vestimentas tidos como femininos e gosto por atividades relacionadas como masculinas são citados, [...] como indicadores de uma tendência homossexual (FACCHINI, 2008, p. 234).

É indispensável esclarecer que, assim como aponta Facchini (2008), não é apenas o sexo e o gênero que definem, determinam e/ou direcionam as formas corretas/coerentes para os comportamentos. Além disso, é imprescindível deixar claro que as variações de gênero não implicam obrigatoriamente em homo, hetero ou bissexualidade. Mesmo assim, essas masculinidades femininas, que rompem com a coerência do par sexo-gênero, estão nas memórias de infância de algumas interlocutoras como uma diferença tida como natural entre elas e outras meninas. E, também, como confirmação de que suas concepções sobre gostarem de mulher desde que nasceram são válidas, aparecendo como uma forma delas tornarem a homossexualidade um dado “natural e biológico”, tanto quanto a heterossexualidade. Em uma passagem de um texto do site Sapatômica⁷⁷, Bruna, de 22 anos,

⁷⁷ Para ver o texto na íntegra, acesse: <http://sapatomica.com/blog/2013/05/04/eu-tenho-duas-maes-por-bruna-salatiel/>.

criada por um casal de lésbicas formado por sua mãe biológica e a esposa, disse, por exemplo, que:

Desde criança eu dava indícios, mesmo quando não sabia das minhas mães, preferia carrinhos do que bonecas, nunca tive uma Barbie, nunca gostei das roupas de menina, sempre fui moleca! Fiquei com caras por um tempo, mas vi que não era isso o que eu queria, então fiquei com a minha primeira menina aos 15 anos, quando contei pra minha mãe, ela só disse que já sabia há muito tempo e riu de mim, brincando, chamando de “sapatona” (SAPATÔMICA, 4 maio de 2013).

Entretanto, não necessariamente essa masculinização se dá de forma “absoluta”, isto é, esse processo não implica numa incorporação total do “universo masculino”, pois pode haver alusão a qualquer traço masculino corporificado ao longo da trajetória das entrevistas, com diferentes nuances, podendo perdurar até o momento atual ou ter ficado no passado, ou, ainda, ser acionado ou descartado em situações específicas (como comentarei ainda nesse capítulo).

3.2 Nárnia: o armário lésbico e bi

Na manhã do dia cinco de setembro de 2013, na rodoviária de Londrina, uma moça com aproximadamente 30 anos de idade, branca, vestindo uma calça jeans um pouco larga, camiseta preta com estampa de letras e números, tênis, capacete de motocicleta na mão, um pouco acima do peso, cabelos castanhos presos, estava acompanhando uma outra moça mais ou menos da mesma idade; esta era magra, um pouco mais baixa, branca, usava uma calça jeans apertada, uma blusa de alças com um moletom por cima e segurava vigorosamente um travesseiro, no qual não parava de roçar o nariz.

As duas constantemente se olhavam, e, em raros instantes, a primeira tocava as costas daquela que iria em breve partir. Deixavam escapar sorrisos um pouco “tortos”, o que alguns chamam de “sorriso amarelo”, que interpretei como uma demonstração da insatisfação mútua daquela troca singela e insuficiente de carinhos. O espaço “público” não retrata quase nada, ou pouco pode retratar, da intimidade “privada” de casais formados por pares de mesmo sexo.

Contidas por uma ou pelas várias possíveis razões existentes dentro de um contexto em que a homofobia e o sexismo estão presentes, no momento final dessa despedida

deram apenas um abraço rápido. Uma esperou alguns instantes na fila para entrar no ônibus, enquanto a outra fitou esse instante através do vidro que separa a zona de embarque do espaço comum da rodoviária. E, através desse mesmo vidro, movimentou os lábios num inaudível “eu te amo”.

Esse afeto que precisa ser invisível, imperceptível e indetectável, que fez e faz com que as pessoas pratiquem essa autovigilância, é fruto de uma variedade de discursos, e estes não são produzidos imparcialmente, tampouco igualmente. Segundo Foucault (2009), tudo pode tomar a forma do discurso, e, para ele, o discurso:

[...] nada mais é do que um jogo, de escritura, no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca, no terceiro, e essa troca, essa leitura e essa escritura jamais põem em jogo senão os signos. O discurso se anula assim, em sua realidade, inscrevendo-se na ordem do significante (FOUCAULT, 2009, p. 49).

No interior da economia dos discursos, existem muitos mecanismos de controle e delimitações externos e internos e jogos de poder. Segundo Foucault (2009), existem três grandes sistemas de exclusão que atingem o discurso: a interdição, a separação/rejeição e o verdadeiro/falso que seria a vontade de verdade. Para o autor, os dois primeiros se orientam na direção do terceiro, e “cada vez mais, o terceiro procura retomá-los, por sua própria conta, para, ao mesmo tempo, modificá-los e fundamentá-los” (FOUCAULT, 2009, p. 19). Desse modo, é como se a interdição, a separação e a rejeição, para se efetivarem, tivessem que passar pela vontade de verdade para serem classificadas como válidas, legítimas, verdadeiras.

Como procurei mostrar no primeiro capítulo, ao pontuar os processos que cercaram a “construção” dos discursos sobre as homossexualidades, os entendimentos que surgiram a respeito desta não se sucederam e não se sucedem livres de tensões e disputas, e passaram e passam, majoritariamente, pela legitimação da verdade científica. Todo esse quadro, na vida das minhas entrevistadas, não se desenvolveu de modo segmentado. Manifestou-se na construção de suas subjetividades, por meio de ideias como “certo”, “errado”, “pecado”, “culpa”, “público”, “particular/privado”. Em um dos textos do Sapatômica⁷⁸, Rafaela, 21 anos, escreveu:

⁷⁸ Disponível em: <http://sapatomica.com/blog/2012/10/27/o-pior-dos-preconceitos-o-da-familia/>.

Acredito que todos nós, homossexuais ou não, assumidos ou não, já sentimos pelo menos uma pontinha de preconceito em alguém que faz parte da família. E isso não precisa ser bem claro e explícito, pode muito bem estar mascarado em um comentário como “Aquela bichinha...” ou “Aquela sapatão...”, basta que ele seja dito com certo ar de repulsa, aversão, raiva ou preconceito puro e simples. E é assim que sempre acontece, sempre existe alguém pra dizer que é errado, que não deve ser vivido, que Deus não aceita... (SAPATÔMICA, 27 outubro de 2012 – grifos da autora).

Assim, cada uma das categorias mencionadas (certo, errado etc.) obteve força da autoridade da qual esses discursos estruturantes derivaram; num momento mais imediato: os pais; em seguida, os parentes e amigos; posteriormente, o trabalho e qualquer outro elo que tenha (ou possa vir a ter) relevância para o sujeito.

3.2.1 A família

Por mais que outros setores da vida, como o emprego, tenham conquistado graus elevados de importância, com base nessa pesquisa, a família ainda aparece como o ponto central sobre o qual se desenrolam as negociações dessas mulheres em relação aos próprios desejos.

[...] “calma, dê tempo a eles”; “eles são de outra geração”; “a religião não aceita, como eles podem aceitar?”; “lembra como foi difícil para você se aceitar? Então, eles também precisam de tempo”; “eles te amam, podem até não aceitar, mas só querem o melhor para você”; “era melhor que eles nunca tivessem sabido”.

Cada um dia nós, que já passou pelo martírio de sair do armário para pais que não aceitam sua homossexualidade, conhece essas frases. E outras tantas. E muitos dos que ainda estão no armário, que tristeza, um dia também escutarão isso.

Você começa com aquele medo de descobrirem o seu grande segredo. De saberem de você. Do que você carrega no coração. Dez entre dez tem medo de machucarem seus pais, de fazê-los sofrer. Outro grande medo nos assombra: e se não nos amarem mais depois disso? E se nunca nos aceitarem?

Muitas lágrimas escondidas. Muita vontade de morrer. Muita dor nas frases do dia a dia: “olha ali o viadinho”; “aquela não engana ninguém”; “e os(as) namoradinhos(as)?”.

Daí você tenta administrar sua vida em segredo. Divide-se em ‘dois’. Quem você é socialmente e para a família, e quem você é quando pode expressar o que você sente por dentro de fato. O computador ajuda. O celular. Você se permite algumas migalhas de ser você mesma(o) (SAPATILHANDO, agosto de 2013)⁷⁹.

⁷⁹ Para acessar esse texto na íntegra: <http://www.sapatilhando.com.br/2013/08/quando-distancia-doi-menos-que-presenca.html>.

É pensando em não magoar a família que muitas “entram” e “ficam” no armário, e/ou têm pavor de se assumirem. É por medo de não serem aceitas, por receio de serem expulsas, temor de sofrerem algum tipo de violência física, é por desejarem fazer os pais felizes, por não quererem ser um desgosto etc. Logo, são feitas ponderações encima do temor de perder o amor ou o convívio, na maioria das vezes com os pais, mas também há preocupação com outros parentes que por alguma razão sejam mais próximos.

Em sua maioria, foi a família que formou as primeiras opiniões que elas tiveram sobre homossexualidade, e como e por que esta seria “errada”. Há uma infinidade de experiências quanto à construção, à permanência e à saída do armário. Experiências que estão e são mediadas, afetadas, determinadas pelo contexto acolhedor ou repressor da família. Quanto aos pais, parentes e afins, tem os liberais; os que passam por um processo até aceitarem; os que não aceitam nunca mas mantêm uma ligação com a filha; os que cortam todos os laços permanentemente. Os motivos para cada uma dessas configurações são variados:

Minha mãe não vai aceitar nunca. Sempre que a gente toca nesse assunto lá em casa da briga! Ela começa a me xingar, a dizer que Deus não vai me perdoar, que Ele fez Adão e Eva, porque o homem é pra mulher e a mulher é do homem e que duas pessoas do mesmo sexo fazendo safadeza não é natural (CECÍLIA, 18 anos).

Quando minha mãe ficou sabendo, foi um escândalo. Ela fez eu terminar meu primeiro namoro. Me colocou num psicólogo achando que tava com algum distúrbio, até minha irmã, que é psicóloga, achava... quer dizer, na verdade ela desejava que fosse uma fase. Pelo menos não ficaram me enchendo de perguntas sobre se eu tinha sofrido alguma violência sexual, ao contrário de algumas amigas e da minha segunda namorada. Enfim, minha mãe passou muito tempo se culpando, achando que tinha feito algo de errado pra eu ser assim, até que finalmente ela passou a aceitar melhor e eu pude até trazer minhas namoradas em casa (CARLA, 25 anos).

Minha mãe sabe de mim há dois anos, ela melhorou mas ainda não me aceita. Tem a família e a igreja dela. Além disso, como ela é bem conhecida, tem medo da opinião dos outros. Durante esse tempo, tive que escolher entre a família e minha namorada, daí fui morar com ela e fiquei dois anos longe. Agora com a atual [namorada], to pensando em ir morar junto ano que vem (EVA, 27 anos).

Além dos pais que são religiosos, dos que se culpam e atribuem a homossexualidade a algum equívoco na criação ou a algum abuso sexual nunca relatado; há

os que aprisionam proibindo de sair – tirando o telefone celular, cortando a internet –, os que batem, os que expulsam de casa e os que abandonam totalmente a filha.

Quanto às minhas colaboradoras, há quem não racionalizou nem internalizou as características negativas que muitos associam ao armário: medo, dor, sofrimento, angústia, solidão, depressão, vontade de morrer, desespero, nojo de si etc. Por outro lado, outras vivenciaram, com maior ou menor intensidade, cada um desses elementos ou de parte deles. Em ambos os casos, parece haver uma relação direta entre o contexto familiar e social no qual elas estão inseridas e como elas lidam com o armário. Nessa conexão, surge outra característica associada ao armário: a sensação de segurança, de proteção. Não obstante, todos esses sentimentos, muitas vezes, habitam concomitantemente o cotidiano das minhas colaboradoras.

Certa noite, em janeiro de 2014, enquanto conversava com duas colaboradoras, ocorreu-me inverter a pergunta, usualmente direcionada a explorar as lembranças da vivência “dentro do armário” e o momento da “saída” dele. Geralmente, o momento da “saída do armário” era lembrado com riqueza de detalhes, no entanto, ao inverter a pergunta e indagar sobre as lembranças da “entrada no armário”, estas não desfrutavam da mesma condição. Mesmo assim, uma das informantes respondeu: *“Não sei bem quando começou, mas lembro que desde o fim da minha infância, era muito comum ouvir perguntas sobre os ‘paquerinhas’”*. Então perguntei: e o que tem a pergunta sobre paquerinhas? *“Ué, era sempre direcionado aos meninos, mas não era para eles que olhava, então sentia que tinha algo errado! E depois quando estava na adolescência, não podia ver uma tia, ou ter uma visita que surgia a pergunta: cadê os namoradinhos?”* (notas de campo). Como consequência do processo de descoberta, dos medos e da ausência de respostas às indagações que presumiam a presença de rapazes, para ser mais exata, pode-se dizer que de imediato elas não entram no armário, são, paulatinamente, colocadas nele.

Esse tipo de pergunta, que começa a se tornar mais frequente a partir de certa idade, e que remete a um imaginário naturalizado de um desejo heterossexual, com todas as suas variações para o termo “namorado” (paquera, gatinho etc.), parece ser tão comum que se transformou em uma “piada” (conferir figura 6) compartilhada por usuárias e em páginas

lésbicas no Facebook, e fez parte do “Guia de sobrevivência Gay no Natal” do Canal das Bee⁸⁰.



Figura 6 – Memes: imagens que circularam pelo Facebook, Instagram e outras mídias sociais, sites e afins.

As perguntas sobre a vida amorosa funcionam como sugestões de pares “ideais”, “esperados”, “desejados”. Por conseguinte, como mais uma forma de se regular, de controlar sentimentos, desejos e práticas. Essa espécie de policiamento do comportamento afetivo-sexual, que, obviamente, tem outros componentes, acompanha a trajetória destas mulheres, pelo menos, enquanto dura o armário e/ou a “desconfiança”.

Nessa dinâmica entre sentimentos, desejos e o que foi planejado como possibilidades de futuro para as filhas, parece que é frequente o antagonismo entre “eu” e “eles”, expressa em frases como: “eles não me conhecem”; “eles não me entendem”; “eles não me aceitam” etc. O outro, ilustrado pelos parentes e pelos amigos, ocupa um lugar de oposição, fazendo com que elas acreditem, em várias situações, ser necessária uma escolha entre as esferas familiar e a romântica.

⁸⁰ Guia de sobrevivência Gay no Natal, vídeo do Canal das Bee publicado em 19 de dezembro de 2013 – https://www.youtube.com/watch?v=_8HK18LPiyY&list=UUHIXQhrDRyWdaNdt9McCNHA.

Motivadas pela certeza de que é preciso esconder da família a própria sexualidade, as relações se constituem em segredo e isso implica em uma série de cálculos entre exposição e ocultação, cujo exemplo mais genérico é o “tipo” de pessoa com qual se pode ter algum vínculo, o “tipo” de pessoa com a qual se pode ser vista, o “tipo” de pessoa que pode frequentar a casa sem levantar suspeitas.

[...] em várias famílias a não aceitação e a falta de respeito são direcionados a todo e qualquer tipo de diferença. Ai se encontram as pessoas verdadeiramente preconceituosas e, em alguns casos, homofóbicas. O preconceito contra homossexuais é um dos mais enraizados na nossa sociedade porque, na grande maioria das vezes, ele vem de berço, junto com a educação ou com a falta dela. Ninguém nasce preconceituoso, a discriminação não está na nossa bagagem genética, ela foi ensinada há muitos de nós e enfatizada durante toda a vida. Quem aqui, durante a infância, nunca ouviu, durante uma brincadeira qualquer, alguém dizer que “menina não faz isso” ou “que menino não faz aquilo”? Que não cresceu ouvindo sobre o marido ou a esposa que tínhamos em uma belíssima e feliz relação heterossexual? É com esse e outros artifícios que a sociedade nos molda como pessoas que nasceram para ser heterossexuais (e nunca homossexuais) porque, de certo, nossos pais nunca pensaram que poderíamos ser diferentes disso.

É por isso tudo que vários pais resolvem nunca aceitar a orientação sexual de seus filhos. É por isso também que muitos deles demonstram reações negativas, ofensivas e até violentas quando descobrem sobre a sexualidade dos filhos. E aqui eu digo que esse é o pior dos preconceitos porque vêm da família que deveria proteger, apoiar, dar colo, carinho e amor. Esses fatores fazem com que se assumir na família possa ser até mais difícil do que se assumir perante amigos e sociedade, já que pode causar uma perda da convivência (quase) harmônica que existia. Pais e filhos sofrem, brigam, se insultam e alguns acabam por adoecer psicológica e fisicamente. (SAPATÔMICA, 27 outubro de 2012)

Como já mencionei, há diferenças na vivência do armário (aspecto que abordarei mais detidamente no próximo tópico), mas o que predomina no tocante ao papel da família e de outras relações sociais quanto à homossexualidade/bissexualidade é que a imagem de “desvio” é uma construção constante e ativada sempre que possível ou necessário. Produz-se uma dupla frustração em muitos casos, porque se a vida desenhada para a filha pelos pais às vezes é destruída, a não aceitação por parte dos pais também rompe com a expectativa social que se tem de família ou, pelo menos, a que elas aprenderam a ter desde muito cedo. Como escreveu Jean Wyllys:

A família é sempre a primeira a saber e a última a acreditar. Diferentemente de um jovem negro, por exemplo, que ao ser insultado na rua é acolhido pela sua família, o jovem LGBT não é acolhido. É quase sempre reprimido pela sua família. Os pais, com suas expectativas em relação ao filho homem (e à filha mulher também), apenas conseguem imaginar um destino imperfeito a ele. E os primeiros momentos desta saída do armário costumam ser bem difíceis (WYLLYS, 2013, s/p).

3.2.2 Armário e armários: da estrela dourada às bissexualidades e variações do desejo

Os mesmos sistemas pedagógicos que promovem uma forma correta para cada gênero/sexo, também parecem construir a ideia de desejo, e de um “desejo normal” e coerente. O par homem-mulher é a expectativa normativa da heterossexualidade que se dissemina como natural. Entretanto, como alerta Butler (2006, p. 119), mesmo que se possa pensar numa classificação para as características femininas e masculinas, “no podría deducirse de ella que lo ‘femenino’ es atraído por lo masculino y lo ‘masculino’ por lo femenino. Esto sólo se podría deducir si utilizáramos una matriz exclusivamente heterosexual para comprender el deseo”.

Desse modo, os sistemas pedagógicos funcionam como o corpo político, definido por Foucault (2008, p. 31) como “o conjunto dos elementos materiais e das técnicas que servem de armas, de reforço, de vias de comunicação e de pontos de apoio para as relações de poder e de saber que investem os corpos humanos e os submetem fazendo deles objetos de saber”. Os corpos são objetos de saber porque construídos através dos discursos. Estes materializam corpos e por meio dos corpos podemos alcançá-los, pois “discursos, na verdade, habitam corpos. Eles se acomodam em corpos; os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue. E ninguém pode sobreviver sem, de alguma forma, ser carregado pelo discurso” (PRINS; MEIJER, 2002, p. 163).

O armário, constituído por diferentes discursos, é definido por Sedgwick (2007, p.19) como um “dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas que concerne, também, aos heterossexuais e seus privilégios de visibilidade e hegemonia de valores. [...] [um] regime, com suas regras contraditórias e limitantes sobre privacidade e revelações, público e privado”. No íntimo da concepção do armário aqui desenvolvida, são as contradições, incoerências e os limites deste que se destacaram entre minhas entrevistadas. O

armário pode implicar proteção, segurança, medo, apreensão, dúvida, zona de conforto, e pode significar – para um ou outro – “nada”.

O que significa estar ou sair do armário pra você?

Elen: Penso que significa proteção.

O “armário” é escuro para quem está dentro e impenetrável para quem está fora. Cria-se uma barreira entre mim e o mundo: nem eu preciso me enxergar (entenda aceitar), nem o mundo pode me ver.

Tomar decisões como essa, num primeiro momento, dói, magoa... Nem sempre se está forte o suficiente ou maduro para isso...

Por mais que se afirme que a sociedade está mudando, o mundo (incluo os gays) não sabe lidar com as diferenças... Isso não tem a ver com ser gay apenas e sim com fugir de um modelo padrão socialmente aceito... ser gay é só uma das formas de fugir do padrão...

E como é ou foi a questão de sair do armário?

Elen: Não sei te falar... Tudo isso, na minha vida, é parcial.

Todos os meus amigos sabem. Tanto no trabalho quanto fora dele. Somente a minha família ainda não sabe.

Quando minha filha tinha seus 6/7 anos, me perguntou se eu era gay.

Pela sua expressão, isso não era confortável para ela. Na hora eu não soube o que responder... Ela estuda num colégio católico, super tradicional, na zona sul do Rio, onde, na grande maioria, suas amigas vem de famílias formadas por pais casados, sendo eu, uma das poucas mães divorciadas.

Na hora, eu só pensei na sua proteção... sei que ela não teria o menor problema em lidar com essa informação, mas e os pais de suas amigas? Eles a tratariam com alguma diferença?

A P. [filha] é defensora dos fracos e oprimidos desde bebê... sempre foi politicamente correta e faz questão de levantar bandeira! E se ela ouvisse algum comentário sobre gays e entendesse que deveria me defender? Preconceituoso meu raciocínio, né? Mas na hora, eu era a mãe agindo...

Ao mesmo tempo em que pensei nisso tudo, sabia que não podia mentir. Sempre a criei falando a verdade, sendo transparente e franca, como seria quando descobrisse que eu havia mentido?

O caminho que escolhi, mesmo não sendo o melhor, naquele momento era o único viável para nós duas. Disse-lhe, com todo carinho e respeito, que a achava muito nova para tratarmos desse assunto e lhe fiz uma promessa: que se um dia eu fosse “conversar sobre esse assunto” diante da nossa família, ela seria a primeira pessoa a saber e que isso em nada mudaria a relação que sempre tivemos uma com a outra. Ela entendeu a resposta e isso bastou para tranquilizá-la.

Nunca encontrei o momento certo para contar. Ora por não estar vivendo uma relação séria que justificasse, ora pelos mesmos medos de antes...

Hoje vivo a tal relação séria e, em algum momento, preciso contar. Só não sei como ainda...

É um contrassenso meu... Sem falsas modéstias, sou tão esclarecida a esse respeito (ou melhor, a meu respeito... rrsrs...), tudo é tão lógico na minha cabeça, leio, estudo, participo mas não consigo fazer o básico do “manual de como ser um gay moderno”... rrsrs... Eu tropeço no meu próprio medo, afinal, assumir-me nesse plano, significa 'ser para sempre'. É tão definitivo! Uma coisa é ser gay para o mundo. Outra, super diferente, é ser gay para a minha mãe, filha, irmã... Medo! (ELEN, 38 anos, entrevista em dezembro de 2012).

Da fala de Elen, além do medo e da relevância da família já comentados, aparecem outros fatores como a ideia de proteção de si, da proteção de um outro, a ideia “moderna” de assumir-se e o quão definitivo parece ser a revelação de um desejo homoerótico na vida de uma pessoa e de quem a rodeia. Como no caso de Elen, é comum ouvir justificativas para não se assumir publicamente: o propósito de proteger a filha de comentários maldosos por causa da sexualidade da mãe, ou proteger a filha do preconceito do “mundo” contra a sexualidade dela mesma, ou protegê-la porque se quer o melhor para ela e esse caminho (o da homossexualidade) não é o certo ou direito,.

Quanto à ideia do assumir-se, esta apareceu predominantemente de duas maneiras: como um imperativo de visibilidade, difundindo por ativistas e grupos LGBT's em geral (LACOMBE, 2010); e como uma libertação e um alívio para as minhas entrevistadas, e também de acordo com alguns textos de sites/blogs. Além disso, o ato de assumir se somava, em alguns momentos, a uma sensação de que a identificação como lésbica tinha um aspecto definitivo e restritivo.

A partir da fala de Elen, é importante destacar que a militância e o esclarecimento sobre as questões pertinentes a causa LGBT não foram suficientes para ela se assumir perante à família, e, principalmente em relação à filha, mesmo percebendo abertura e maturidade nela. Como estratégia de ocultamento, Elen evitava levar as parceiras em casa, mas quando o fazia, as apresentava sempre como amigas. Atualmente, sua filha tem 14 anos e já sabe de seu relacionamento com outra mulher.

Isso e os outros trechos de falas e de textos demonstram o poder e a influência da família na forma como as minhas colaboradoras lidam com o armário. Todavia, essa influência, associada a outros contextos, nem sempre gera angústia em relação às vivências do armário, ou à revelação/vivência pública de um desejo lésbico/homoerótico. A fala de Juliana – 20 anos de idade, de classe média, estudante de uma universidade federal do sul do país –, por exemplo, mostra uma dimensão mais tranquila desse processo.

O que significa estar ou sair do armário pra você?

Bem, sair é estar confortável com quem sou, sem me preocupar demasiadamente. Acho que é mais uma atitude de dentro para fora. Me assumir, e saber isso, e me permitir viver.

Como é, foi ou será a questão de sair do armário?

Bem, não me lembro como foi "internamente". Eu era assim e deu. Os meus pais sempre foram tranquilos, e as minhas amigas também. Mas, "literalmente" lembro do dia que contei para os meus pais que gostava de meninas. Estava bêbada (risos). A minha mãe chorou, mas acho que foi mais pelo estado que estava. No dia seguinte ela estava no meu quarto e perguntou se eu lembrava do que tinha dito. Disse que sim, e meus pais disseram que me apoiavam no que eu achava melhor para mim. Foi isso (JULIANA, entrevista em abril de 2013).

No caso de Juliana, o contexto familiar com pais jovens, o fato dela ser participante de um grupo de pesquisa de gênero na faculdade, e da maioria dos seus amigos e amigas serem LGBT's, favoreceram a sua saída do armário. A partir do que foi observado e das entrevistas, é possível inferir, também, uma relação entre a importância do armário e a idade das participantes da pesquisa. Em relação às faixas etárias foi perceptível que, quanto mais novas eram minhas entrevistadas ou as autoras dos textos dos sites visitados, ou dos posts do Facebook, menos o desconforto e a opressão estavam presentes em seu cotidiano. É claro que outros fatores, como aponta Meinerz (2013), como religião e contexto social precisam ser levados em consideração. De acordo com a autora:

As diferenças de classe social, que já eram apontadas nas amizades românticas da primeira metade do século XX, as diferenças de contexto sociopolítico que separam as grandes capitais das cidades pequenas e de médio porte do interior, além das questões geracionais, imprimem distinções significativas em relação à percepção da sexualidade (MEINERZ, 2013, p. 61).

Mesmo assim, considerar a relação armário/geração leva a crer que a saída do armário para as gerações anteriores a década de 1990 foi mais complicada. Possivelmente, essa constatação tem ligação com o que disse anteriormente sobre a ausência/insuficiência de “modelos públicos de homossexualidade” e com os contextos sócio-políticos nos quais a mulher se insere, como as conquistas, historicamente recentes, de direitos, de escolaridade, de independência financeira, do voto etc. (MEINERZ, 2013). Como essas conjunturas vêm se transformando no cenário brasileiro, os paradigmas do que é permitido/normal também passaram por modificações. No entanto, não se pode afirmar que essa questão está resolvida para as gerações posteriores.

Apesar das transformações nas experiências do armário com base nas diferenças geracionais, o armário continua sendo uma força formadora de subjetividades como Sedgwick (2007) propõe. Para ela, por exemplo, se uma pessoa deseja um emprego, ou está numa disputa judicial pela guarda dos filhos, ou busca se proteger da violência direcionada aos homossexuais etc., ela não poderia “escolher deliberadamente entre ficar ou voltar para o armário em algum ou em todos os segmentos de sua vida. O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social” (SEDGWICK, 2007, p. 22).

Desse modo, a diferença é que a relevância, o peso, os ajustes e os significados do armário são extremamente contingenciais. Dentre as circunstâncias que configuram essas contingências, do dentro e do fora do armário, estão elementos como: religião, renda, escolaridade, costumes, estrutura familiar, cultura etc. Logo, esses elementos não apenas se ligam à percepção que cada uma tem da própria sexualidade (MEINERZ, 2013), mas à própria experiência do armário. Aqui vale ressaltar que todos esses fatores podem ser usados para “explicar” tanto a compreensão/aceitação como a inaceitabilidade/repulsa. Por exemplo, a mesma religião que serve para condenar pela ideia de pecado, serve para invocar o amor cristão e aceitar sem preconceitos.

As conjunturas que configuram o armário também são efeitos de algo que pode ser apreendido como “variações do desejo”, e conseqüentemente de como essas mulheres se identificam e/ou autotransferem quanto a essa multiplicidade. Existem aquelas mulheres que nunca “ficaram⁸¹” com homem, não tiveram e manifestam que não têm nenhuma vontade de ter um encontro ou relação heterossexual (chamadas de “estrela dourada”); outras que, embora se considerando lésbicas, tiveram curiosidade e ficaram com homens para experimentar; as que sempre souberam/estiveram cientes de seu desejo lésbico/homoerótico, mas o negaram ou achavam que era apenas uma fase e tentaram, por pouco ou muito tempo, manter relacionamentos heterossexuais; tem as que “se descobriram” depois de um tempo, mas resolveram manter a vida hétero; as que sempre ficaram/namoraram com homens e, de repente, se viram interessadas por uma mulher; as que passaram parte da vida sem se interessar por nenhum dos sexos; as que passaram um tempo se identificando como bissexuais e hoje dizem que foi “um período de transição”; as que falam que são

⁸¹ O verbo “ficar” quando utilizado enquanto categoria êmica, pode significar um encontro casual, no qual acontece apenas um ou vários beijos, pode ou não haver atividade sexual; ou uma relação de curta duração, que não ultrapasse alguns meses, pois, ao se prolongar, o “fica” passa ser considerado um namoro.

bissexuais, mas têm preferências por um dos sexos, ou diferenciam o envolvimento com cada um dos sexos levando em consideração a atração *vs.* paixão; as bissexuais sem preferências; e outras mulheres que gostariam de ter um relacionamento com ambos os sexos simultaneamente etc.

Todavia, não basta elencar alguns exemplos do quão múltiplo podem ser as práticas e os desejos, é necessário pontuar que a multiplicidade de possibilidade pode fazer parte das experimentações de uma mesma pessoa. A identidade pessoal apresenta-se com várias facetas, do essencialismo de um “*não há como fugir de quem se é*” (SAPATILHANDO, agosto de 2013); a relativização das conjunturas que cercam as próprias experiências em um: “*faço o que der vontade, suponho*” (JULIANA, 20 anos, entrevista); ou ainda um “*me classificava como bi, hoje me identifico como lésbica, mas não digo que não ficaria com homens*” (ELEN, 39 anos, entrevista). Pode-se ir de um extremo a outro, com vários tons de cinza e outras cores.

Essa diversidade de identidades pessoais, desejos e práticas, dilata profundamente o armário vivenciado por essas mulheres, pois amplia as possibilidades entre o *ser* e o não *ser* lésbica. Esses comportamentos, muitas vezes povoados por supostas incoerências à luz de uma normatividade, somente se afiguram como incoerentes pela expectativa de uma conexão/coerência/correspondência entre sexo/gênero/desejo/prática, que derivam do que Butler (2010a) chama de matriz heterossexual, e que qualifica os fluxos de desejo como inflexíveis e invariáveis.

Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual (BUTLER, 2010a, p. 38).

Sobre o desejo e a identidade, Sedgwick (2007, p. 46) diz que “o desejo sexual é um solvente poderoso e imprevisível de identidades estáveis”. Para além da questão da experimentação até aqui comentada, o desejo é capaz de diluir “identidades estáveis”, também, por revelar a inexistência de uma sexualidade absolutamente imutável, isolada ou incorruptível.

O armário “lésbico” parece, desse modo, mais aberto graças à permissividade da experimentação e do trânsito entre diferentes práticas e identificações,

talvez pelo deslizamento bastante comum entre amizade e relacionamento amoroso (FACCHINI, 2008; MEINERZ, 2013; LACOMBE, 2010), apesar da vigilância e da “polícia da identidade” que sempre busca demarcar fronteiras, limitando, definindo o que se pode e o que não se pode.

O armário também se relaciona intimamente com a visão que cada uma tem de si, e, principalmente, de como encara seus desejos e relacionamentos amorosos, pois o desejo é usado por minhas colaboradoras como um classificador. Para elas, ter desejo por uma mulher implicaria necessariamente em uma homo ou bissexualidade, logo, na visão que elas me apresentaram, o desejo viria necessariamente acompanhado de uma identidade. Eva, 27 anos, chegou a comentar que: *“se a pessoa tem desejo pelo mesmo sexo, ou ela é lésbica, ou ela é bi, caso goste de caras também. Não consigo pensar fora desse padrão”*. Esta é, pois, a importância do desejo e de como elas o interpretam para si e para os outros.

Esse engessamento foi mais evidente entre as interlocutoras mais velhas. Entre as mais jovens, com idade até 25 anos, e de classe média, havia um afrouxamento do armário, não apenas pelo que já foi comentado, mas também porque há uma presença marcante da relativização do desejo. “Casos” e transas, homo ou heterossexuais, podem se apresentar apenas como experimentações e/ou aventuras. Baseada nas observações e entrevistas, é possível dizer que nem sempre a prática implica em um desejo. E nem sempre o desejo é colocado em prática. Consequentemente, nesses casos, para a mulher, a prática não se transforma em identidade, salvo os casos em que há “transgressões” de gênero.

Sobre essa dinâmica – uma maior rigidez entre algumas mulheres acima dos 25 anos, e uma maior flexibilidade entre as mais jovens –, suponho que as mudanças na vida sexual, iniciada cada vez mais cedo e menos atrelada a envolvimento amorosos, suscitam as experimentações sexuais entre as mais novas.

A facilidade para entrar numa sala de bate-papo, participar de comunidades em redes sociais, faz com que, sob esse aspecto, a internet se apresente como uma facilitadora desse processo de exploração da sexualidade (MISKOLCI, 2013a). É possível deduzir que a internet desempenha uma função análoga aos dos jogos de *yaoi* estudados por Florindo. O autor percebeu em sua investigação que a participação nesses jogos era, segundo sua informante, “um jeito de eles experimentarem, com segurança, relações com pessoas do mesmo sexo” (FLORINDO, 2013, p. 73). Ainda segundo Florindo:

[...] em muitos dos casos que presenciei e vivenciei, observei o jogo como ferramenta para aceitar uma identidade bissexual ou homossexual. No entanto, quando as relações migram para os espaços físicos, há uma tendência em retroceder por medos e angústias ligadas ao preconceito de amigos e familiares. Por este motivo, muitas das redes de jogadores de *yaoi* acabam falindo ou simplesmente sendo marginalizadas em encontros menores e mais discretos (FLORINDO, 2013, p. 91).

Entre a segurança dessa experimentação e o medo, o armário vivenciado por bissexuais guarda nuances mais específicas: pela “esperança” dos pais e dos amigos de que “vire” hetero; por sofrerem um maior preconceito, tanto dos pais, como de héteros e homossexuais, pela associação da bissexualidade à promiscuidade; ou ainda, pela acusação histórica contra bissexuais (FRY; MACRAE, 1985), taxadas/os como indecisas/os, “incubadas/os”, uma ameaça a identidade etc. Como aponta Lacombe (2010, p. 154), “a bissexualidade como possibilidade carrega, paradoxalmente, o estigma da incapacidade de decisão”.

É como se a/o bissexual tivesse mais de um armário. Como se existisse um armário “tradicional”, quando não são assumidas, que seria aquele no qual não se conta para os pais, amigos e outras pessoas próximas. Um armário “entreaberto”, que seria a assunção de uma bissexualidade por não “querer” se identificar como lésbicas. E um “falso” armário que é quando assumem uma bissexualidade, mas são acusadas/os, por heteros e homossexuais, de se assumirem dessa forma por terem a intenção de mascarar uma suposta homossexualidade; ou seja, não estariam no armário por “assumirem”, mas são apontadas/os como se estivessem porque a bissexualidade seria um subterfúgio. Em uma matéria da seção mulher/comportamento do site UOL⁸², por exemplo, é possível verificar essas questões:

A educadora Juliana Inez Luiz de Souza, 25 anos, que também é assessora em uma central sindical de Curitiba, no Paraná, conta que é muito comum sofrer preconceito quando está de mãos dadas com sua mulher. “Ouço frases do tipo: ‘Posso entrar no meio?’ ou ‘Sapatão dos infernos’. Já jogaram ovo na gente, levei cuspidinha junto com uma namorada”, declara Juliana. “Mas não é porque sou casada com uma mulher e pretendo ficar muito tempo com ela que eu sou lésbica. E também não significa que quando estou com um homem sou heterossexual. Sou bissexual. E as pessoas precisam saber que isso existe”.

Além dos problemas enfrentados por Juliana, muitos outros podem aparecer no caminho de quem decide mostrar à sociedade que essa é sua orientação sexual. “O bissexual sofre muito preconceito. Já ouvi muitas vezes que não existe bissexual, mas homossexual que não quer se assumir. Isso não é verdade”, afirma o psiquiatra, sexólogo e diretor do departamento de Sexualidade da Associação Paulista de Medicina Ronaldo Pamplona da Costa.

⁸²“Heterossexualidade não é natural, é compulsória”, diz sociólogo, de 2013, disponível em <http://mulher.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2013/04/15/heterossexualidade-nao-e-natural-e-compulsoria-diz-sociologo.htm>.

Segundo a psicanalista Regina Navarro Lins, é comum a acusação de que os bissexuais ficam em cima do muro. "São tidos como gays enrustidos. Numa cultura de mentalidade patriarcal, se você diz que é bissexual, também informa que faz sexo com seu oposto, o que pode amenizar um pouco o preconceito", afirma Regina (Cléo Francisco, UOL COMPORTAMENTO, 2013).

Tratando especificamente das três mulheres que se consideravam bissexuais⁸³ (uma assumida, com 18 anos de idade, e as outras duas não assumidas, com 26 e 36 anos de idade), a experiência do armário é totalmente diversa entre si. Flávia (36 anos) julga não ser necessário contrariar os pais, já que ela é independente financeiramente e mora só; Clara (26 anos) só pensa em seu armário quando está em um relacionamento "sério", pela iminência de que seus pais desconfiem; enquanto Cecília (18 anos) assumiu que gostava de mulher por volta dos 15 anos de idade e lida diariamente com uma mãe homofóbica, mas, como ela mesma contou, ser assumida não trouxe mudanças positivas à sua vida:

Não é porque me assumi cedo e não tenho problema de dizer pra ninguém que namoro mulheres, que foi tudo de boa. No colégio tinham essas meninas que todo mundo falava, como já te disse, aí depois que fiquei com a primeira, vi que gostava e pronto. Fiquei um tempo escondendo da minha mãe, mas aquilo tava me fazendo mal, porque quando tenho uma coisa pra contar, eu não consigo guardar por muito tempo. Daí um dia cheguei pra ela e falei. Ela obviamente não aceitou, não aceita até hoje. Diz que não é natural, que Deus não aceita essa abominação, que a mulher foi feita para o homem e essa coisa toda (CECÍLIA, entrevista em julho de 2013).

A dificuldade que Cecília passou a enfrentar para viver seus relacionamentos amorosos após ter se assumido, é um fator determinante para a manutenção do armário que, nesse caso, funciona como um meio de manter os relacionamentos amorosos livre de intervenções. Assim, permanecendo na linha da manutenção do segredo, se algumas lésbicas relatam ter tido namorados falsos para enganar os pais, algumas vezes pedindo para um amigo gay "fazer a linha"⁸⁴, algumas bissexuais utilizam-se da duplicidade do desejo para auxiliar na manutenção do armário, processo nem sempre proposital. Nesses casos, o que ocorre é uma manipulação do armário. O desejo e as práticas heterossexuais são vividas socialmente e em família, e as homossexuais em momentos particulares/privados dedicados a uma rede específica de amigas que se identificam como lésbicas ou bissexuais, geralmente em espaços alternativos, na casa de amigas/os, ou em lugares destinados ao público LGBT.

⁸³ Outras colaboradoras já se classificaram como bissexuais, mas não o fazem mais por diferentes razões, dentre as quais, o fato de manterem relações apenas com mulheres há um tempo considerável e não vislumbrarem relações heterossexuais num futuro próximo.

⁸⁴ Fazer a linha, termo êmico, é utilizado como "fazer o tipo", encenar um modelo, no caso, o modelo heterossexual.

Um outro aspecto que delinea a economia do armário, concerne, pois, à afetividade, mais propriamente, às relações amorosas. Sair do armário por causa de relacionamentos, principalmente quando os relacionamentos se tornam sérios – é o que a fala de Elen demonstrou na página 114, quando esta disse que precisaria de “*uma relação séria*” para assumir algo⁸⁵. Pensar a significância dos relacionamentos para uma parcela considerável dessas mulheres não é exatamente novidade. Como aponta Heilborn (2004), os laços amorosos, a conjugalidade e a constituição familiar têm grande importância para as lésbicas. A importância dos relacionamentos também pode ser depreendida da história dos movimentos lésbicos no Brasil, quando muitas iniciativas ativistas se davam em torno de um casal e quando este terminava, com ele o movimento também se diluía (ALMEIDA; HEILBORN, 2008). Mais uma vez, acho necessário relembrar o adendo de que essas considerações não são regra, apenas uma generalização limitada pelo universo dessa pesquisa e das investigações de outros(as) pesquisadores(as) aqui referenciados.

Mais do que um “armário” que surge quando se “descobre” uma sexualidade que se desvia do que é considerado normal, o “armário” é paulatinamente construído, reconstruído, adaptado, revelado, velado etc.

A despeito do uso indiscriminado do termo, o armário é um regime de visibilidade circunscrito historicamente e que, de forma geral, se insere em uma época marcada por maior rigidez na manutenção de relações amorosas. Não é mero acaso que o segredo constitutivo do armário suscite paralelos com outras formas de relações ilícitas, mesmo heterossexuais, pois ambos têm em comum a lógica de manter em segredo e na esfera privada as relações que não atendem às expectativas coletivas. Assim, seriam produto de uma moralidade inflexível sobre a esfera das relações amorosas e sexuais, marcada por formas de reprovação moral e retaliações as mais diversas para aqueles que ousassem transgredir as normas e convenções culturais de seu tempo (MISKOLCI, s/d, p. 12).

Ao desvencilhar a compreensão/definição de armário daqueles que seriam seus ocupantes (homossexuais, bissexuais etc.), é possível pensar em vários “armários”, ampliando o seu conceito. Há armários para todos aqueles comportamentos que devem ser mantidos na ordem do privado, cuja prática remete ao pecado, à abominação, ao “feio”, ao “sujo”, ao “impróprio”. Como apontam Miskolci (s/d) e, em parte, Sedgwick (2007), o armário pode ir, e muitas vezes vai, além da homossexualidade. Ademais, não se trata apenas de desvencilhar o armário dos sujeitos que o ocupam, mas salientar que os posicionamentos desses sujeitos não são fixos porque o armário, como afirma Miskolci (s/d), é um regime

⁸⁵ No momento em que essa entrevista foi feita, Elen ainda não havia contato para a filha. Mas, no decorrer da investigação, esse momento acabou acontecendo, e, para a felicidade dela, a filha aceitou bem.

circunscrito histórica e contextualmente. Desse modo, embora o armário seja visto pela maioria como uma questão negativa, vale a pena frisar que ele se torna uma estratégia para algumas pessoas, e em momentos específicos do cotidiano de uma mesma pessoa. O que se pode deduzir, nesses casos, é que essa “moralidade inflexível” é avaliada e reavaliada conforme as circunstâncias pessoais.

Enquanto fruto de uma “moralidade inflexível”, com possibilidades de retaliações em caso de “transgressões de normas e convenções”, o armário pode ser ainda mais alargado, no sentido de que o alcance da normatividade é estendido. Como Sedgwick afirma, a elasticidade da presunção heterossexista significa que:

Como Wendy em Peter Pan, as pessoas encontram novos muros que surgem à volta delas até quando cochilam. Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. Mesmo uma pessoa gay assumida lida diariamente com interlocutores que ela não sabe se sabem ou não. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante (SEDGWICK, 2007, p. 22).

Analisando as interações sociais de lésbicas e bissexuais, o armário não se restringe apenas à revelação da orientação sexual para um outro. Como o armário se correlaciona com a visibilidade (consequentemente também com a questão política), mais do que declarar-se homo/bissexual para família e afins, trata-se, também, de transformar o “privado” em “público”. Logo, o armário diz respeito à circulação e ocupação de espaços sem ou com a presença de uma autovigilância que confina demonstrações públicas de afeto; trata-se de serem “vistas” ou de se ocultarem enquanto mulheres que amam e desejam outras mulheres e não apenas como sombras.

O armário confessional, ainda é penoso, mas parece estar passando por alterações profundas. Já esse “outro armário”, produzido com o cuidado de si, baseado em noções de segurança, com princípios de “não agressão” dos outros por meio de uma autocensura de “cenar de carinho” em público, ou de que *“isso não é coisa que se faça na rua”*; esse armário ainda se apresenta como um caminho tortuoso. Dessa forma, ficam no armário as trocas afetivas em nome de um “respeito” a uma moralidade pública. Além disso, observa-se que em muitos casos, embora se manifeste uma “aceitação” da homo/bissexualidade, trata-se de uma aceitação que não acolhe e que impõe limites quanto à troca de carícias, dentro da família, na rua e em outros ambientes.

Por mais que eles saibam de mim, não é a mesma coisa, sabe? Eu nunca vou sentar no sofá lá de casa agarradinha com minha namorada, sem pensar no que meus pais estão achando. Muitas vezes ando de mãos dadas, beijo em alguns lugares, as vezes penso na exposição e que pode ser perigoso, e isso é muito ruim (TÁBATA, 28 anos, entrevista em dezembro de 2013).

De qualquer maneira, o que está em jogo, parece-me, é que a moralidade inflexível supracitada não é “genérica”. Existem aquelas que não “precisam” do armário, as que o buscam estratégica e temporariamente, mesmo sabendo que não estão sendo “congruentes” politicamente, e as que o habitam por toda vida, por diferentes razões.

Prosseguindo com as extensões ramificadas do armário, ainda dentro das noções de “moralidade” e “transgressões de normas e convenções”, tem-se os “armários” dentro das próprias experiências lésbicas e bi, que seriam aqueles gostos, fantasias, práticas, comportamentos dentre outros, que podem não ser (e muitas vezes não são) bem vistos por outras lésbicas e/ou bissexuais. Por exemplo: gostar de filmes pornográficos heterossexuais; ter fantasias sexuais com travestis; querer ou gostar de usar prótese peniana com ou sem cinta (apelidada de “cintapica” ou “cintaralha”); considerar-se lésbica e ter ficado ou ficar com homens, mesmo que esporadicamente; ou ainda, vestir-se de modo masculino ou gostar de mulheres masculinizadas.

H: o que vocês acham de usar vibrador ou cinta com dildo?

A: Nunca usei nem tenho vontade! Meus dedos são mais do que suficientes!!!!

J: Já usei vibrador e gostei, mas prefiro o jeito mais tradicional mesmo

L: pra mim é a mesma coisa que sapatão caminhoneira, se quisesse homem, ficaria com um de verdade (FACEBOOK, 2013).

As condenações que cercam a masculinização, tanto no que tange à performatividade de gênero, quanto no que se refere à prática sexual com uso de acessórios, diz respeito a uma forte rejeição a qualquer traço que conecte a concepção de lésbica à concepção de homem/macho. Suponho que esse repúdio, dentre outros possíveis fatores, seja consequência do machismo e da “lesbofobia” aos quais estão sujeitas. Negar qualquer masculinização e desaprovar o uso de próteses seria, assim, um modo que elas encontraram de contrapor que: “elas são lésbicas porque não encontraram um homem de verdade”, que “toda lésbica queria ser homem”, que “as relações entre mulheres são incompletas pela ausência de

um pênis”, ou que a “utilização de um pênis seria a explicitação de que a mulher sentiria falta de um homem” etc. (notas de campo).

Nesse conflito entre identidades, práticas e desejos, entram em jogo, novamente, a ideia de identidade como essência, e a deslegitimação da identidade baseada numa não conformação às prerrogativas que circunscrevem o que seria uma “verdadeira lésbica”. Nesses processos circularmente emaranhados, velhas e novas concepções se misturam: reforçando, revivendo, justapondo, atualizando, criando sexualidades, desejos, ações, condutas.

3.3 Gaydar: variações de gênero e “exposição da sexualidade”

A estrutura de manutenção do armário se reporta à manipulação de uma série de códigos de conduta, de postura e de comportamento. Ao observar esse jogo, muitas vezes estratégico, entre evidenciar ou não uma homossexualidade por meio da performatividade de gênero, é que o armário se conecta ao gaydar. Creio que a relação do armário e do gaydar, isto é, a fragilidade entre o segredo e a revelação, refere-se ao fato de que o sujeito não tem controle sobre todos os signos que povoam o meio (no caso o meio gay) ao qual não deseja ser associado. Para Sedgwick,

Nenhuma pessoa pode assumir o controle sobre todos os códigos múltiplos e muitas vezes contraditórios pelos quais a informação sobre a identidade e atividade sexuais pode parecer ser transmitida. Em muitas relações, senão na maioria delas, assumir-se é uma questão de intuições ou convicções que se cristalizam, que já estavam no ar por algum tempo e que já tinham estabelecido seus circuitos de força de silencioso desprezo, de silenciosa chantagem, de silencioso deslumbramento, de silenciosa cumplicidade. Afinal, a posição daqueles que pensam que sabem algo sobre alguém que pode não sabê-lo é uma posição excitada e de poder – seja que o que pensem que esse alguém não saiba que é homossexual, ou meramente que conheçam o suposto segredo desse alguém (SEDGWICK, 2007, p. 38).

Em diversos trabalhos, a referência ao gaydar aparece de modo indireto ou implícito, como em Almeida e Heilborn (2008), Miskolci (s/d), Alves (2010), França (2010), Facchini (2008), Fry e MacRae (1985), nos quais é possível identificar comentários sobre o gaydar, como: ser discreto, parecer hetero, não ter sinais que identifiquem como gay/lésbica, ser ou não ser afetado.

Uma referência mais explícita ao assunto é encontrada no trabalho de Almeida e Heilborn (2008). Segundo as autoras, as relações afetivo-sexuais e até a amizade

com lésbicas masculinizadas restringiria as possibilidades de manipulação do estigma da homossexualidade publicamente, por meio de estratégias de ocultamento:

Uma ativista, recordando-se de uma amiga que se orgulhava de ter um “gaydar” bastante eficiente, ilustrou esta afirmação. A amiga dizia que não conseguia utilizar seu gaydar com as mulheres, pois a “diversidade” é muito grande. A situação alterava-se quando estava diante das fanchas, estereótipos do macho, “em suas camisas sociais”, figuras anacrônicas (“de um outro tempo”, “de uma outra época”) (ALMEIDA; HEILBORN 2008, p. 241).

A partir dessa fala, Almeida e Heilborn (2008, p. 241), definiram o gaydar como “uma fusão entre a palavra inglesa gay e a portuguesa radar, significando a capacidade da personagem de identificar ‘quem é gay e quem não é’ pela simples observação”.

É importante nos perguntarmos/indagarmos qual é esse jeito, comportamento, ou aparência que é referenciado em várias pesquisas que tratam de sociabilidade, experiências e histórias de vida de homossexuais. O que seria essa percepção aguda de identificação e quando, como e o que é identificado? Que códigos são esses através dos quais a sexualidade “fala”? A esse conjunto de perguntas, gays e lésbicas provavelmente responderiam: isso é o gaydar. Mas como exatamente esse termo êmico pode ser definido, como ele é posto em prática, o que ele significa, revela, implica e o que ele oculta?

Neves Júnior (2012), numa perspectiva de trabalho na área da linguística, analisa a performatividade do gaydar no livro “Cuidado! Seu príncipe pode ser uma cinderela. Guia prático para identificar um gay no armário”, das autoras Ticiane Azevedo e Consuelo Dieguez. Este guia, de acordo com o Neves Júnior, tem como objetivo ensinar mulheres, através de dicas, a descobrirem se seus parceiros são gays no armário, considerando a masculinidade hegemônica como sinônimo de uma heterossexualidade, e as masculinidades contra- ou menos hegemônicas como sinônimo de homossexualidade. A contribuição do autor para a concepção do gaydar, apesar dele restringir o gaydar ao universo homossexual masculino, é a crítica desenvolvida sobre os processos higienizadores do desejo, pois, para ele, as autoras do guia incitam o fim do relacionamento em caso de dúvida da heterossexualidade de seus parceiros. Ou seja, o gaydar analisado por ele funcionaria como um mecanismo para garantir relações legítimas entre homens e mulheres supostamente heterossexuais. E este é definido como: “qualquer forma performativa que opera sobre a homossexualidade de alguém, e que se restringe em geral à homossexualidade masculina. [...] e não se fixa somente em enunciações feitas por palavras e encadeadas em frases” (NEVES JÚNIOR, 2012, p. 146).

Nesta investigação, entretanto, a definição do gaydar não explorou a homossexualidade masculina, e a abordagem da questão envolve uma relação mais estreita entre armário, subjetividade e o gaydar, além de se basear na experiência de mulheres que se consideram lésbicas e bissexuais.

Desse modo, para essa pesquisa, o gaydar pode ser definido como uma tecnologia de identificação da orientação sexual de um outro, sem que esta seja verbalizada ou explicitada. Trata-se de um mecanismo de reconhecimento que põe em jogo a observação e a análise dos corpos a partir das quais se inferem as práticas sexuais e os desejos de outras mulheres. Trata-se, então, de uma leitura de como os discursos são (in)corporados, sendo o gaydar, em última instância, uma análise do discurso materializado. O gaydar, ao se referir a uma leitura do não dito, daquilo que não é verbalizado ou explicitado, coloca em jogo, de certa maneira, convenções que perpassam a presença constante do armário.

Ao contrário da literatura acadêmica, que não analisa explicitamente o estudo do gaydar, é muito comum textos de blogs e sites, vídeos de vlogs, falas e ilustrações, abordarem o tema do radar gay. No texto do Sapatômica intitulado “Top10: Como saber se ela é do babado!⁸⁶”, Bianka de 23 anos, fundadora do site escreveu:

*Quando você é gay, nasce com anteninhas de vinil que detectam o perigo!
Mas, infelizmente, tem gente que vem com o gaydar quebrado. Não adianta discutir, tentar fazer a pessoa enxergar os detalhes invisíveis que você facilmente identifica... ela não tem gaydar. Simples assim.
A garota que não tem gaydar não consegue identificar outra lésbica ou bissexual pelo olhar lançado na pixxxta, pela jeito de falar, pelo leve toque, por nada. Eu, por exemplo, nunca acerto com homens gays, mas com mulheres... identifico a milhas de distância! É só aparecer no mesmo bairro que apita e, dependendo, até explode e deixa meu gaydar em cacos no chão.
Já que eu tenho essa facilidade toda, tentei me colocar na posição de alguém que está saindo do armário agora e precisa encontrar as colegas na multidão. As dicas que vocês verão agora são bem clichê, meio generalizadas, mas são fáceis de perceber e vão te ajudar!
(SAPATÔMICA, 25 de junho de 2012).*

Nesse breve trecho, Bianka dá várias pistas dos elementos que formam o gaydar, elementos que vão dos clichês “fáceis de perceber”, àqueles “detalhes invisíveis”. Como sintetiza Neves Junior (2012), além do jeito de falar, olhar, gostos e interesses:

⁸⁶ Para ver esse texto, acesse: <http://sapatomica.com/blog/2012/06/25/top10-como-saber-se-ela-e-do-babado/>.

A forma de andar, o modo de se vestir, a preferência por certo estilo musical e os maneirismos também podem ser outros caracteres, coadunados ou não, decisivos para que as pessoas que “fazem uso do gaydar” enunciem a sexualidade não-heterossexual de alguém. [...] Dessa maneira, mesmo que a pessoa não saiba da existência da palavra “gaydar”, ela performa ou realiza um ato de gaydar toda vez que pressupõe a homossexualidade (NEVES JUNIOR, 2012, p. 146).

3.3.1 *O gênero como espelho de desejos e práticas?*

A variação de gênero em mulheres no geral, e especificamente em mulheres lésbicas e bissexuais, é bastante elástica e vai da hiper-feminilidade à “extrema” masculinização, e são justamente estas mulheres que têm uma performatividade de gênero que destoa do sexo biológico, que são apontadas como as “sapas óbvias”. Dentre os clichês apontados por Bianka, no texto supracitado, por exemplo, encontram-se referências ao cabelo curto, unhas curtas, escutar as “divas” da MPB como Ana Carolina, Cassia Eller, Adriana Calcanhoto, Zélia Duncan etc.; tocar violão, principalmente música das cantoras mencionadas; não usar nada de maquiagem, só ter mulher adicionada nas redes sociais, e mais uma infinidade de outros sinais que serão desenvolvidos na próxima seção.

O que se pode concluir é que o gaydar funciona, principalmente, baseado no estereotipo de gênero (NEVES JUNIOR, 2012); ou, dito de outro modo, o gênero funcionaria como um espelho que supostamente reflete os desejos e, conseqüentemente, as práticas sexuais dos indivíduos. Sob esse aspecto, a relação gênero e gaydar coloca em discussão a imutabilidade dos fatos *vs.* as possibilidades de questionamentos acerca dos mesmos (SEDGWICK, 2007). Esta relação, em um primeiro momento, escancara a impossibilidade de se fugir completamente à repetição e à citação (BUTLER, 2010); e, em um segundo momento, coloca em cheque a coerência e a naturalização imposta pela matriz heterossexual, pois o que se percebe é que esse conjunto não é sempre coerente, tampouco fixo, muito menos único, uniforme ou homogêneo.

O que foi observado em campo é que homens e mulheres compartilham características de ambos os gêneros, e que “pessoas e escolhas de objetos aparentemente heterossexuais são fortemente marcadas por influências e desejos em relação ao mesmo sexo, e vice-versa” (SEDGWICK, 2007, p. 46). Assim, não existiria um gênero exclusivamente feminino e um outro masculino, como, em tese, não haveria, também, um desejo ou prática sexual exclusivamente homo ou heterossexual. De acordo com Butler (2010a), a totalidade do gênero é continuamente protelada sem jamais ser totalmente exibida, e, além disso, “não há

razão para supor que os gêneros devam permanecer em numero de dois” (BUTLER, 2010a, p.24), o que, certamente, só expande de forma infinitesimal as possibilidades de sexualidade e de gênero.

Em um vídeo do Canal das Bee, “Especial lésbicas”, Jéssica recebe uma convidada, Catharina Fischer, para fazerem um “pergunte às lésbicas”. Logo no início, está presente na fala delas, em tom lúdico, o estereótipo da “sapatão” representado pela figura de Catharina, que seria qualificada como uma mulher masculinizada, uma sapatão “monstro *truck*”⁸⁷, como brinca Jéssica.

Nesse programa, em particular, encontram-se vários elementos associados às mulheres, conectados aos rótulos comuns do meio lésbico, como, por exemplo, um aparente apreço pela conjugalidade, independente da performatividade de gênero, evidenciado na pergunta: “por que as lésbicas levam o caminhão de mudança no segundo encontro?”. Mas é ao tratarem do estereótipo baseado no senso comum, de que relações precisam ter um “homem” e uma “mulher”, seja enquanto desempenho visual, social ou sexual, que as duas ilustram a relação não exclusiva e não obrigatoriamente coerente entre gênero, sexo e os comportamentos, condutas, gostos. Elas falam:

Jéssica: Agora assim, estereotipo é muito legal perguntar. Se alguém perguntar, ah Jé, tem o homem ou a mulher da relação?

Catharina: Nossa, eu odeio essa pergunta!

Jéssica: Minha namorada, por exemplo, ela cozinha e eu não sei cozinhar nada. E eu fico tipo, assistindo T.V e tomando uma cerveja. Só que quando tem uma barata no banheiro...

Catharina: Essa aqui mata (apontando para Jéssica).

Jéssica: Nan, nan, não. Ela que mata!

Catharina: Olha! Sapatão!

Jéssica: Ela cozinha, ou seja, “faz o papel da mulher” (Jéssica assinala com os dedos).

Catharina: Mas cê lava a louça?

Jéssica: Calma! Ela mata a barata, ou seja, faz “o papel do homem”

Catharina: Afeeeee!

Jéssica: Mas são papeis que as pessoas põe estereotipo.

Catharina: Não! É super estereotipado!

Jéssica: Super estereótipo!

Catharina: Mas isso não tem nada a ver! Eu sou a maior sapatão do universo, desculpa mãe. Eu vejo uma barata? Gente, eu corro mais que [...] o Bolt. Tipo, sou eu, entendeu?!

⁸⁷ *Truck* é uma palavra de origem inglesa que significa caminhão, e é utilizada como sinônimo para sapatão ou sapatão caminhoneira, que seria aquelas mulheres que possuiriam muitas características e atributos masculinos.

Jéssica: E aí tem coisa, por exemplo, troco o óleo do carro da minha namorada...

Catharina: Caminhão, também, né?

Jéssica: Eu Levo pra fazer revisão, eu faço tudo isso. Ou seja, faço o “papel do homem”. Mas quando a gente sai, eu amo dirigir, mas geralmente ela dirige. Por que? Porque ela fala que sou lenta e eu não sou. Sabe essa coisa tipo de papéis estabelecidos pelo estereotipo, cara? Que não existe! Tipo, eu sou a mulher da relação e ela é a mulher da relação! (CANAL DAS BEE, 22 de abril de 2014)⁸⁸.

Entretanto, partindo das concepções triviais a respeito do gênero, o gênero é exposto como reflexo do desejo e da prática sexual e vice-versa, gerando e sendo produto da associação entre desejo e identificação amplamente disseminada nas relações sociais, das instituições às interações cotidianas, como pode-se perceber pela fala de Jéssica e Catharina. É essa construção, que liga gênero e desejo, que Butler (2006) afirma não ser fácil separar, como comentado no começo deste capítulo.

Ao passo que Jéssica e Catharina expõem a construção dos “papéis” masculinos e femininos, elas também explicitam, como indica Butler (2010a), que a construção da identidade sexual coerente estaria fadada ao fracasso. “As rupturas dessa coerência por meio do ressurgimento inopinado do recaiado revelam não só que a ‘identidade’ é construída, mas que a proibição que constrói a identidade é ineficaz” (BUTLER, 2010a, p. 53). Assim, todas essas dissonâncias que persistem e se proliferam “criam oportunidades críticas de expor os limites e os objetivos reguladores desse campo de inteligibilidade e, conseqüentemente, de disseminar, nos próprios termos dessa matriz de inteligibilidade, matrizes rivais e subversivas de desordem do gênero” (BUTLER, 2010a, p. 39). Os processos de poder-saber que buscam tornar legítimos ou ilegítimos discursos e desejos, só demonstram, além da artificialidade já comentada, como os discursos são formadores de subjetividades.

Tratar a emergência de uma nova identidade como um acontecimento discursivo não é introduzir uma nova forma de determinismo linguístico, nem é privar sujeitos de serem agentes. É recusar uma separação entre “experiência” e linguagem e insistir na qualidade produtiva do discurso. Sujeitos são constituídos discursivamente, mas há conflitos entre sistemas discursivos, contradições dentro de cada um deles, significados múltiplos possíveis para os conceitos que eles utilizam. E sujeitos são, de fato, agentes. Eles não são indivíduos unificados, autônomos, exercendo a vontade livre, mas sim sujeitos cuja atuação é constituída através de situações e status que lhes é conferido. Ser um sujeito significa ser “sujeito para definir condições de existência, condições de atributos e condições de exercício”. Essas condições permitem escolhas, muito embora elas não sejam ilimitadas. Sujeitos são

⁸⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=vCxUcnhsdps&list=UUHIXQHrDRyWdaNdT9McCNHA>.

constituídos discursivamente e experiência é um acontecimento linguístico (não acontece fora de significados estabelecidos), mas nenhum deles está confinado a uma ordem fixa de significado. Uma vez que o discurso é por definição compartilhado, a experiência é coletiva, bem como individual. Experiência tanto pode confirmar o que já é conhecido (vemos o que aprendemos a ver), quanto perturbar o que parecia óbvio (quando sentidos diferentes estão em conflito nós reajustamos nossa visão para tomar consciência do conflito e resolvê-lo – isto é, o que significa “aprender com a experiência”, muito embora nem todos aprendam a mesma lição, ou aprendam da mesma forma, ou ao mesmo tempo). Experiência é a história de um sujeito. A linguagem é o campo no qual a história se constitui. A explicação histórica não pode, portanto, separar as duas (SCOTT, 1998, p. 320).

Scott (1998), assim como Foucault (2009) e Butler (2010), consideram o discurso parte imprescindível da construção dos sujeitos e da inteligibilidade dos mesmos, bem como da experiência. Por conseguinte, o discurso, enquanto produtor de materialidades e significados, também é indispensável para o “vocabulário do gaydar”.

3.3.2 “Essa Coca é Fanta”

Para Butler, o gênero é uma “estilização repetida do corpo” construído e vigiado por “várias forças que policiam a aparência social do gênero”, dentro de uma estrutura reguladora que ao longo do tempo produz a aparência de substância. Tal aparência se realiza mediante “um truque performativo da linguagem e/ou discurso, que oculta o fato de que ‘ser’ um sexo ou um gênero é fundamentalmente impossível (BUTLER, 2010a, p. 40, 59). Essa concepção sobre gênero pode ser inspiradora para pensar o gaydar, uma vez que ele também se baseia numa “estilização repetida do corpo”.

O gaydar se constrói dentro de uma série de estruturas reguladoras, entre a exposição e o ocultamento dos desejos e das práticas sexuais. Essa construção, análoga ao gênero e consequência deste, faz com que o gaydar também coloque em jogo as ideias subjacentes a uma substancialidade, e que também ocorra por meio de um truque performático. Dentro dessa percepção, o que, quando, onde e como ocorre esse tipo de identificação? Que códigos são esses através dos quais a sexualidade “fala”? De acordo com a fala de Elen:

Há 15 ou 20 anos atrás, para se encontrar parceiras, amigas ou afins, ou você frequentava guetos ou desenvolvia um bom radar que te ajudasse nessa busca.

Como nunca gostei muito dessa história de reduzir meu mundo a guetos, aprendi a 'pescar fora do aquário', minimizando os 'riscos' da minha exposição. Essa sensibilidade que nós tínhamos, na época, realmente funcionava como um radar - o nosso gaydar. Funcionava

inclusive com pessoas que não tinham descoberto sua sexualidade ainda. Namorei algumas mulheres das quais fui sua primeira experiência homossexual, sem entender de onde vinha aquela certeza de que ela aceitaria o contato.

Hoje, eu penso um pouco diferente. Fazendo uma comparação com nosso estado natural, imagino que essa habilidade em reconhecer outros gays esteja intimamente relacionada com a seleção natural e com a escolha de parceiros. Como já não precisamos mais dessa habilidade tão desenvolvida (não existe mais o nosso mundo e o mundo deles...rsrs... Todos frequentamos o mesmo mundo), ela vem se desvirtuando, se distanciando de seu verdadeiro sentido.

Ainda somos capazes de reconhecer outros gays mas creio que por outros motivos: os trejeitos, roupas, comportamento... Já temos a tal identidade de grupo. E isso acaba esbarrando no pré-conceito, na padronização (ELEN, 38 anos, entrevista em dezembro de 2012).

Pensar o mecanismo discursivo que constrói o gaydar, é pensar na estilização do corpo em sentido amplo, isto é, no jeito que este se porta, no comportamento, na aparência, na fala, nos hábitos de lazer, nas preferências culturais, nos assuntos tratados, e, mais atualmente, nas redes sociais, nos tipos de amigos, a quais redes pertence, o que publica/curte/compartilha nelas. É, também, pensar nos (re)produtores dos códigos que fazem o gaydar “apitar”, como os programas de televisão (seriados, novelas, jornais etc.), o cinema, a internet, a família e amigos. “Os estereótipos circulam e são transmitidos por diversas fontes, [...] agentes que atuam na consolidação, assim como na possível alteração dos estereótipos” (NEVES JUNIOR, 2012, p. 151). Esses códigos, entretanto, são atributos flutuantes e contingenciais. É preciso levar em consideração hierarquias, diferenças de classe e capital cultural, diferenças geracionais, diferença dos espaços e lugares (de região, cidade, circuitos de balada, tipos de bares frequentados, etc.). Assim, para minhas interlocutoras, a definição de gaydar e os mecanismos pelos quais opera estão circunscritos aos elementos supracitados. Gaydar para elas seria:

O nome popular gay dado a impressão que se tem das pessoas sobre sua orientação sexual sem ter contato algum com elas (V.M, 32 anos).

Uma espécie de “radar” (interno) que permite alguém identificar se um “alvo” é homossexual ou não. Não sei de onde surgiu. Mas para mim, surgiu há um tempo, assim como para as minhas amigas, com a popularização da série The L Word (JULIANA, 20 anos).

Uma sensibilidade/feeling, pode-se dizer que é uma forma de “sobrevivência” nesse meio, por exemplo, quando se quer conhecer ou chegar numa garota (K. O., 25 anos).

Espécie de artifício natural (N. S., 23 anos).

Um tipo de “insight” que alguns homossexuais têm para assim conseguirem identificar os seus iguais, seja através da aparência física e emocional, por meio dos gostos musicais ou literários em comuns, etc. Talvez esta minha resposta seja muito simplista, pois acredito de fato que este “insight” Gay vai para além da identificação da aparência física, por exemplo. Quando pré-adolescente, cheguei a pensar/imaginar que os homossexuais transpiravam por todo o corpo uma substância “X” que seria capaz de fazer com que os outros homossexuais os identificassem como pares, como iguais. Coisa louca, não?! Mas, às vezes, ainda penso nisso (CARLA, 25 anos).

Os mecanismos que elas mencionaram como sendo as engrenagens do gaydar se repetiram, mesmo elas sendo de cidades diferentes, de idades diferentes etc. Foi possível observar que dentro do campo da homo/bissexualidade feminina há uma escala de nuances entre a hiper-feminilidade e a extrema masculinização (conferir figura 7), pois para cada elemento citado há uma imensidão de possibilidades. Essa diversidade varia de acordo com o contexto, as companhias – amigos, familiares –, o ambiente, o gosto, o peso⁸⁹, a idade, as experiências, os interesses e intenções – por exemplo, escolher entre um vestuário para sair com amigas, e um com o interesse de “caçar” – etc.

⁸⁹ Duas entrevistadas alegaram que usavam roupas menos femininas, “mais largadas”, pela dificuldade e/ou inexistência de roupas para o seu tamanho. Como comenta Lacombe (2010, p. 92): “a expressão de gênero tem a ver também com a massa corporal. Assim, mulheres mais gordas da mesma faixa etária, em lugar de usar camiseta baby look usam camisetas largas de manga curta ou camisas”. Sobre o tema da obesidade ligada à homossexualidade, um dos materiais observados foi o blog “Gorda e Sapatão” (<http://gordaesapatao.com.br>). Neste espaço, Jéssica Ipólito, que se descreve como “mulher, cisgênera, lésbica, negra, de 22 anos, adepta à relações livre, RLi, militante feminista e do movimento negro, dedica-se a escrita de temas como lesbianidade, bodypositive, feminismo, negritude e opressões sociais.



Figura 7 – Casais formados por mulheres que performam feminilidade e masculinidade. Imagens retiradas do Tumblr, sites Sapatômica, Parada Lésbicas e disponíveis no Google.

Nesta imagem, que ilustra as extremidades da gradação entre masculino e feminino comentadas por minhas interlocutoras, é possível observar a correspondência com uma performance de gênero que independe do sexo, reestruturando materializações nas quais “machos galantes” e “fêmeas fatais” habitam corpos de mulheres (FACCHINI, 2008).

Nesta escala, os atributos masculinos e femininos de mulheres lésbicas também são pautados pelos lugares de atividade/passividade, perdurando e reproduzindo o imaginário que associa masculino a um papel ativo e feminino a um papel passivo. Evidencia-se novamente a conexão recorrente entre aparência (gênero) e desejos/práticas sexuais. Contudo, a restrição a um desses pólos, ativa/passiva parece não fazer sentido para minhas colaboradoras, cuja maioria se autocalifica como “*flex*” ou “*versátil*”, como disse Tábata: “*não tem que ter essa coisa de ‘ah, eu só dou’, ou ‘eu só como’.* *Tem que fazer tudo*”. Além disso, também é fato que lésbicas apontadas como masculinas ou como femininas têm preferências que se distanciam da possível expectativa acerca de seu comportamento sexual.

Entre feminilidades e masculinidades, o gaydar manifesta a qualidade produtiva do discurso; manifesta a experiência como acontecimento linguístico que tem significados estabelecidos. O gaydar expõe os discursos compartilhados transformados em

experiências coletivas e individuais, com possibilidades de confirmação ou perturbação do que pareceria óbvio (SCOTT, 1998).

Retomando a construção do gaydar e como este opera, ele tem como característica formadora justamente esse processo de confirmação e perturbação, baseado, fundamentalmente na performatividade de gênero, talvez, o principal articulador visível do gaydar. Grosso modo, baseada nas entrevistas e nas observações, é possível pensar que o gaydar operaria como um gigantesco banco de dados, em constante atualização, pois há um trânsito intenso entre o que seria ou não “coisa de sapatão”, e entre masculinidade e feminilidade, sendo comum ver uma menina que sempre foi “feminina”, aparecer com os cabelos cortados e/ou outros estereótipos “do mundo sapatônico” e vice-versa.

Um caso conhecido deste tipo de trânsito, é o da artista Thammy Gretchen, também conhecida como Thammy Miranda (figura 8). Thammy surgiu na mídia por ser dançarina e filha da cantora Gretchen, e ganhou notoriedade quando se assumiu homossexual, em 2006. Logo depois cortou o cabelo, começou a usar roupas masculinas, e, mais recentemente, em dezembro de 2014, passou por uma mastectomia.



Figura 8 – Thammy Gretchen e a performatividade de gênero.

Fonte: R7 - <http://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/fotos/veja-o-antes-e-o-depois-de-thammy-miranda-apos-cirurgia-para-retirada-dos-seios-09012015?foto=2#!/foto/2>

A partir deste e de outros fluxos de gênero observados *online*, pondera-se alguns dos entendimentos de Beatriz Preciado (s/d) a esse respeito. Para a autora, as novas técnicas do gênero seriam flexíveis, internas e assimiláveis, ao contrário das técnicas de normalização do corpo dos sistemas disciplinares (PRECIADO, s/d). Foi essa flexibilidade que se evidenciou, principalmente entre as colaboradoras mais jovens.

Preciado (s/d, p. 9) considera que todo o fluxo do gênero e da sexualidade não pode funcionar sem a circulação de “hormonas, silicona, textos y representaciones, de técnicas quirúrgicas... en definitiva, sin un tráfico constante de biocódigos de los géneros”. Por sua vez, os estereótipos lésbicos são pautados na incorporação desses biocódigos condensados na performatividade do gênero. Classificações bastante difundidas como: “sapatão caminhoneira”, “dyke”, “sapa”, “bofinho”, “alternativa”, “lady” etc., encontram-se subsumidas nesses processos biopolíticos de produção da sexualidade. Nesse contexto, “la subjetividad surge como un gusano que atraviesa la malla de una red y al mismo tiempo que cava abre un camino, traza una inscripción, deja un rastro, teje una trama que recodifica el discurso preexistente” (PRECIADO, s/d, p. 10).

A “sapatão caminhoneira”, também chamada de “machorra”, “machuda”, “fancha”, “machinho”, “butch”, “bofinho”, “truck” etc., é um dos principais estereótipos lésbicos por ter uma ampla difusão para além das “fronteiras” da homossexualidade, por ser firmado como a “representação” da mulher que gosta de mulher para o senso comum.

Esse estereótipo está situado entre um posicionamento afirmativamente político, ou de uma identidade pessoal que não tem medo de “*dar a cara a tapa*” (mesmo sem intenção); e a acusação de prejudicar a imagem das lésbicas por ser um reforço do imaginário social acerca da sexualidade dessas mulheres. Além disso, esse modelo está atravessado por questões de classe e estética. Ao perguntar sobre esse estereótipo, por exemplo, Marina, 28 anos, de classe média alta, definiu essas mulheres como: “*aquelas mulheres bem machos mesmo, que não cuidam nada da aparência, que geralmente são gordas, usa tudo de homem, e parecem ser tipo... são mais ‘simples’. Tipo, algumas lésbicas que vão na Caminhada Lésbica*⁹⁰. *Gente, na boa, fui uma vez e nunca mais. Só gente feia*”.

⁹⁰ A Caminhada de Lésbicas e Bissexuais de São Paulo é um dos eventos que antecedem a Parada do Orgulho LGBT. Ocorre na Av. Paulista e Rua Augusta (<http://caminhadalesbica.org>), e está na sua XII edição.

O problema da “classe”, entretanto, extrapola a questão financeira. No tocante às minhas colaboradoras diz respeito mais ao “porte”, isto é, aos cuidados com a aparência e higiene pessoal, e ao nível de escolaridade e cultural. É frequente elas associarem um jeito “grosseiro” ao universo masculino, e quando este se manifesta em mulheres, elas o conectam, também, a uma falta de “educação”. Consequentemente, julgam que essas mulheres pertencem a uma classe social mais baixa, e que seriam alheias ao conhecimento das regras de apresentação, etiqueta e comportamento, mesmo que economicamente essa associação não corresponda à realidade⁹¹.

A performatividade estruturada nas relações entre corpo, classe, estética, postura etc. está circunscrita ao caráter temporal e arbitrário pelo qual alguns signos são atrelados ao gênero e à sexualidade, ou seja, aos contextos específicos destes. A partir desses contextos, outros modelos se disseminaram, principalmente após o crescimento do mercado LGBT. Segundo França (2010), na década de 1990 se desenhou uma nova expansão, diversificação e segmentação do mercado voltado a esse público, implicando numa multiplicação de categorias de identidade e de estilos. Se em sua tese, França (2010) percebeu o modelo gay/gay (gays não afeminados) ganhando cada vez mais terreno, com performances tidas como mais masculinas conseguindo mais visibilidade, também observei que o modelo feminina/feminina entre lésbicas e bissexuais cada vez mais ganha notoriedade, e a valorização de performances pautadas nessa feminilidade é uma constante. Dentre os modelos que adquiriram visibilidade, estão, pois, os estereótipos nos quais traços associados à feminilidade se encontram presentes. Segundo Lacombe, ao estudar espaços de sociabilidade voltados para lésbicas na cidade do Rio de Janeiro:

Os significados de se ser mulher estão atrelados a determinadas pautas sociais e morais que sinonimizam mulher com feminino, homem com masculino e inserem ambos no interior de um padrão heterossexual. As noções de feminino e masculino, por sua vez, estão estereotipicamente associadas a diversas características que costumam os significados do que se considera um comportamento “próprio” de cada uma delas (LACOMBE, 2010, p. 116).

Essas características, as quais Lacombe (2010) denominou de “imperativos da feminilidade”, quando presentes nas performatividades de lésbicas ou bissexuais, fazem

⁹¹ Alguns exemplos de pessoas públicas mencionados por minhas informantes que servem para ilustrar essa questão foram: Marlene Mattos, famosa por ter sido empresária da Xuxa – mais citada por mulheres por volta dos 30 anos de idade; Mart'nália (cantora e atriz) – lembrada por mulheres acima dos 25 anos; e Thammy Gretchen (cantora e atriz) – lembrada, principalmente, por mulheres com menos de 25 anos.

com que estas sejam classificadas por minhas colaboradoras como sapas, sapatilhas, sandalinhas, alternativa⁹², ladies e outras nomenclaturas.

O imperativo de feminilidade, trabalhado por Lacombe (2010), apareceu em meu campo fortemente influenciado pelo mercado, pela mídia e pela moda, que parecem estabelecer uma ligação de mutualismo. Por exemplo, a concepção dos estereótipos como “alternativa”, “*estilosa*” ou moderninha⁹³, têm relação direta com as tendências da moda, influenciadas pelas relações com/entre mídia e mercado.

A moda, de acordo com Simmel (1969, apud LACOMBE, 2010, p. 98), é uma interferência entre dois anseios: “a igualdade e a diferenciação representados respectivamente no movimento de reunião e dissolução. Por sua vez, a tragédia da moda é que nela participa apenas uma parte da sociedade, vivendo a outra o drama de perseguir sem jamais lograr alcançá-la”. Pode-se dizer, partindo da afirmação sobre a conexão entre mercado, moda e mídia, que, atualmente, tanto a igualdade quanto a diferenciação enquanto anseios da moda são gerados por esta conexão, que também produz modos de ser e estar no mundo.

Sobre a influência da mídia, as entrevistadas com idade entre 25 e 35 anos, ao falarem da época que estavam se descobrindo, mencionaram artistas com as quais se identificavam para construir um estilo, como a cantora Avril Lavigne (no início da carreira), a dupla T.A.T.u e as personagens da série *The L Word*. Os traços marcantes como o uso de gravatas e camisas sociais masculinas – no caso das artistas do meio musical; e a disseminação do *lesbian chic* por parte da série de TV, acabaram transformando certos trejeitos em símbolos da homo ou bissexualidade de mulheres. No caso da série *The L Word* há, inclusive, essa correlação de forma explícita:

Dana – eu pensei que a Jenny fosse hetero.

Alice – a maioria das pessoas é hetero até que não é mais, e às vezes são gays até não serem mais. [...]

Dana – E como eu vou saber?

Alice – você lê os sinais.

Dana – esse é o meu problema. [...]

⁹² O termo alternativo, amplamente difundido dentro do campo pesquisado, é extremamente ambíguo, tortuoso e com um amplo campo semântico. Assim, o termo alternativo foi utilizado para apontar uma diversa gama de estilos que vão de uma performatividade mais masculina a uma mais feminina.

⁹³ A concepção de “moderno” aqui utilizada, aproxima-se do conceito de “moderno” definido por França (2007), para se referir a pessoas “descoladas”, um tipo de público atualizado com referências internacionais de moda e estilo, que procura escapar de um visual considerado *mainstream* ou muito comum.

Alice – Você não tem gaydar?! Você está tão certa, você não tem!
Shane – isso não é possível. Todas temos gaydar.
Alice – Vamos testar! Por exemplo, essa mulher que acabou de entrar [no bar/café], ela é o que?
Dana – uma cliente?!
Shane – Dana, olha para as unhas, são longas ou curtas?
Alice – estão pintadas ou não?
Dana – compridas e pintadas; então ela é...
Shane – tirando para hetero, mas precisamos de mais informação
Alice – olha para os sapatos.
Dana – sandálias de salto alto
Alice – com calça jeans apertada
Dana – e daí?
Alice – você vestiria calça jeans apertada com sandália de salto alto?
De jeito nenhum!
(The L Word, 1ª temporada, 2ª capítulo)⁹⁴.

Segundo Lacombe (2010), o corpo pode ser pensado como referencialidade, como uma superfície na qual se explicitam as marcas do “self social”: “elas falam sobre modos de ser ou não lésbica, integrando a linguagem corporal e acompanhando determinado estilo que se completa com a vestimenta, o cabelo, a maquiagem e o calçado que, como conjunto, supõe determinadas práxis sociais” e sexuais (LACOMBE, 2010, p. 146). Em uma conferência pelo Skype, Ana comentou:

Lembro quando tinha uns 18 anos, que de uma hora pra outra tava cheio de menina andando com blusa social branca masculina, gravata preta e skate na mão que era o que a Avril usava. Quem só gostava das músicas, a gente não achava nada. Mas bastava a menina se vestir igual que já desconfiávamos. Se fosse como a dupla T.A.T.u, então... Era certeza. Porque os clips delas eram as duas se beijando. Formavam um casal. Aí foi a febre da saia xadrez tipo colegial, mas mantendo a blusa e a gravata. Foi uma febre porque também teve novela, acho que era Mulheres Apaixonadas, né? Que tinha a Clara e a Rafaela. E tudo isso marcou muito, porque assistia e ficava torcendo pra ter cena das duas. E o final que na internet só via o povo comentando se teria beijo ou não. Mas também teve um lado negativo, na minha opinião. Tinha gente falando que mulher com mulher era só modismo. Que as meninas só estavam fazendo isso porque aparecia na televisão e passava a imagem de ser legal, descolada, moderna. Além disso, falavam que o intuito no final das contas era provocar sexualmente os caras (ANA, 30 anos).

A existência cada vez mais frequente e difundida daquilo que chamei de “modelos públicos de homossexualidade”, como se pode perceber na fala de Ana, afetou as

⁹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IRWF7NOQcTc>.

referencialidades do que representaria ou não a aparência de lésbica. Com estereótipos cujos delineamentos se tornaram cada vez mais fluídos, por meio da performatividade de gênero e da difusão do *lesbian chic*, tanto o armário como o gaydar passaram por adaptações. Assim, há na relação entre moda, mídia e mercado, como objetivo e consequência, a produção do que está “na moda” e do que cada estilo carrega de significado.

As unhas, tão importantes entre as entrevistadas de Lacombe (2010), não apareceram de modo marcante entre as minhas colaboradoras mais jovens quanto à definição ou não da homossexualidade. Por outro lado, a conotação sexual – ativas têm unhas curtas, passivas têm unhas longas –, ainda se sustenta apesar de não ser determinante em suas práticas. Cecília (18 anos), que mantinha as unhas sempre compridas, disse: “*é só saber fazer! E mais, não existe só dedo. Sex shop e boca estão aí pra isso também!*”.

As combinações e implicâncias de cada estilo variam de acordo com a faixa etária e o poder aquisitivo. Além disso, as identificações entre elas se dão sempre de forma contextual, a depender de quais questões e atores estão envolvidos em determinada situação, e de quais categorias de classificação pretendem se aproximar ou se distanciar. Para tanto, certos símbolos são colocados em jogo, acionando determinadas performatividades de gênero e performatividades quanto à orientação sexual.

Atualmente, entre as mais novas, vigoram como símbolos da homossexualidade o uso, por exemplo, de cortes de cabelo “estilosos”, bonés de aba reta, óculos com armações largas considerados retrôs, alargadores substituindo brincos, piercings, tatuagens, roupas xadrez, casacos e calças de moletoms, tênis skatista, pulseiras de couro etc. (conferir figura 9).



Figura 9 – Alguns elementos “lésbicos”: retirados do post “Para Inspirar: Cortes De Cabelo No Estilo Dyke!” do site Sapatômica.

Fonte: SAPATÔMICA - <http://sapatomica.com/blog/2014/07/07/para-inspirar-cortes-de-cabelo-no-estilo-dyke/>.

Todo esse panorama se refere, no entanto, aos padrões de classe média e média alta aos quais a maioria das minhas interlocutoras pertence, excetuando Cecília. Isso, certamente, influencia as concepções do que estaria na moda ou seria estiloso, e, por mais que mídia e mercado ajam na massificação dessas tendências, a “cópia” ou incorporação desse estilo por classes mais baixas, geralmente não são bem sucedidas (LACOMBE, 2010; FRANÇA, 2007). De acordo com Lacombe,

A identificação destes elementos supõe uma contextualização temporal nos processos culturais, isto é, dominante, residual e emergente são momentos nesses processos a serem preenchidos por diferentes elementos que adquirem esse significado particular em um contexto histórico particular. Assim, elementos emergentes em um momento do processo podem mudar para dominantes e logo ser tomados residualmente por outros grupos diferentes àqueles que os criaram. A moda é um bom exemplo da forma em que este processo opera. Artefatos culturais, comportamentos e usos do espaço que aparecem como emergentes e funcionam como diferenciadores de estilo, uma vez engolidos pela maquinaria da indústria cultural se colocam como dominantes perdendo a aura da singularidade ou são absorvidos posteriormente por outros grupos para os quais conserva ainda a carga semântica que lhe outorga essa efetividade que perdera no grupo de origem (LACOMBE, 2010, p. 97).

Tanto a necessidade de refletir sobre os contextos específicos, quanto a crescente fluidez entre as fronteiras da hetero e da homossexualidade, fazem com que o gaydar, cada vez mais, seja alvo de críticas por parte de algumas mulheres lésbicas e bissexuais. Um texto do Mix Brasil Girls⁹⁵, ao abordar alguns dos caracteres que materializam

⁹⁵ Disponível em: <http://mixbrasil.uol.com.br/girls/radar-gay>.

os discursos, pondera justamente o balanço entre quem e o quê está dentro ou fora dos estereótipos.

Evidentemente uma mulher que anda de camisa azul clara, calça bag, dock-siders e mullets tem praticamente escrito na testa que é “entendida” (há muito tempo, diga-se de passagem). As mais moderninhas se travestem de bolacha com regatas brancas, cabelos curtos e espetados, coturnos, as calças caindo de forma a revelar uma cuequinha.

Mas pense no que estamos perdendo se nos ativermos a essas obviedades. Certo, tem gosto pra tudo. Mas eu, pessoalmente, não tenho fetiche por uniformes. Outra forma de identificação mencionada é a enquete musical. Gosta da Simone? Comprou o novo disco da Adriana Calcanhoto? Daria tudo por um ingresso para o show da Zélia Duncan? Sapatão!!! E se gostar de música ao vivo, pode embrulhar e levar pra casa. Mas lembre-se: há vida inteligente em outras galáxias e as marcianas podem ser bem interessantes. [...] Tente Lan-Lan, vá de Laura Finocchiaro. De qualquer forma, o nome de uma cantora invariavelmente aparece no repertório. E Marina funciona bem como música de trabalho. [...] Já no plano mais subjetivo, há a questão do olhar. “A identificação pelo olhar é sempre imediata”, garante uma amiga que vem fazendo pesquisa de campo há mais de quatro décadas (MIX BRASIL, s/d).

Esse trecho permite perceber, além do caráter contingencial do estereótipo, o fato de que este não engloba todas as identidades pessoais. Desse modo, a performatividade da orientação sexual encontra, no escape das obviedades, a ferramenta ideal para a manipulação do armário. São as mulheres que não parecem, ou não dão pinta, “que habitam as fronteiras entre ser ou não ser, em relação à construção social do imaginário do que uma lésbica deve ser, imaginário que já não compreende só as mais masculinas – sapatonas, fanchas – mas aquelas com um visual mais andrógino ou unissex” (LACOMBE, 2010, p. 105). Portanto, todo esse processo fala mais de como as coisas podem ser percebidas-lidas-interpretadas do que como são em si. Em um texto do site Sapatômica⁹⁶, essa dissociação está presente por meio do questionamento dos estereótipos mais comuns:

Gosto musical não influencia nada – eu nunca gostei de MPB e sou bissexual. Tenho horror à barzinho com voz e violão. Minhas amigas heteros adoram! [...] Outros pontos como falar de sexo sem tabus, não demonstrar preconceito, ter amigos gays e gostar de ir em lugares GLS só significa que você fez uma ótima escolha ao namorar uma garota heterossexual de cabeça aberta. [...] Ser descolada, moderna

⁹⁶ Para ver o texto do site Sapatômica acesse: <http://sapatomica.com/blog/2012/01/13/sera-que-ela-e-ela-pode-nao-ser>. Esse texto foi escrito em resposta ao site “Casal sem vergonha”, que listava uma série de itens de como identificar se sua namorada seria bissexual para “tirar proveito”.

ou alternativa é outro preconceito burro, assim como achar que meninas que não usam maquiagem ou salto são gays. Eu amo maquiagem e salto – que só não uso por um problema no pé – e conheço lésbicas assumidas e extremamente femininas. Assim como conheço meninas heterossexuais que são “moleques”, andam de bermuda, e não estão nem aí porque gostam do que é confortável e não ligam para vaidades. Cada um tem o direito de se sentir à vontade com seu próprio corpo, jeito ou sexualidade (SAPATÔMICA, 13 de janeiro de 2012).

Guardadas as devidas diferenças, da mesma forma que, segundo Lacombe (2010), há um paradoxo dentro do feminismo – pois o feminismo está baseado na noção de identidade feminina, a mesma à qual se destinam críticas; há, também, uma contradição dentro do estudo aqui desenvolvido. Ao considerar o armário e o gaydar, a mesma identidade homossexual que influencia a construção de subjetividades e identidades pessoais, também é alvo de críticas, principalmente quando vincula o desejo e a prática sexual a determinadas performatividades e gostos. Entre o reforço e a contestação, Almeida e Heilborn (2008), argumentam que:

O processo de construção da identidade lésbica manipula a gramática corporal, de modo a imprimir no corpo as mudanças, em ritos de passagem à nova identidade. Tais marcos consistem em cortes (rupturas) em relação aos signos tradicionalmente associados ao gênero feminino. O relato de uma das entrevistadas é ilustrativo: a expulsão da casa da mãe (em função da descoberta da homossexualidade) foi demarcada pelo ingresso em um grupo de lésbicas e por um corte de cabelo curto, em substituição às longas madeixas. Em outras palavras, a gramática corporal é, em alguma medida, (re) modelada pela identidade (ALMEIDA; HEILBORN, 2008, p. 233).

Nessa (re)modelagem, o reforço conecta-se à manutenção de certos paradigmas, e a contestação, a flexibilização e a existência de exceções a esses paradigmas. Dessa forma, o que sofreu alterações não foi a definição de gaydar, mas os elementos gerais que as mulheres homossexuais e bi usam para identificarem umas as outras. Não é mais um ou dois tipos de vestuários, ou um estilo de música etc., são vários. E todo esse panorama variou de acordo com a região, classe econômica e idade.

O fato é que, mesmo muitas mulheres tendo a consciência de que o significado dessas características são contingenciais, na prática, o comportamento da maioria é extremamente reiterativo quanto a esses padrões que qualificam este ou aquele trajeito como circunscrito à lésbicas e bissexuais. Para além das questões supracitadas, em momentos de sociabilidade, esses estereótipos perdem boa parte de seu teor problemático e se transformam em “piada” e brincadeira. As mulheres comentam sobre amigas, colegas, familiares e,

inclusive, sobre pessoas famosas, como disse K.A, 28 anos: “*É divertido ficar tentando tirar as estrelas do armário, tipo, a Cléo Pires que a gente fala que tem todas as ferramentas, resta saber se usa*”.

3.4 A relação armário-gaydar

Armário e gaydar explicitam as dinâmicas entre visibilidade e invisibilidade. Entre aquelas que aparentam ter “*as ferramentas*”, aquelas que têm “*as ferramentas*” e as usam, as que usam mas não aparentam ter, etc. Clarificam um jogo entre o dito e o “não dito, mas vivenciado, que confronta as noções de privacidade e publicidade do foro íntimo aos diferentes sujeitos e relações” (LACOMBE, 2010, p. 131).

De modo semelhante à Lacombe (2010), não necessariamente o armário apareceu como um valor, mas sim como uma agência. Entretanto, observei que esse agenciamento não se restringiu às estratégias de invisibilidade, mas se estende à própria visibilidade. Quanto às estratégias de invisibilidade, segundo Facchini (2008), é possível pensar em como a aparência pode ser utilizada para escapar de um lugar estigmatizante, sendo, esta estratégia, bastante utilizada pelo *lesbian chic*⁹⁷.

Se a aproximação do *lesbian chic*, ou uma performatividade considerada mais feminina, favorece as estratégias de invisibilidade, manipulando a aparência como fuga; a aproximação de uma performatividade considerada mais masculina, ou o uso de elementos que são associados a uma identidade lésbica, visam, de algum modo, a visibilidade – senão para todas as pessoas, pelo menos para as que sabem ler os sinais.

Conversando com Marina (28 anos), esta me contou o seu incômodo com o fato de não ser percebida por lésbicas e bissexuais como uma “igual”: “*cara, é impressionante! Sempre que falei que era [lésbica], as pessoas se surpreendem. Até quem é dizia: ‘nossa, mas você não parece!’*”. Clara (25 anos), relatou uma experiência semelhante. Ela disse que quando vai para a balada (gay ou alternativa), as mulheres “não chegam nela”, ou seja, não a procuram como uma parceira em potencial. Como solução, ambas, quando querem mudar esse cenário, procuram justamente mesclar seus estilos com os estereótipos lésbicos, para “*ativar o gaydar das outras*” (MARINA). Porém, fora do contexto da paquera,

⁹⁷ O *lesbian chic* foi trazido “para o Brasil principalmente por revistas segmentadas para mulheres e para o público classificado como GLS, em meados dos anos 1990, e levada ao extremo no seriado *The L Word*” (FACCHINI, 2008, p. 231-232).

ao mesmo tempo que há o incômodo de não ser reconhecida facilmente, observei que também existe um desconforto quando alguém declara que elas parecem ser lésbicas, e um certo “alívio” em não parecer.

Desse modo, é justamente a quebra da norma, o desvio na inteligibilidade que liga mulher e feminino, que faz com esses corpos sejam “lidos” de outro modo. “As produções se desviam de seus propósitos originais e mobilizam inadvertidamente possibilidades de ‘sujeitos’ que não apenas ultrapassam os limites da inteligibilidade cultural como efetivamente expandem as fronteiras do que é de fato culturalmente inteligível” (BUTLER, 2010a, p.54).

Já a utilização da feminilidade como estratégia para escapar de um lugar estigmatizante faz sentido, principalmente, se for dada a devida atenção a certos discursos proferidos por mães⁹⁸ às suas filhas, como: “*pelo menos você não é daquelas sapatões que parecem homens*” ou, no caso específico de Lana (25 anos), no qual sua mãe perguntou a ela: “*mas você não vai virar um homem nem quer virar um homem não, né?*”. Pensar sobre essas estratégias remete ao que Neves Junior reflete sobre o armário. Para ele:

O armário pode ser um excelente local para “falsear” as identidades ou “correr” do risco de ser violentado pela homofobia. É por isso que quanto mais um indivíduo for pintoso, mais sujeito e vulnerável a atos homofóbicos ele está, ao passo que, inversamente proporcional, quanto menos pintoso e mais heteronormativo o sujeito é menos estigmatizado e hostilizado (NEVES JUNIOR, 2012, p. 89).

Supõe-se, assim, que, entre mostrar e ocultar a orientação sexual se desenvolveu um modo de produzir e reproduzir o armário e o gaydar. Nessa economia o ocultamento serve principalmente à manutenção do status e da estabilidade/segurança dentro da família, no emprego e até de alguns laços de amizade que estejam/sejam *fora do meio*. Por outro lado, o mostrar-se como lésbica, ou como mulher que gosta de mulheres, tem como objetivo a conquista do olhar da outra sobre si, para que esta a perceba como erótica e amorosamente possível. Os efeitos desse tipo de visibilidade não se encerram nas conquistas e paqueras. Ser visível implica na existência de um público, de uma demanda. Demanda de espaços de sociabilidade, demandas políticas, demandas de direitos e de representatividade.

Entretanto, o medo de sofrer algum tipo de violência ainda existe e condiciona boa parte dos armários. Notícias de espancamentos e homicídios não são raras nos

⁹⁸ Pais e outros parentes também podem desempenhar esse papel. Entretanto, os relatos ouvidos sobre situações semelhantes, apontavam as mães como as mais importantes ou as únicas a proferirem esse tipo de discurso.

jornais, e, após mais um caso de agressão na região que cerca a Avenida Paulista em São Paulo, o jornal Folha de S. Paulo chegou a publicar um “manual” para que homossexuais se protegessem das mesmas, disfarçando a orientação sexual, ou seja, voltando/permanecendo no armário quando em público:

As táticas adotadas pelos frequentadores da rua Frei Caneca para evitar agressões:
 Andar sempre em grupos: ter amigos por perto pode intimidar agressores
 Evitar lugares abertos: ir a locais fechados sempre que possível para aumentar segurança
 Não dar “pinta”: alguns trejeitos podem atrair a atenção de criminosos
 Evitar andar de mãos dadas e beijar em locais públicos (FOLHA DE S. PAULO, fevereiro de 2014).

Pode-se inferir, dessa forma, que as vítimas mais comuns de agressões e insultos são as que, como mencionou Neves Júnior (2012), mais se distanciam das normas. Não à toa, são os modelos lésbicos que mais se adequam às heteronormatividades – ou seja, que mantêm as relações de coerência e continuidade, pelo menos, entre sexo e gênero (BUTLER, 2010a) –, que, aos poucos, vem ganhando inteligibilidade. E, nesse processo crescente de inteligibilidade, talvez as telenovelas sejam uma das principais (re)produtoras desses modelos “corretos” de vivenciar a homossexualidade.

Borges (2008), em tese que analisa o casal lésbico da novela *Senhora do Destino* (transmitida pela TV Globo entre junho de 2004 e março de 2005), afirma que as novelas no Brasil têm um lugar privilegiado. Pelo fácil acesso e por transmitirem tanto entretenimento, quanto informação, as novelas “participam da produção, manutenção e veiculação de determinados repertórios e, de forma recorrente, entram na pauta de discussão nas conversas do cotidiano das pessoas” (BORGES, 2008, p. 76).

Recentemente, a novela “*Em Família*” (transmitida pela TV Globo durante o ano de 2014), colocou novamente em discussão a relação entre duas mulheres e como esta poderia se conectar à família e às noções de parentesco. Apesar desse debate posto, o importante deste casal, para este trabalho e a partir da afirmação do papel das novelas, é que ambas as personagens, Clara e Marina (figura 10), tinham uma performatividade de gênero coerente, e se enquadraram no modelo heteronormativo de família ao fim da novela: casaram-se. Quanto aos “modelos públicos de homossexualidade”:

[por um lado] há um processo de assimilação da categoria lésbica, provocando o efeito de maior “familiarização” com o assunto na sociedade, bem como de circulação de códigos/modelos que propiciam a legitimação de relações entre pessoas do mesmo sexo. Por outro, a forma como ocorrem os processos de legitimação/aceitação não propicia a desestabilização das normas e dos modelos hegemônicos. [...] Ao incluir o tema da lesbianidade, a novela expõe o que Butler (2003) denomina de “o dilema por reconhecimento público”. Por um lado, viver sem as normas do reconhecimento público pode gerar sofrimento psíquico e limitações de toda ordem; por outro, se as normas de reconhecimento não forem desafiadas criticamente, a demanda por reconhecimento pode resultar em processos de hierarquia social, fortalecendo o poder de normalização do Estado (BORGES, 2008, p. 139).

Novamente, se tomarmos toda a conjuntura supracitada, há um jogo entre reprodução/conformação e expansão/resistência. Com a presença de tipos lésbicos higienizados na televisão, por exemplo, percebe-se que estes tipos de sujeitos estão sendo reabsorvidos e ressignificados dentro da matriz heterossexual.



Figura 10 – O casal Marina e Clara da novela das 21h “Em Família”, que foi transmitida durante o ano de 2014.

Os modelos que vem preenchendo “o papel de lésbica” na televisão, não estão restritos a esse meio de comunicação. Em tumblrs, blogs, sites e no Facebook, as fotos dos casais são geralmente formados por meninas brancas, aparentemente de classe média e femininas, havendo pouca variação na performance de gênero entre elas. As imagens com casais formados por uma mulher masculina e outra feminina são mais raros, mas existem, principalmente entre as mais velhas; e imagens de casais formados por duas mulheres

masculinas não foram observadas nessa pesquisa, bem como não o foram na investigação de Lacombe (2010) no Rio de Janeiro.

A disseminação do modelo feminina/feminina, considerando as questões relativas ao armário, desestabiliza a presunção da heterossexualidade para as mulheres com esse tipo de performatividade, pois a possibilidade de ser homossexual, aos poucos, não é mais relacionada exclusivamente às incoerências de gênero. Além disso, a permissividade do toque, do abraço, do contato físico, que facilitou e ainda facilita muitos encontros amorosos entre mulheres, também estão sendo modificados. Em conversa com Elen (39 anos), ela me contou que na escola de sua filha, um colégio religioso e tradicional do Rio de Janeiro, passou a vigorar uma regra que proíbe que as meninas sentem umas nos colos das outras, andem de mãos dadas ou se abracem quando estiverem dentro do domínio da escola.

A diminuição da invisibilidade das relações amorosas disfarçadas de amizades entre mulheres, diante desse contexto, faz com que qualquer relação esteja potencialmente sob suspeita. Ademais, a partir do trabalho de Miskolci (2013; s/d), pode-se inferir, ainda, que a dissimulação da orientação sexual não era ou é particular de lésbicas. A manipulação do armário por meio da performatividade de gênero também está presente entre os gays, pois, através de performatividades super masculinizadas, alguns homens gays tentam se distanciar da possibilidade de estigma, e mantem os status de homem e de heterossexual.

A relação armário-gaydar é atravessada, portanto, por uma constante autovigilância, e por jogos de poder que trazem resquícios do poder disciplinar (FOUCAULT, 2010, 2010a, 2008) dentro de sua estrutura, expressando a continuidade e a atualização da biopolítica. Assim, a autovigilância é inerente à disciplina do corpo, pautada na coerência da sexualidade e do gênero, que não se restringe às não assumidas. Concordando com Neves Junior (2012, p. 90), o armário apareceu e permaneceu graças às sexualidades e práticas sexuais que “ainda são objetadas, vigiadas e impedidas pelas instâncias discursivas e, obviamente, pelo uso do biopoder, que diz ‘como’ e ‘quando’ a sexualidade pode ser performada”.

Considerando o material de campo levantado nesta pesquisa é possível tentar responder parcialmente algumas perguntas postas nesse capítulo, isto é, o que a relação armário-gaydar revela e/ou oculta. Consegue-se inferir que o par armário-gaydar pode revelar a necessidade de classificar a si e aos outros, na procura de símbolos que possam emitir sinais

a serem interpretados e que funcionem, de fato, como um radar. O gaydar seria um decodificador de símbolos paulatinamente construídos, e, como afirma Leach (1992, p. 33), “se for usada repetidamente, qualquer associação arbitrária acaba por se tornar intrínseca”. Enquanto o armário tem como função esconder, o radar gay tem como objetivo detectar.

De toda sorte, retomando a citação do MIX Brasil de que há vida para além das obviedades, insisto, mais uma vez, em dizer que todo esse panorama é contingencial e contextual. As características associadas às feminilidades e masculinidades possuem um tráfego intenso que podem mudar constantemente sem definir uma forma fixa de se comportar ou se vestir. Podem variar de acordo com o tempo, os espaços onde pode ou não *dar pinta*, onde a pessoa é ou não assumida, as intenções etc. E, em última instância, o funcionamento do gaydar, de acordo com minhas entrevistadas, diz respeito principalmente ao plano subjetivo.

Além disso, a relação armário-gaydar desvela o quão naturalizados são os processos de construção de sexo, gênero, corpos e desejos, por exemplo: a presunção heterossexual capaz de esconder relacionamentos; o binarismo tanto do gênero quanto do sexo, dentre outros. Por outro lado, ao mesmo tempo, armário e gaydar ocultam exatamente o processo pelo qual essa matriz é naturalizada, obscurecendo/apagando também e, talvez principalmente, uma série de outros sentimentos e desejos que existem nas experiências invisibilizadas do cotidiano. Assim, “aquilo que o gaydar toma como elementos detectáveis de homossexualidade apenas fossiliza ou congela uma representação de gênero e pressupõe que todas as pessoas do gênero feminino, por exemplo, possuem a mesma admiração por tais elementos” (NEVES JUNIOR, 2012, p. 148).

Para não retornarem a um tempo de invisibilidade, é que surge a atitude de “assumir” uma sexualidade confinada ao silêncio. Entre as leituras e a visualização dos materiais consultados na internet, assumir-se lésbica ou bissexual é colocado por muitas como uma decisão pessoal, porém sem deixar de lado sua importância para uma maior visibilidade política. Como Jéssica do Canal das Bee costuma dizer nos vídeos que tratam do tema: “*se assumir é importante, mas no seu tempo, e cada um tem o seu*”. Já minhas entrevistadas, pensam o “assumir” como uma vontade particular, uma necessidade libertadora de não mais se esconder, como um alívio, e não como uma atitude política. Na verdade, a maioria não relacionou a saída do armário com possíveis implicações políticas.

A relação entre armário e gaydar movimenta, portanto, a tensão do “assumir-se” tanto para si – quando se começa a tomar consciência dos próprios desejos; quanto para os outros – quando “se revela”. A ideia de assumir uma orientação sexual parece estar intrinsecamente ligada à ideia de identidade, e concepções como ser ou estar homossexual influenciam a vivência do armário, do gaydar e, conseqüentemente, afetam o movimento lésbico. De acordo com Heilborn, a assunção ou não de uma identidade homossexual suscita:

[...] uma viva discussão em parte dos atores engajados com o movimento de afirmação homossexual. A afirmativa de que a declaração explícita da orientação homoerótica não é considerada necessária, e sobretudo, é entendida como limitadora das potencialidades dos indivíduos desperta suspeitas com frequência atribuídas ao medo do estigma, à covardia diante das convenções sociais, a uma estratégia calculista de anonimato, ou ainda à falta de solidariedade para com seus “iguais” (HEILBORN, 1996, p. 4).

O que observei, apesar dos pontos levantados por Heilborn, foi uma exacerbação (crescente) do valor da experiência individual, dos contextos únicos e peculiares de cada mulher em detrimento de questões políticas. Aliás, a questão política parece não despertar tanto interesse, conclusão que se chega, principalmente, ao analisar os tipos de postagem dos sites e no Facebook e quais suscitavam maior interesse por meio da quantidade de visualizações, curtidas, comentários e compartilhamentos. Vale lembrar que os ambientes pesquisados no Facebook, o site e o bate-papo, são voltados à sociabilidade e não ao ativismo. O único que carrega o ativismo como bandeira é o Canal das Bee, mas também sob o viés da experiência pessoal.

Retomando o armário, este não é igual para todas. Para as entrevistadas ele variou de acordo com a família, cidade, meio profissional, e, consideravelmente, no uso que estas fizeram da internet. A internet bagunça a hierarquia dos discursos, da relação público e privado. Qualquer um pode escrever e todos são “levados” a acreditar que aquilo que se leu é “verdade”, o privado se confunde com o público, “todos” podem ser visualizados, a vida pessoal ganha audiência tanto em blogs/sites/vlogs, quanto nas redes sociais.

Segundo Miskolci (s/d), as redes construídas nas mídias digitais são baseadas na seletividade e possuem uma extrema segmentação por causa das possibilidades de bloquear, excluir, ou impedir temporariamente ou não que determinado usuário ou grupo de usuários receba e veja as informações postadas. Essa versão de um “eu público” nas redes sociais, cujas ferramentas de privacidade são facilmente ajustáveis, demonstram que o

armário vem ganhando contornos e porosidades, com várias possibilidades de entrada e saída, de exposição e recolhimento.

Com base nos dados coletados na internet, ele parece não ser mais sinônimo de isolamento e/ou solidão amorosa, pois muitas experiências e redes de amigas podem ser iniciadas com a proteção do anonimato que existe *online*, sem a necessidade de uma exposição para o resto da rede de contatos, nem para pessoas mais próximas como os parentes.

Como dito no capítulo anterior, Alonge (2007), Miskolci (2011; 2013; s/d) pensam a internet justamente sob o ponto de vista da proteção, de permitir viver o segredo e de auxiliar na identificação e/ou formação de redes de sociabilidade. É nesse e a partir desse campo híbrido e não antagonico entre *on* e *off*, que armário e gaydar se reconfiguram e se transformam.

Nessas transformações, auxiliadas pela produção de subjetividades das redes digitais (MISKOLCI, s/d), destacaram-se a incorporação paulatina de um “tipo higienizado de ser homossexual”; e a sensação de uma maior tolerância e liberdade por parte das mulheres mais jovens.

O tipo higienizado refere-se aos modelos de casais lésbicos presentes nas novelas, mas que ganharam uma dimensão amplificada com a internet. Além da convergência desses conteúdos no meio digital, a experiência das redes sociais *online* é baseada na exploração da imagem que tem por base o padrão estético hegemônico – tão importante quanto saber se “a pessoa é”, é saber “como ela é”. Dessa forma, o modelo higienizado pode ser compreendido tanto quanto à manutenção da coerência sexo-gênero – expressa em fotos ou vídeos nos quais mulheres se mostram como femininas; quanto aos tipos de conjugalidade, pois, de acordo com Miskolci:

[...] enquanto no armário clássico a fronteira entre a hetero e a homossexualidade era a linha divisória entre o público e o privado, da normalidade e do desvio, no regime de visibilidade contemporâneo essa fronteira se expandiu abarcando as homossexualidades normalizadas e pressionando a linha vermelha da abjeção contra as sexualidades não-normativas, não-higienizadas, as que não visam a monogamia e a reprodução (MISKOLCI, s/d, p. 15).

Já no tocante a uma maior tolerância e liberdade experimentadas pelas entrevistadas com menos de 25 anos, estas referem a sensação de que, atualmente, é mais fácil

sair do armário, ou ter relações amorosas estando nele; ou ainda de que é possível viver os relacionamentos em público, com demonstrações de afeto, por exemplo. Vale lembrar que esta sensação contrasta, ainda, com as notícias de violência contra LGBT's.

Fica claro que as contradições presentes no campo refletem diferentes construções de subjetividade. Igualmente, fica claro que tanto a liberdade – derivada de uma maior tolerância aparente –, quanto a coerção por meio da violência podem habitar os mesmos espaços, dependendo das conjunturas. A própria região da av. Paulista é um exemplo dessa coabitação. Suas redondezas que abrigaram e abrigam tantos lugares LGBT's ou *friendly*, palco da Parada Gay da capital paulista, é também o local frequente de agressões.

A partir disso, suponho que a sensação de maior liberdade tem relação não necessariamente com a existência concreta de uma maior tolerância. A multiplicação de possibilidades para encontros *offline* e *online*, principalmente com a popularização da internet no início da década 2000, e, agora, com os smartphones e seus aplicativos, certamente influenciam essa questão. Acrescido a isso, o aumento da visibilidade também pode corroborar para que outras pessoas tenham coragem de se assumir.

Se, de acordo com Alves (2010), os espaços de sociabilidade (bares e boates) para mulheres sempre foram mais restritos do que os espaços para os homens, a internet diminuiu um pouco essas discrepâncias. Se não igualando, pelo menos aumentando as possibilidades de conhecer pessoas, e fazendo com que estes contatos aconteçam entre pessoas que estão geograficamente muito distantes, que têm origens sociais muito distintas, experiências e opiniões muito divergentes – principalmente no caso dos bate-papos. Cabe destacar que tal fenômeno de relacionamentos pela internet não é exclusivo do universo homoafetivo.

A internet aumenta não só o número de conhecidas, mas também o de potenciais parceiras. Os homens gays pesquisados por Miskolci (s/d; 2009; 2013) utilizam a internet com intuito de que os laços estabelecidos sejam mais fracos, mais fáceis de serem rompidos, e que as informações sejam manipuladas com maior facilidade. Ao contrário, minhas interlocutoras (quase todas já tiveram relacionamentos à distância que se iniciaram pela internet) procuravam exatamente o oposto; isto é, geralmente procuram relacionamentos sérios, que podem começar com uma amizade e “*ver o que rola depois*”.

A internet também interfere na questão do “assumir”. Os pais/família ainda têm importância fundamental, mas a internet – como possibilidade de intercomunicação direta e (re)produção e difusão de conteúdos –, e as representações na T.V, têm suavizado em alguns casos esse processo. Jéssica em um programa do Canal das Bee, por exemplo, fala que ter visto a Angélica Morango, participante do BBB (Big Brother Brasil, um reality show) no ano de 2010, ajudou a que ela se assumisse para mãe. Além disso, como comentado no capítulo anterior, ao formarem redes de contato/amizade, o processo de assumir para a família não é um percurso solitário.

Se as formas de sociabilidade, as construções de subjetividades e o armário passaram por alterações, o gaydar também passou. A disseminação de várias possibilidades performáticas de ser lésbica e, conseqüentemente, o alargamento do imaginário que constrói a imagem da lésbica são, talvez, as principais causas das mudanças do gaydar. Por sua vez, os mecanismos de compartilhamento, relacionamento, downloads e outras ferramentas características da internet, fazem suspeitar que esta seja a principal agente por trás das transformações supracitadas. Além disso, a publicização de si em perfis, muitas vezes completamente públicos, promovem e possibilitam o uso do gaydar *online*. Num dos posts do site Sapatômica, intitulado “20 detalhes para identificar uma lésbica” (SAPATÔMICA, 7 de março de 2013), é comentado sobre a vida virtual e como esta pode “auxiliar” na identificação de meninas bi ou lésbicas por meio da análise do perfil nas redes sociais e de quais redes sociais possuem.

O advento dos smartphones e a conectividade associada à mobilidade, está reestruturando até a forma como as pessoas circulam nos espaços das cidades, como comentado no segundo capítulo. Embora o uso de aplicativos de caça não tenha sido alvo dessa pesquisa, é possível fazer uma reflexão sobre os mesmos a partir do uso que três entrevistadas fizeram desses. Duas utilizaram o Brenda, e uma usava o Tinder.

Dos aplicativos para celular, apenas o Brenda é destinado exclusivamente para mulheres lésbicas, bissexuais ou curiosas. Esses aplicativos auxiliam na busca de parceiras/os do mesmo sexo, proporcionando uma sensação de certeza acerca do interesse sexual do outro. Nesses aplicativos, o armário torna-se ainda mais poroso, visto que qualquer uma pode ter acesso à imagem de outras pessoas com um perfil potencialmente de interesse para relações homoeróticas ou o estabelecimento de parcerias amorosas. E, semelhantemente

às baladas e salas de bate-papo LGBT's, a presunção é de que as presentes no aplicativo sejam lésbicas, bissexuais ou curiosas.

Em virtude disso, o gaydar deixa de ter sua principal utilidade, pois o próprio aplicativo se encarrega de detectar outras mulheres com interesses sexuais semelhantes. Se a identidade lésbica entre ser ou estar lésbica gerou discussões de acordo com Heilborn (1996), com os aplicativos de caça a questão parece não se conectar nem ao estar, tampouco ao ser. Parece se tratar mais de interesse erótico, da experimentação dos prazeres ou da curiosidade, ou seja, da fluidez do desejo livre de categorias, sem que este passe pelo armário ou por uma experiência definidora de se assumir uma coisa ou outra.

De acordo com minhas interlocutoras, os aplicativos disponíveis para lésbicas “*não são como os dos gays*”, pois eles além de serem mais numerosos, possuem um contingente de usuários consideravelmente maior. Elas atribuem essa maior assiduidade dos gays aos aplicativos a uma certa disposição dos homens para o “sexo sem compromisso” ou o “sexo casual”, enquanto elas buscam primeiro a conversa, e, mesmo que haja sexo, a intenção delas é que eventualmente esse contato/encontro termine num relacionamento.

Embora as informantes observem diferenças entre elas e os gays em relação ao uso desses aplicativos, creio que se assemelham a eles no uso do mesmo como uma gestão do segredo e como “substituto” digital do radar gay. E, mais especificamente no que Miskolci (2014) compreendeu como sendo uma desigualdade na distribuição dos afetos, do amor e do sexo, que remete, novamente, como ele constatou, a um processo de higienização. Essa higienização, que compreendo, também, como um *continuum* do cotidiano que chega até essas mídias, diz respeito exatamente a mulheres passíveis de serem desejadas – como já comentado (página 146 à 152), estas seriam as mulheres glamourizadas em novelas e seriados.

Enfim, numa nova economia do armário, o gaydar continua existindo como uma “ferramenta” importante para as mulheres que acabaram de se descobrir, pela ansiedade de reconhecerem suas “iguais”, ou ainda, pelo pânico de serem reconhecidas. O aumento das relações mediadas por redes digitais diminuiu muito a sensação de isolamento e solidão de outrora e facilitou o encontro de amigas/namoradas e a manipulação do armário.

Se por um lado a relação *online e offline*, ao explorar de forma reiterativa a imagem do corpo, reforça alguns paradigmas da biopolítica; por outro lado expande as possibilidades e cria novas formas de construção das subjetividades. E é nos processos de subjetivação que se encontram tanto a conformação à norma, como também as linhas de fuga.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando comecei a desenhar essa pesquisa, como dito na introdução, tinha outros objetivos porque tinha como foco um outro objeto. Semelhantemente, o desenvolvimento do trabalho também foi modificado visando uma melhor adequação ao campo. É claro que se inicia uma pesquisa tendo algumas diretrizes para orientar o caminho, mas é inegável o fato de que os acontecimentos interferem nessa viagem.

À medida que as leituras de estudos e reflexões teóricas sobre este campo foram sendo desenvolvidas, muitas perspectivas abriram-se: novas abordagens, novos conceitos, novas formas de analisar criticamente aquilo que viria a ser o corpo do trabalho, isto é, a construção de subjetividades a partir do armário e do gaydar.

Se as leituras fizeram surgir outras possibilidades teóricas, a experiência em campo abriu o universo da riqueza de variações e alternativas potenciais, ao ponto que, creio eu, seria impossível tecer qualquer tipo de afirmação definitiva e/ou ontológica. Portanto, é preciso deixar claro que, na concepção edificada nesse estudo, a fluidez é um imperativo da sexualidade, conseqüentemente, as pesquisas que a têm como eixo também sofrem alterações.

Como visto no primeiro capítulo, as homossexualidades foram forjadas no ocidente de modo a condenar e a excluir socialmente homossexuais, a partir de discursos que foram amplamente disseminados e que ainda estão presentes nos dias de hoje, misturando velhas e novas estruturas. Esses discursos, originados entre a moral religiosa e o saber científico, é que constroem o contexto descrito sobretudo no primeiro capítulo. E é este contexto que povoa o imaginário da maioria das outras vozes presentes aqui, e que fundamenta e justifica, para elas, a existência e, muitas vezes a necessidade, do armário e, conseqüentemente, a existência do gaydar.

Após contextualizar a produção das homossexualidades e suas implicâncias para o surgimento e manutenção do armário e do gaydar, no segundo capítulo, apresentei o campo no qual desenvolvi a pesquisa. Procurei pensar as plataformas digitais tanto como meios de pesquisa, quanto relacioná-las, dentro do possível, com os usos que minhas interlocutoras faziam das mesmas, observando a importância da internet para a construção dos laços afetivos e das subjetividades conectadas às experiências e (re)produção do armário e do gaydar.

Com relação ao propósito inicial de acompanhar uma rede de mulheres que se auto-identificassem como lésbicas numa cidade de médio ou grande porte, o armário foi um dos motivos para a dificuldade de seguir com a ideia, por dois motivos principais: por um lado, houve dificuldade para conseguir fazer uma inserção em tais redes. Por outro lado, o fato de que quando as famílias não sabiam da orientação sexual das filhas, isso limitava as amizades delas, separando e selecionando suas relações de amizade entre mulheres heterossexuais, e lésbicas ou bissexuais discretas. Assim também, restringiam-se os ambientes frequentados, chegando mesmo a existir situações nas quais a vida homoafetiva por muito tempo havia se reduzido à internet.

O principal problema de circunscrever a pesquisa à internet é que não foi possível a observação do fluxo *online-offline*, o qual seria importante para observar ambas as dinâmicas e ter uma melhor compreensão da relação armário-gaydar. Cheguei a conhecer algumas interlocutoras cujo primeiro contato ocorreu na internet, todavia, o momento em que pude acompanhá-las aconteceu já no fim dessa pesquisa, sendo esse tempo insuficiente para tecer as devidas considerações.

Por outro lado, a dedicação aos usos e interações ocorridas em meio digital, possibilitou um maior aprofundamento do objeto da pesquisa, principalmente por ser a internet um meio através do qual muitas mulheres buscam e dão início as suas primeiras relações amorosas com outras mulheres. Por essa razão, foi possível observar medos, sentimentos de isolamento e de exclusão, muitas dúvidas sobre “o que se é”, que, talvez, não sejam tão acessíveis posteriormente.

Sendo a internet o meio considerado por várias das informantes como o mais seguro para o autoconhecimento e para os primeiros passos para a construção de laços de amizade e amorosos com outras mulheres, é possível inferir que a internet parece fomentar uma efervescência semelhante à vivida nas cidades grandes até o início da década de 1980, quando a sensação de uma maior liberdade, tolerância e permissividade faziam parte da concepção que se tinha sobre suas possibilidades (FRY; MACRAE, 1985; GUIMARÃES, 2004). A proteção do anonimato da cidade grande, encontra seu correlato na internet.

Entretanto, até que ponto a internet, justamente pelos motivos citados nos capítulos anteriores quanto à privacidade, não está justamente criando um “mundo à parte”? Se boa parte das relações das minhas entrevistadas se iniciaram e se mantêm pelo uso de redes

que utilizam a internet como forma de conexão, em que medida isso influenciaria a visibilidade nos espaços da cidade a longo prazo?

No terceiro capítulo tentei expor o percurso da construção do armário e do gaydar. Procurei retomar o contexto apresentado na primeira parte dessa dissertação e conectá-la enquanto circunstância que orienta o encadeamento da produção do armário e do gaydar, muitas vezes apresentados como uma necessidade, ou uma “*questão de sobrevivência*”.

Talvez seja uma lacuna presente nessa pesquisa não ter analisado detidamente como a produção do armário poderia ser concebida sob o viés da violência, pois a necessidade do armário pode ser, em parte, explorada pela leitura que Toneli e Becker (2008) fazem das concepções de Butler (2006; 2007) sobre violência e norma. Toneli e Becker (2008) refletem sobre a violência que ocorre dentro do processo de formação da subjetividade, isto é, pensam a violência normativa como um instrumento que faz com que o sujeito se submeta às violências do dia a dia, e que estas sejam invisíveis, por meio de um poder essencialmente normalizador. Isso poderá ser melhor desenvolvido futuramente, por exemplo, ao refletir sobre a questão da privacidade, das demonstrações públicas de afeto, questionando, inclusive o papel da publicização do universo gay: que tipo de publicização é essa? Seria apenas uma visibilidade dada via mercado, mas que não supera o “pânico moral”? Talvez não por acaso apareçam de modo cada vez mais evidente os tipos “higienizados”, ou seja, aqueles que se distanciam das “bichas” e das “sapas caminhoneiras”.

A partir dessa normalização é que o armário, em todas as vertentes desenvolvidas no capítulo anterior, ganha contornos que vão da ideia do armário como estratégia de segurança, que visa preservar a integridade física e psicológica, ao armário como forma de “respeitar” o espaço público e um modo de “não agressão” aos outros por meio da privação de demonstrações públicas de afeto; ou, ainda, o armário como um empecilho para visibilidade do movimento lésbico.

Sedgwick (2007) afirma que uma radical incerteza habita a vivência dos gays que estão no armário em relação àqueles que têm (ou podem ter) informações sobre sua identidade sexual. Mas, o armário não diz respeito apenas a manter a homossexualidade em segredo e esconde-la sob sete chaves, nem que “descobrir” a sexualidade do outro é apenas apontar que determinada pessoa é lésbica ou gay. Ambos os processos reafirmam a própria

sexualidade, seja por oposição (não sou homossexual), seja por identificação (sou homossexual). Igualmente, o ato de assumir equivaleria “a incorporar uma diferença reconfortante e segura para a heterossexualidade. Primeiro porque a reafirma como excluindo de si ambiguidades, mas, principalmente porque reforça sua gramática moral, seu regime de verdade” (MISKOLCI, s/d, p. 14). Desse modo, o questionamento, a assunção e/ou a “acusação”, não apenas revela um “corpo homossexual”, mas o constitui, significa-o.

Foucault (2009, p.8) se pergunta o que haveria “de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente”. O perigo é que esses discursos constroem e edificam um “nós” e um “outro”, restringindo, controlando e reprimindo o leque de possibilidades que se tem, por mais que Butler (2010; 2010a) reconheça uma margem para agencia e alguns lampejos de criatividade. Vale dizer, porém, que até mesmo a “novidade”, ainda segundo a autora, já está inserida em potência dentro da própria matriz, apenas “esperando” para se tornar “real”, isto é, visível. E tornar visível quebra o silêncio, desafia noções prevalecentes e abre novas possibilidades para todos (SCOTT, 1998).

É claro que se poderia compor esta investigação com outros tipos de análises, como por exemplo, abordar melhor a influência da mídia sobre as homossexualidades, o armário e o gaydar; poderia também aprofundar a relação entre mercado, mídia e estilo enquanto “formadores” de identidade; pensar o corpo além da sua construção discursiva, o que implicaria em meditar sobre as mudanças biotecnológicas e biomédicas pelas quais a experiência corpórea vem sendo transformada, aproveitando e adequando as férteis discussões de Beatriz Preciado e Donna Haraway. Enfim, muitos caminhos seriam possíveis, mas diante de um primeiro encontro com um espaço já conhecido, mas nunca pensado/explorado como campo de pesquisa, creio que abordar os significados do armário e do gaydar para essas pessoas, bem como suas relações, foi prudente e necessário antes de aprofundar outras questões.

De qualquer modo, é importante mencionar que o campo apontou para uma discussão que começa a penetrar timidamente as conversas sobre os pares amorosos. É o caso do aumento da visibilidade de transexuais e o conhecimento cada vez mais frequente de pessoas trans que assumem uma orientação sexual homo ou bi. Desse contexto que vem se delineando, surge uma gama de comentários, perguntas, dúvidas e preconceitos como: “*por que a pessoa inventa de mudar de sexo se é pra virar lésbica?*”; “*a pessoa ainda seria lésbica*”

se ficasse com uma mulher trans?”; ou ainda “*pra mim uma mulher trans não é mulher de verdade, logo não pode ser lésbica de verdade*” (notas de campo). O caso das mulheres trans que se identificam como homo ou bissexual, causam uma nova perturbação da categoria homossexual e aparecem (ou reaparecem), os preconceitos travestidos ou não de alguma novidade.

Em diferentes oportunidades, li e ouvi que o importante da pesquisa é o que ela “descontrói” e, principalmente, as perguntas que ela deixa e não as respostas que fornece. Assim sendo, muitas questões surgiram no trajeto dessa investigação, quais sejam: por que as saídas do armário são tão espetacularizadas? Por que o interesse em adivinhar e o espanto quando se descobre a homossexualidade de alguém? Por que, como aponta Neves Junior (2012, p. 155), a homossexualidade mesmo sendo uma “sexualidade que não deveria ter na sociedade e que é interdita”, é, de modo geral, uma sexualidade que “todos querem saber e conhecer”? Se o gênero, o sexo e os mecanismos da sexualidade são construídos e frutos de uma (re)produção discursiva repleta de jogos de poder, não seria também o próprio desejo construído? A indissociabilidade naturalizada entre desejo e prática sexual, não seria também artificial? Não apenas no sentido de dizer o que seria ou não passível de ser desejado, mas a própria ideia de desejo vem sendo contestada por pessoas que se dizem assexuadas. Ou ainda, se a vida não é mais compreendida como mero acontecimento biológico, mas como um território que precisa ser habitável (e habitável em seus diferentes níveis de necessidades básicas é o que está em questão), caberia mais uma pergunta: até que ponto a vida no armário seria uma vida habitável?

Prosseguindo, se o armário evidencia uma situação de opressão, por outro lado o gaydar tem seus mecanismos obscurecidos e, assim como o discurso, disfarça-se para aparecer apenas como um mero ato da fala, de nomeação e/ou de performatividade. O gaydar, com toda a sua leveza fictícia e seu aspecto jocoso, serve para mascarar processos biopolíticos que se instauram sorrateiramente, através da necessidade/imposição de classificações tomando o corpo sexuado como elemento a partir do qual partiriam as outras formas de tornar um ser inteligível. Dizer o que um corpo é, é evitar que execute ou possa executar todas as suas potencialidades, enquadrando-o numa norma.

A limitação dessas possibilidades, para aqueles em que a identidade é interpretada e sentida sob o enfoque da essência, reflete-se no peso atribuído ao armário, que nesse caso, parece ser maior do que para aquelas em que o desejo é considerado fluido e livre

do enquadramento em “identidades”, não se relacionando com o que elas “são”. Desse modo, a criação de categorias como “homossexuais” e “heterossexuais”, além de limitar, combatem, também, “uma outra possível maneira de compreender a sexualidade humana como simplesmente sexualidade. [...] quando é possível vislumbrar uma situação em que pessoas não precisariam ser uma coisa ou outra” (FRY; MACRAE, 1985, p. 78 e 79).

O gaydar tanto reforça implicitamente a matriz heterossexual, fixando o gênero ao sexo – ou seja, ele pressupõe que homem está para o masculino, assim com a mulher estaria para o feminino; como, também, dá significado a transgressão dessa coerência – isto é, pressupõe que uma mulher masculinizada seria invariavelmente lésbica. Afinal, de acordo com minhas interlocutoras, é a mulher masculinizada que “*tá na cara que é sapatão*”, do mesmo modo que “*as femininas são mais difíceis de reconhecer*”.

Se o gaydar é um reforço implícito da matriz heterossexual, este não deixa de ressaltar também a ambiguidade da mesma, pois, mulheres femininas podem nutrir desejos homoeróticos, e não necessariamente uma mulher com trejeitos masculinos gostará de mulher. Manifesta-se a ambiguidade, e, conseqüentemente, a ficção dessa matriz, também, no que diz respeito a uma não fixidez, demonstrando o fluxo constante no intercâmbio de estilos, na fluidez da performatividade e do próprio desejo.

Finalmente, é necessário reconhecer, de modo mais explícito, que aportes teóricos foram menos desenvolvidos, não por não serem importantes, mas porque não couberam neste trabalho. Assim, considero profícuo dar continuidade a essa pesquisa, que reputo ser sobretudo exploratória, aprofundando as questões relacionadas ao armário-gaydar e ponderando a junção entre mídia, tecnologia, mercado e política.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, Míriam. Paradoxos da identidade: a política de orientação sexual no século XX. **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba, 2000. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n14/a09n14.pdf>>. Acesso em: maio de 2011.
- ALMEIDA, Gláucia. HEILBORN, Maria Luiza. Não somos mulheres gays: identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras. **Gênero**, Niterói. v. 9, n. 1, p. 225-249, 2º sem., 2008.
- ALMEIDA, Gláucia. A progressiva autonomização do movimento brasileiro de lésbicas no contexto da epidemia de Aids. 31º Encontro Anual da ANPOCS, de 22 a 26 de outubro de 2007, Caxambu, MG.
- ALONGE, Wagner. Cultura Gay e Mídia: Auto-afirmação identitária nos espaços da homocultura midiática. In CARDOSO, Clodoaldo M. (Org.) **Diversidade e igualdade na comunicação** - coletânea de textos do Fórum da Diversidade e Igualdade: cultura, educação e mídia. Bauru: FAAC/Unesp, SESC, SMC, 2007. CD-ROM e on-line in: <<http://www.faac.unesp.br/publicacoes/forum.>>. Acesso em: janeiro de 2014.
- ALVES, Andrea Moraes. Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina. **Horizontes antropológicos**, [online]. v. 16, n. 34, pp. 213-233, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v16n34/10.pdf>> . Acesso em: outubro de 2013.
- AMARAL, Adriana. Autonetnografia e inserção online: O Papel Do “Pesquisador-Insider” Nas Práticas Comunicacionais Das Subculturas Da Web. **Revista Fronteiras** - estudos midiáticos, São Leopoldo Vol. 11 Nº 1 - janeiro/abril 2009. Disponível em: <<http://www.frenteiras.unisinos.br/pdf/62.pdf>>. Acesso em: janeiro de 2014.
- AMARO, Fausto. Uma proposta de classificação para os vlogs. **Revista de Comunicação e Epistemologia**, Universidade Católica de Brasília, Vol. 5, No. 1, 2012. Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/viewArticle/3726>>. Acesso em maio de 2014.
- BESSA, Karla Adriana M. Posições de sujeito, atuações de gênero... **Estudos Feministas**, Florianópolis. v. 6, n.1, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12033/11310>>. Acesso em: julho de 2013.
- BORGES, Lenise Santana. **Repertórios sobre lesbianidade na novela Senhora do Destino: possibilidades de legitimação e de transgressão**. São Paulo: PUCSP, 2008. Tese (doutorado) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010a.
- _____. **Deshacer el género**. Barcelona: Paidós, 2006.
- _____. **El género en disputa**. Barcelona: Paidós, 2007.

_____. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org). **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p.151-172.

DUARTE, André. De Michel Foucault a Giorgio Agamben: a trajetória do conceito de biopolítica. In: Ricardo Timm de Souza; Nythamar Fernandes de Oliveira. (Eds). **Fenomenologia Hoje III - Bioética, biotecnologia, biopolítica**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2008. 63-88. Disponível em: <http://works.bepress.com/andre_duarte/17>. Acesso em março de 2013.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FACCHINI, Regina. **Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo**. Campinas: Unicamp, 2008, 323 p. Tese (doutorado) - Programa de Doutorado em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

FACCHINI, Regina; FRANCA, Isadora Lins and BRAZ, Camilo. Estudos sobre sexualidade, sociabilidade e mercado: olhares antropológicos contemporâneos. **Cadernos Pagu**, n.42, 2014, pp. 99-140. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332014000100099&script=sci_arttext>. Acesso em outubro de 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade - Vol. 1: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

_____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010a.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

_____. Aula de 17 de março de 1976. In: _____. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. pp. 285-315.

FOUCAULT, Michel; SENNETT, Richard. Sexualidade e solidão. IN: **London Review of Books**, 21 May - 3 June, 1981, pp. 04-07. Disponível em: <http://historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Sennett-Foucault-Sexualidade_e_Solidao.pdf>. Acesso em novembro de 2013.

FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e produção de subjetividades na cidade de São Paulo**. Campinas: Unicamp, 2010, 291 p. Tese (doutorado) - Programa de Doutorado em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

_____. Sobre "guetos" e "rótulos": tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. **Cadernos Pagu** [online]. n.28, pp. 227-255, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/11.pdf>>. Acesso em: janeiro de 2012.

FLORINDO, Matusalém Dias de Moura Sobrinho. **Jogos de Yaoi no Orkut e na cidade de Vitória**: uma perspectiva etnográfica multisituada. Londrina: Uel, 2013, 130 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

FOLHA DE SÃO PAULO. Estratégias de segurança. São Paulo, 09 de fevereiro de 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/151441-estrategias-de-seguranca.shtml>>.

FOLHA DE SÃO PAULO. Medo de agressão faz gays andarem em grupo em SP. São Paulo, 09 de fevereiro de 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/151439-medo-de-agressao-faz-gays-andarem-em-grupo-emsp.shtml>>.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2009.

GOMES, Laura Graziela. Fansites ou o “consumo da experiência” na mídia contemporânea. **Horizontes antropológicos**, [online]. vol.13, n.28, pp. 313-344, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v13n28/a13v1328.pdf>>. Acesso em: março de 2014.

GUIMARÃES, Carmen Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

GUIMARAES JR., Mário J. L.. De pés descalços no ciberespaço: tecnologia e cultura no cotidiano de um grupo social on-line. **Horizontes antropológicos**, [online]. vol. 10, n. 21, pp. 123-154, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v10n21/20622.pdf>>. Acesso em: março de 2014.

GOMES, Laura Graziela; LEITÃO, Débora Krischke. Estar e não estar lá, eis a questão: pesquisa etnográfica no Second Life. Revista **Cronos**, Natal, v.12, n. 1, p. 25-40, jan-jun de 2011. Disponível em: <<http://ufrn.emnuvens.com.br/cronos/article/view/3159>>. Acesso em: março de 2014.

HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é par**: gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

_____. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção da identidade social. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina. **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996, p. 136-145. Disponível em: <http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/112_1042_serouestarhomossexual.pdf>. Acesso em setembro de 2014.

JEOLÁS, Leila Sollberger. Pesquisa de campo em comunidades on-line sobre corridas ilegais de rua: velocidade, risco e masculinidade. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 18, p. 127-143, 2009. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/45445/49054>>. Acesso em: junho de 2014.

LACOMBRE, Andrea. “**Pra homem já tô eu**”: masculinidades e socialização lésbica em um bar no centro do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005, 106 p. Dissertação (mestrado) - Programa De Pós-Graduação em Antropologia Social Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

_____. **Ler [se] nas Entrelinhas**. Sociabilidades e subjetividades entendidas, lésbicas e afins. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010. Tese (doutorado) - Programa De Pós-Graduação em Antropologia Social Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

LESSA, Patrícia. O que a história não diz não existiu: a lesbiandade* em suas interfaces com o feminismo e a história das mulheres. **Em Tempo de Histórias**, Brasília, UNB, n.º 7, 2003. Disponível em: <>. Acesso em: janeiro de 2014.

LÉVY, Pierre. **O Que é Virtual?**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

LEWGOY, Bernardo. A invenção da (ciber)cultura: virtualização, aura e práticas etnográfica pós-tradicionais no ciberespaço. **Civitas**, Rio Grande do Sul, v.9, n.2, p. 185-196, 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/4786>>. Acesso em: março de 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, vol.17, n.49, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf>>. Acesso em: agosto de 2011.

MARCUS, George E. Etnografía en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal. *Alteridades*, v.11 n.22, p. 111-127, 2001. Disponível em: <http://sgpwe.izt.uam.mx/files/users/uami/lauv/marcus_Etnografia_sistema_mundo_.pdf>. Acesso em: março de 2014.

MEINERZ, Nádia Elisa. Se essas paredes pudessem falar. **Bagoas**, Rio Grande do Norte, n. 10, 2013. p. 55-72. Disponível em: <<http://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/5375>>. Acesso em: setembro de 2014.

MISKOLCI, Richard. O armário ampliado - notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. **Gênero**, Niterói, v.9. n.º 2, 2009. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/cis/wp-content/uploads/OArmarioAmpliadoRichardMiskolci.pdf>>. Acesso em: agosto de 2011.

_____. **A Gramática do Armário**: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. s/d. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/cis/wp-content/uploads/AGramaticadoArmario-RichardMiskolci.pdf>>. Acesso em: fevereiro de 2014.

_____. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. **Cronos**: Revista de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFRN, Natal, v. 12, n.2, p. 09-22, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/cis/wp-content/uploads/Novas-Conexões-Richard-Miskolci.pdf>>. Acesso em: setembro de 2013.

_____. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, janeiro-abril/2013.

_____. Diálogos: desejo e mídia. TV Unesp, Bauru, 2013a. Entrevista concedida ao programa Diálogos da TV Unesp de Bauru. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RgBYhARnhJY>>. Acesso em: abril de 2014.

_____. Intersecção de Diferenças nas Mídias Contemporâneas. Palestra proferida no seminário Repensando Gênero e Feminismos Seminário Internacional 20 anos do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu 9 a 11 de Setembro de 2014. Disponível em: http://cameraweb.ccuec.unicamp.br/watch_video.php?v=6U8K65M6W8DR#sthash.JFyxkQXH.dpuf. Acesso em: setembro de 2014.

NEVES JÚNIOR, Mário Martins. **A performatividade do gaydar no livro Cuidado! Seu príncipe pode ser uma cinderela. Guia prático para identificar um gay no armário.** Goiás: UFG, 2012. 183 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2012.

NUSSBAUMER, Gisele Marchiori. Identidade e sociabilidade em comunidades virtuais gays. **Bagoas**, Rio Grande do Norte, v. 2, n. 2, 2008. P. 211-230. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v02n02art10_nussbaumer.pdf>. Acesso em: março de 2014.

PAIVA, Antonio Cristian Saraiva . Dispositivos da (homo) sexualidade e biopolítica dos afetos: expressão dos sentimentos da homossexualidade no laço social. In: II Congresso Sul-Americano de Psicanálise sobre Violência, Culpa e Ato: causas e efeitos subjetivos, 2009, Fortaleza. As intermitências do Poder, da Morte e da Biopolítica Moderna. **Anais do Congresso**, 2009. p. 01-10. Disponível em: <http://www.labiopsi.com.br/evento/images/stories/anais/Cristian_Paiva.pdf>. Acesso em: abril de 2014.

PRECIADO, Beatriz. **Biopolítica Del Género.** Filosofia – Universidad de Princeton París 8 – Saint-Denis, sem data.

PRECIADO, Beatriz; BUTLER, Judith. Judith Butler y Beatriz Preciado en entrevista con la revista Têtu. **Têtu**, n. 138, 2008. Entrevista concedida a Ursula Del Aguila.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista de Estudos Feministas**, vol.10, n.1, 2002. pp. 155-167. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2002000100009&script=sci_arttext>. Acesso em: setembro de 2013.

RABINOW, Paul; ROSE, Nikolas. O conceito de biopoder hoje. **Política & trabalho.** Revista de Ciências Sociais, n. 24, abril de 2006, p.27-57. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/politicaetrabalho/article/view/6600/4156>>.

RIVIÈRE, Claude. **Os ritos profanos**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SANTOS, Cláudia Amaral dos. **A invenção da infância generificada**: a pedagogia da mídia impressa constituindo as identidades de gênero. Porto Alegre: UFRGS, 2004, 154 p. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/4979>>. Acesso em julho de 2014.

SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**, São Paulo, n. 16, 1998. Disponível em: <revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/11183/8194>. Acesso em novembro 2011.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, v.28, Dossiê Sexualidades Disparatadas, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>>. Acesso em: maio de 2011.

SEGATA, Jean. Da Arte de se Traduzir: corporalidades e gênero nos mundos possíveis no ciberespaço. **Campos**, v. 9, n. 1, p. 159-176, 2008. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/campos/article/viewFile/13877/9350>>. Acesso em: março de 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. IN: _____ **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2009.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris**: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

TOLEDO, Livia Gonsalves; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Questionamentos lesbianos da primazia do falo. **Fazendo Gênero**, 2008, UFSC, Florianópolis - SC. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST50/Toledo-Teixeira_Filho_50.pdf>. Acesso em setembro de 2013.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras; BECKER, Simone. "A violência normativa e os processos de subjetivação: contribuições para o debate a partir de Judith Butler". In: FAZENDO GÊNERO 9: DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS, 9., 2010, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2010. p. 1-8. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278169629_ARQUIVO_TrabalhocompletoMJFTeSBAviolencianormativa.pdf>. Acesso em: julho de 2013.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

WEINMANN, Amadeu de Oliveira. Dispositivo: um solo para a subjetivação. **Psicologia e Sociedade**, vol.18, n.3, 2006. pp. 16-22. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822006000300003>. Acesso em novembro de 2014.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2009.

ZAGO, Luiz Felipe. **Os meninos**: Corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos na internet. Porto Alegre: UFRGS, 2013. 331 p. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2013.

SITES

ALEXA, 2014. Site: <http://www.alexa.com>.

BRENDA, 2014. Site: <http://www.benderapp.com/brenda.html>.

GRINDR, 2014. Site: <http://grindr.com>.

Jean Wyllys. Pilar, uma mãe como tantas outras. 2013.

<http://jeanwyllys.ig.com.br/index.php/2013/08/02/pilar-uma-mae-como-tantas-outras-maes/>

APÊNDICES

APÊNDICE A
QUADRO DESCRITIVO DAS ENTREVISTAS

Nome/ Idade	Cor	Escolaridade	Ocupação	Moradia	Identidade Mais Citada	Classe Social	Tipo de Entrevista/ Período
Gabriela/ 22	Branca	Ensino Superior - cursando	Estudante	Londrina	Lésbica	Classe média	Skype 2x/ Presencial 2x 2012
Andrea/ 21	Branca	Ensino Superior - cursando	Estudante	Londrina	-	Classe média	Presencial 2x 2012
Anita/ 27	Branca	Ensino Superior - cursando	Autônoma	Londrina	Lésbica	Classe média	Presencial 1x 2012
Beatriz/ 22	Branca	Ensino Superior - cursando	Policia	Londrina	Lésbica	Classe média	Presencial 1x 2013
Ticiane/ 34	Branca	Ensino Superior completo	Artista Plástica	Londrina	-	Classe média alta	Facebook 2x/ Presencial 2x 2012-2013
Miranda/ 29	Branca	Curso Técnico	Desemprega da	Interior de SP	Lésbica	Classe média	Skype 1x 2012
Cecília/ 18	Negra	Ensino Superior - cursando	Estudante	Z. Norte SP	Bissexual	Classe média baixa	Skype 3x/ Presencial 2x 2013-2014
Mariana/ 19	Morena	Ensino Superior - cursando	Estudante	Interior do RS	Lésbica	Classe média	Skype 2x 2013
Leda/ 40	Branca	Ensino Superior - cursando	Fotógrafa	São Paulo	Lésbica	Classe média	Skype 1x 2013
Clara/ 25	Morena	Ensino Superior completo	-	Goiás	Bissexual	Classe média alta	Skype 3x 2014
Carla/ 25	Morena	Ensino Superior completo	Advogada	Paraná	Lésbica	Classe média	E-mail/ Skype 2x 2012-2013
Marina/ 28-29	Branca	Ensino Superior completo	Psicóloga	São Paulo	Lésbica	Classe média alta	Facebook/ Skype 2x/ Presencial 2x

							2012-2014
Tábata/ 28	Branca	Ensino Superior completo	Eventos culturais	São Paulo	Lésbica/Sapatão	Classe média	Facebook/ Presencial 2x 2013-2014
Diana/ 29	Parda	Ensino Superior completo	Funcionária Pública	Nordeste	Lésbica	Classe média alta	Skype 2x 2014
Mari/ 25	Morena	Ensino Superior - cursando	Jornalista	Ceará	Lésbica	Classe média	Skype 1x 2014
Eva/ 27	Morena	Ensino Superior completo	Educadora	São Paulo	Lésbica	Classe média	Skype 1x 2014
Elen/ 38-40	Branca	Ensino Superior completo	Funcionária pública	Rio de Janeiro	Lésbica	Classe média	E-mail/ Skype +5x 2012-2014
Juliana/ 20	Branca	Ensino Superior - cursando	Estudante	Santa Catarina	Lésbica	Classe média	E-mail 2012
Flávia/ 36	Branca	Ensino Superior completo	Arquiteta	Rio/ São Paulo	Bissexual	Classe média	E-mail/ Presencial 2x 2012-2014
Lana/ 25	Morena	Ensino Superior completo	Estudante	Santa Catarina	Lésbica	Classe média alta	E-mail 2012
Manu/ 26	Branca	-	-	Santa Catarina	Lésbica	Classe média	E-mail 2012
K.A/ 28	Branca	Ensino Superior completo	-	Santa Catarina	Lésbica	Classe média	E-mail 2012
Katia/ 25	-	Ensino Superior cursando	Estudante	Belém	Lésbica	Classe média	E-mail 2012
Maria/ 27	Branca	Ensino Superior cursando	Estagiária	Porto Alegre	Bissexual	Classe média	E-mail 2012-2013
Paula/ 46	-	-	-	-	Lésbica	Classe média	E-mail 2012
Raquel/ 22	Branca	Ensino Superior cursando	-	Belo Horizonte	Lésbica	Classe média	E-mail 2012
V.M/ 32	Branca	Ensino Superior completo	Mídia/ Televisão	Mato Grosso	Lésbicas	Classe média	E-mail 2012-2013

ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

- Nome, idade, cor/raça, ocupação, de onde é ou onde mora, orientação sexual, classe social.

➤ **Sobre o Gaydar**

- 1) O que é Gaydar pra você?
- 2) Você costuma usar o Gaydar?
- 3) Em que se baseia o seu Gaydar?
- 4) Você tem alguma preferência em identificar homens ou mulheres como homossexuais? Por quê?
- 5) Você usa ou já usou o gaydar *online* (em redes sociais e afins)?
- 6) Você acha que algumas pessoas têm o gaydar melhor do que outras? Por quê?
- 7) Você já refletiu sobre a “existência do gaydar”?
- 8) Por que você acha que existe um gaydar?
- 9) Como você acha que se forma, que se constrói um gaydar?
- 10) Para quê você usa o seu gaydar? Com quais objetivos e em quais situações?
- 11) Qual a finalidade de ser notada/se fazer notar? Ou de se “esconder”, tentar “disfarçar” a homossexualidade/bissexualidade?

➤ **Sobre o armário**

- 1) O que é o armário pra você?
- 2) O que significa estar ou sair do armário pra você?
- 3) Como é, foi ou será a questão de sair do armário?
- 4) Como você observa isso (assumir-se ou não) nos outros?

➤ **Sobre “identidade”, relações sócio-familiares e cotidiano**

- 1) O que você se considera afetivo-sexualmente? Por quê?
- 2) Como são as pessoas com as quais você se relacionada no dia-a-dia? Mais cabeça-aberta, mais conservadoras...?
- 3) A identidade lésbica é importante pra você? Por quê?
- 4) Ser lésbica/homossexual define de alguma forma?
- 5) Quais seus interesses em geral?
- 6) Fale um pouco sobre suas experiências afetivo-sexuais...
- 7) Como é a sua relação com seus pais tendo como referência a sua sexualidade?
- 8) Como é a sua relação com os outros (amigos, trabalho, parentes, desconhecidos etc.) tendo como referência a sua sexualidade?